UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO-SENSU*
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

DÓBIA PEREIRA DOS SANTOS NASCIMENTO

TERÇO CANTADO DA COMUNIDADE TAMBIOCÓ EM CATALÃO - GO: um estudo do *continuum* entre oralidade e escrita

CATALÃO
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL DE CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO-SENSU*
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

DÓBIA PEREIRA DOS SANTOS NASCIMENTO

TERÇO CANTADO DA COMUNIDADE TAMBIOCÓ EM CATALÃO-GO: um estudo do *continuum* entre oralidade e escrita

Dissertação apresentada ao Mestrado em Estudos da Linguagem da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Língua, Linguagem e Cultura

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena de Paula

CATALÃO
2015

DÓBIA PEREIRA DOS SANTOS NASCIMENTO

TERÇO CANTADO DA COMUNIDADE TAMBIOCÓ EM CATALÃO-GO: um estudo do *continuum* entre oralidade e escrita

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito final para a obtenção do título de Mestre.

Aprovado em: _____

Comissão Examinadora:

_____

Presidente, Profª Drª Maria Helena de Paula – Regional Catalão/UFG

_____

Profª Drª Vanessa Regina Duarte Xavier – Mestrado em Estudos da Linguagem, Regional Jataí/UFG

_____

Prof. Dr. Ismar da Silva Costa – Mestrado Profissional em História, Regional Catalão /UFG

_____

Profª Dra. Regma Maria dos Santos – Mestrado Profissional em História, Regional Catalão /UFG - Suplente

_____

Profª Dra. Kênia Mara Siqueira de Freitas – Mestrado em Estudos da Linguagem, Regional Catalão/UFG - Suplente

CATALÃO

2015

RESUMO

Este estudo teve como objetivo perceber a importância da oralidade e da escrita para a manutenção de eventos do catolicismo popular na região rural denominada Tambiocó. Para tanto, tomamos por objeto de estudo a letra escrita de um terço que é, tradicionalmente, cantado na região. A fim de comprovarmos a existência de diversas manifestações do catolicismo popular naquele lugar, entrevistamos os rezadores/cantadores mais velho e mais novo, que fizeram relatos sobre as manifestações religosas da região. Realizamos, então, uma pesquisa qualitativa centrada na inter-relação entre cultura e linguagem (nas modalidades verbal e não-verbal), embasada nas teorias da Linguísitica Antropológica e nos estudos sobre religião popular no Brasil, especialmente o catolicismo. Tomamos por base, ainda, o conceito de *continuum* entre oralidade e escrita, defendido por Marcuschi (2010), para compreendermos a manutenção do terço cantado na comunidade Tambiocó.

Palavras-chave: Terço Cantado; C*ontinuum;* Cultura Popular; Catolicismo Popular

ABSTRACT

This present study aimed to perceive the importance of orality and writing for continuance of events of popular Catholicism in a rural regional called Tambiocó. Hence, we took as object of study the written lyrics of a chaplet, which is, traditionally, prayed in that region. To prove the existence of a variety of manifestations of popular Catholicism in that place, we have interviewed the elder and newer prayers and singers, which made reports of the religious manifestations of the community. Then, we did a qualitative research centered on the interrelation between culture and language (verbal and non-verbal), based on theories of Anthropological Linguistics and in the studies about popular religion in Brazil, especially the Catholicism. We took as base the concept of the continuum between orality and writing, as defended by Marcuschi (2010), to understand the maintenance of the sung chaplet in the Tambiocó community.

Keywords: Sung Chaplet; *Continuum*; Popular Culture; Popular Catholicism

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À professora Gisele da Paz Nunes que primeiro creditou confiança na possibilidade de realização do meu primeiro sonho de pesquisa neste mestrado e a mim repassou parte de seus conhecimentos possibilitando a escrita de um projeto de pesquisa viável para estudo. Agradeço imensamente pelos primeiros passos dados ao seu lado nesse trajeto que agora encerro e que, por motivos alheios a nossas vontades, não pôde traçar até o fim como minha orientadora. Gratidão é o que te ofereço, professora.

ESPECIALMENTE

À professora Maria Helena de Paula, para quem o adjetivo “orientadora” torna-se insuficiente. Agradeço imensamente por ter aceito o desafio de perpassar comigo por esse caminho chamado Dissertação, sem jamais ter cogitado a possibilidade de não acreditar que era possível e de jamais me permitir duvidar que fosse. Pelas falas de incentivo: “você é capaz”, “se eu não achasse que fosse, não teria aceitado ser sua orientadora”, “você pode”, “não vamos trabalhar com a ideia de dilação de prazo”, “vamos conseguir”. É isso: conseguimos, com um tantinho de esforço e sacrifício. Juntas, chegamos ao fim dessa etapa que, ao se encerrar, concretiza a realização de um sonho. Obrigada, sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é exercer a máxima de que somos seres sociais, portanto, realizo esse direito reconhecendo que sem críticas, interlocuções, incentivos nada teria sido como se apresenta agora.

A meu pai, Franciso Albino do Nascimento que, sem perceber, decidiu minha profissão e, consequentemente, realização pessoal; que um dia, há cerca de 20 anos, disse-me "você vai fazer Letras"; a minha mãe, Iraídes Pereira dos Santos Nascimento, a primeira professora da minha existência e que, de forma quase inconsciente, fez surgir em mim o fascínio pelas letras e pelo magistério.

Ao meu irmão, Francisco Albino Pereira Júnior que, em momentos de interlocuções acalouradas, fez-me refletir, inúmeras vezes, sobre o que, verdadeiramente, é ser professora.

A meu esposo, Erivelton Niemeyer Ferreira, que viveu comigo esses quase dois anos de Mestrado, sendo meu suporte e aporte sempre que necessário.

A meu filho, João Manoel Nascimentto Ferreira, que me fez descobrir que existe um amor infinito, incomparável e insubistiuível.

Ao meu sogro, Divino Geraldo Ferreira, a minha sogra, Abdailda Ferreira da Silva e as minhas cunhadas Marilene e Gislene, que nos almoços familiares de domingo, entre lágrimas e risos, deram-me a conhecer suas memórias de infância e adolescência na Comunidade Tambiocó, fazendo-me sentir parte daquele lugar.

Aos moradores da Comunidade Tambiocó, em especial João Batista Ferreira, Fernando de Jesus Ferreira, Adair Assunção e Lázaro Assunção que, tão espontaneamente, contaram-me sobre as tradições, em especial as religiosas, do lugar que eles denominam *nossa região*.

Aos amigos: Blenda, Guilherme, Leíza, Letícia, Maykel, parceiros de caminhada, angústias, vitórias e desabafos.

Aos diretores das Instuições de Ensino nas quais ministro aulas, Irmã Isabel e Marcelo Alcântara, por compreenderem e incentivarem todos os momentos em que se fizeram necessárias as minhas faltas para participação em Congressos e atividades diversas do mestrado.

A todos os amigos que compreenderam a minha ausência em diversos momentos por saberem que o objetivo era nobre, a realização de um sonho.

Especialmente, a todos os pertencentes à região do Tambiocó que, a cada encontro, a cada terço, a cada festividade, mostravam-se interessados e dispostos a contribuir com a

pesquisa que eu realizava e que daria origem a um “livro” que perpetuaria momentos importantes para todos.

Obrigada.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotos

Foto 1 - Igreja do Tambiocó 29
Foto 2 - Cruzeiro na procissão 30
Foto 3 - Reza do terço na Igreja do Tambiocó 31
Foto 4 - Mastro do Divino Espírito Santo e São Sebastião 32
Foto 5 - Fogueira na festa do Tambiocó 33
Foto 6 - Cruzeiro antes da reza do terço 35
Foto 7 - Procissão no morro do cruzeiro 36
Foto 8 - Cruzeiro enfeitado para o terço 37
Foto 9 - Jogar água no cruzeiro 38

Quadros

Quadro 1 - Representação do contúnuo dos gêneros textuais na fala e na escrita 49
Quadro 2 - Terço em Latim e Português do missal 60
Quadro 3 - Terço em Latim e transcrição dos moradores do Tambiocó 63
Quadro 4 - Quadro comparativo das versões transcritas e em Latim 66
Quadro 5 – Alteração de sentido em trechos do Terço cantado 67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11
0.1 Proposição do assunto 11
0.2 Sobre os sujeitos e o objeto de estudo 12
0.3 Estrutura do trabalho 14

PARTE I - RECORTES TEÓRICOS..... 15
I Recorte de cultura popular, catolicismo popular e comunidade 15
1.1 Cultura, cultura popular e comunidade 15
1.2 Catolicismo popular e suas manifestações em comunidades rurais 20
1.3 Identificação dos narradores e descrição das condições da entrevista 24
1.4 Procedimentos de transcrição da entrevista 25
1.5 Sobre a comunidade do Tambiocó 28

PARTE II – ENTRE A ESCRITA E A ORALIDADE, DIVERSIDADE DE GÊNEROS DO DISCURSO 42
I Oralidade, escrita e gêneros do discurso 42
1.1 Os lugares da oralidade e escrita nas sociedades letradas 42
1.2 O *continuum* entre gêneros orais e escritos..... 46
II O Terço como gênero do discurso..... 49
2.1 Caracterização do terço como prática de cultura popular 50
2.2 Terço, gênero do discurso oral e escrito 52

PARTE III – ANÁLISE DO *CORPUS* – EXCERTOS ORAIS NA ESCRITA 57
I A forma de se rezar na comunidade Tambiocó 57
1.1 O erudito manifestando-se na cultura popular, a presença do Latim no Terço cantado do Tambiocó 59
1.2 Da escrita para a fala: transcição do Terço cantado do Tambiocó, o Latim para ser entendido 62
1.3 Aspectos orais em contraposição com a escrita 65

CONSIDERAÇÕES FINAIS 70

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 72

ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 74

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DO TERÇO FEITA PELOS MORADORES..... 99

APÊNDICE II – LETRA DO CÂNTICO ENTOADO PELOS MORADORES PARA ROGAR A DEUS QUE CHOVA 107

APÊNDICE III - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CATALÃO 108

APÊNDICE IV- MAPA DAS COMUNIDADES RURAIS DE CATALÃO..... 109

INTRODUÇÃO

01 Proposição do assunto

O presente estudo recebe o nome de *Terço cantado da comunidade Tambiocó em Catalão GO: um estudo do continuum entre oralidade e escrita*, delimitando, na primeira parte, o objeto de estudo e a comunidade rural estudada e, na segunda parte, o recorte teórico que será observado no objeto.

Discussões sobre cultura e suas variadas formas de manifestações têm perpassado as diversas sociedades, por um longo período de tempo, a fim de esclarecer eventos que são típicos dos mais diversos povos, cada um com suas particularidades.

Tais discussões têm propiciado a concretização de pensamentos distintos que pretendem definir as diferentes culturas e suas manifestações e colocá-las em patamares que impossibilitem o esquecimento ou desconhecimento de uma em relação a outras.

Neste trabalho, procuramos mostrar que a cultura é diversa e uma das responsáveis pela caracterização de um povo, neste caso, da comunidade rural denominada Tambiocó, na cidade de Catalão. Enfatizamos o fato de que uma cultura advém da mistura das culturas de sociedades diversas que, em algum momento da história, se relacionam, tornando-a mais rica de informações e não caótica, como se poderia imaginar (BOSI, 1987).

Para tanto, estabelecemos uma diferenciação entre culturas erudita, de massa e popular, como forma de deixarmos evidente o lugar do nosso objeto de estudo nessa pluralidade cultural existente dentro de uma mesma sociedade.

Com este intuito, realizamos um levantamento das diversas formas de manifestação da cultura popular na comunidade rural escolhida, percebendo a presença de benzeções, rezas para fins específicos (para chover, por exemplo), folia de Reis e mutirões.

Utilizamos como fonte material de estudo linguístico o Terço cantado na Comunidade Tambiocó, localizada na zona rural do município de Catalão, sudeste do Estado de Goiás. Analisamos a transcrição feita pelos moradores da região, da letra do Terço, enfatizando a parte que reproduz a Ladainha de Nossa Senhora, originalmente escrita em Latim, língua que durante séculos foi utilizada pelos membros do Clero católico como exclusiva em suas orações, tanto as íntimas quanto as que podiam ser assistidas pela população. Nessa época, os rituais eclesiásticos feitos pelos membros da Igreja Católica eram na maioria assistidos pela nobreza, visto que as pessoas que compunham o povo não tinham acesso ao ensino do Latim, portanto não compreendiam o que estava sendo dito. No entanto, cabe considerar que não compreender

a língua dos rituais não impedia que pessoas do povo assistissem a eles, uma vez que os rituais se constituíam de outras linguagens.

Observar a presença da oralidade na escrita da letra do Terço cantado é o principal objetivo deste estudo, levando em consideração que esta é uma das manifestações do catolicismo popular presentes no local, que possui uma maior frequência, estabelecendo uma ligação entre todas as outras festividades religiosas.

Tal observância está diretamente ligada à comprovação da hipótese de que elementos orais na escrita, nesse caso, surgem devido ao desconhecimento da grafia e da pronúncia do idioma original de parte do Terço, o Latim, e se apresentam como recurso utilizado pelos cantadores/rezadores na tentativa de facilitar a memorização da letra por pessoas que possam despertar o interesse em aprendê-la, perpetuando, assim, uma tradição presente no local há décadas. Outro aspecto importante é serem os encontros para realização de momentos religiosos oportunidades de reencontros entre membros da mesma comunidade que não se reúnem cotidianamente ou por não terem momentos disponíveis em seus convívos ou por, apesar de pertecerem à Comunidade, não mais residirem nela.

O despertar do interesse em estudar tal tema se deveu à nossa participação em uma disciplina voltada para o estudo da cultura popular no Mestrado em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Goiás, Regional de Catalão e à convivência particular com a comunidade rural em questão e suas festividades religiosas, que acontecem de tempos em tempos, durante todo ano.O interesse especial pelo Terço Cantado surgiu por nos parecer a manifestação do Catolicismo popular mais admirada do local e motivo de orgulho dos integrantes daquele lugar.

02 Sobre os sujeitos e o objeto de estudo

O objeto de estudo deste trabalho é a letra escrita, de um terço tradicionalmente rezado/cantado na comunidade Tambiocó. Na região, é conhecido como Terço cantado e é frequente nas comemorações religiosas há cerca de cinco décadas. Atualmente, suas versões escrita e cantada podem ser encontradas em folhas pertencentes aos rezadores e em gravações de vídeo e aúdio de propriedade de vários moradores da região e em uma rádio da cidade.

As duas versões são utilizadas nesta pesquisa com o intuito de responder às perguntas feitas ao objeto. Objetivamos, então, perceber em quais aspectos a versão escrita pelos próprios moradores do local apresenta marcas de oralidade que reforcem a teoria de que uma e outras

formas de comunicação (oral e escrita) possuem entrecruzamentos denominados *continuum* e *relativa estabilidade* pelos teóricos selecionados a fim de sustentar a hipótese inicial.

Outro documento constante desta pesquisa é uma entrevista[1] realizada com dois integrantes da comunidade que são rezadores/cantadores atuantes do Terço. Tal entrevista foi realizada oralmente, aqui aparece transcrita, e tem como objetivo dar a conhecer a comunidade estudada e suas várias histórias, que comprovam a existência de diversas manifestações do catolicismo popular naquele local.

Por meio das informações obtidas na entrevista, é possível entender como é a dinâmica das manifestações de cultura popular da região, conhecer a história do surgimento do Terço naquele lugar, entender o interesse e a importância que os moradores dão a essa prática e avaliar a necessidade que os próprios rezadores entenderam haver de escrever o que antes era apenas cantado.

Os sujeitos entrevistados são homens, nascidos na região, pai e filho, e foram escolhidos por serem os cantadores/rezadores atuantes mais velho e mais novo. Com o pai, pudemos conhecer a história do surgimento de várias festividades católicas na região e compreendermos que, com o passar dos anos, elas foram sofrendo alterações em seus rituais. Com o filho, percebemos a importância da escrita para a perpetuação de ritos que outrora eram perpassados unicamente de forma oral.

Para que não haja possibilidade de identificação, conforme exigência do Comitê de Ética em Pesquisa, denominamos E1 e E2, respectivamente pai e filho, os sujeitos dessa pesquisa. Apesar de pertencerem à mesma família e comunidade, E1 e E2 possuem distanciamento em suas opiniões sobre a importância dada pelos atores da comunidade em relação às manifestações religiosas do local. Parece ser o tempo, que estabelece vivências sociais distintas, o responsável por esse distanciamento de opiniões, já que E1 relembra com saudosismo o início de sua integração nas festividades religiosas da comunidade e E2 analisa cada evento religioso do lugar com olhos de cidadão dos tempos atuais, que parece ser, em sua maioria, mais descrente em relação à importância dada aos membros da comunidade e da própria Igreja a tais manifestações populares de religiosidade. A percepção dos sujeitos sobre o terço do qual participam ativamente é motivada pelo tempo, elemento que para Bosi (1987) caracteriza as manifestações de cultura como adiante abordaremos.

[1] A presente pesquisa foi submetida no dia 10/05/2014 ao Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número de processo 31014214.5.0000.5083 e foi aprovada em 23/06/2014.

03 Estrutura do trabalho

O presente estudo encontra-se dividido em três partes, a primeira, destinada à definição de Cultura Popular, Catolicismo Popular e Comunidade. Estabelece-se, neste momento, o recorte necessário das várias definições de Cultura Popular para atender à proposição do trabalho. É feita, ainda, uma apresentação das diversas manifestações de Catolicismo Popular presentes na comunidade estudada, além de identificar os narradores das histórias via entrevista e delimitar os procedimentos de sua transcrição.

A segunda parte tem como objetivo diferenciar oralidade de escrita e definir gêneros a fim de localizar o objeto de estudo, o Terço Cantado, em uma situação de comunicação específica. Para isso, tomamos definições de autores da Sociolinguística e da Análise do Discurso com o intuito de estabelecermos um paralelo entre teorias distintas que sofrem confluências em seus conceitos e subsidiam a teoria de que o objeto de estudo aqui presente apresenta características tais que o inserem na denominação de gênero textual/discursivo.

Na terceira parte, encontramos a análise do *corpus*, a letra do Terço Cantado, transcrita pelos moradores da região, estabelecendo, a princípio, uma comparação entre a versão dos moradores e a versão presente em um livro oficial da Igreja Católica, onde estão inscritas diversas orações, inclusive a segunda parte do Terço cantado em Latim e que é o foco central do nosso estudo. Desta parte, consta, então, a versão oficial da Igreja, a versão dos moradores da região do Tambiocó, a apresentação dos termos orais na escrita da letra e a análise dos processos gráficos responsáveis pela transcrição.

Constituem ainda o trabalho um anexo, no qual se encontra a transcrição da entrevista, e dois apêndices em que são apresentados dois mapas, um do Estado de Goiás e outro das comunidades rurais do município de Catalão.

PARTE I- RECORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Cultura e sua pluralidade são definições fundamentais para apresentação deste trabalho que se propõe a analisar a comunidade rural de Catalão denominada Tambiocó e suas manifestações de Cultura Popular. Para tanto, neste primeiro capítulo, localizaremos a discussão sobre cultura que entendemos ser a viável para a apresentação e discussão do tema proposto, apresentando considerações sobre características presentes nas manifestações populares de cultura, comunidade e Catolicismo Popular, além da localização do campo de estudo, identificação dos narradores das diversas manifestações do Catolicismo Popular na comunidade, via entrevista e os procedimentos utilizados para a transcrição desta.

I Recorte de cultura popular, catolicismo popular e comunidade

Ao falarmos de cultura, deparamos com uma série de autores e correntes de estudos que apresentam teorizações diversificadas e várias. Entretanto, aqui, realizamos um recorte teórico a fim de tratar apenas dos conceitos de cultura que evidenciam a noção de enraizamento e pertencimento a uma comunidade, visto que esses fatores são essenciais para o nosso estudo e a garantia da noção de que cabem à cultura a manutenção e a continuação de eventos que identificam uma comunidade.

1.1 Cultura, cultura popular e comunidade

Definir cultura tem se mostrado um trabalho desafiador para pesquisadores diversos, como linguistas, historiadores, geógrafos, filósofos e sociólogos. Isso porque a cultura mostra-se um campo fértil e variável de manifestações de relações entre pessoas e que são entendidas diferentemente, segundo conceitos de cada ciência apresentada.

Segundo Schwartzman (1997), a Sociologia entende que a cultura não pode ser vista como manifestação própria e diferente de cada povo, que não é única ou irredutível já que, se entendida assim, terá de considerar que a humanidade é unitária e que todo ser humano é igual, afirmando que as diferenças que possam aparecer são passageiras e desfavoráveis.

Para nosso estudo, faremos um recorte nas múltiplas definições sobre cultura, considerando a impossibilidade de alcançarmos a grandeza de informações disponíveis e relevantes sobre tal assunto, além, é claro, de não ser esse um trabalho comparativo entre as

diversas formas de pensar o mesmo tema. Entendemos cultura conforme nos orientam Bosi (1987), Machado (2002), Monteiro e Dias (2010) e Paula (2007).

Isto posto, a cultura pode ser entendida como as diversas nuances que permeiam as relações humanas, adjetivando cada grupo conforme as características e práticas culturais que compartilham e entendem como verdade em suas relações cotidianas, envolvidas em um determinado momento histórico, conforme Paula (2007, p. 74) destaca:

> Cultura é o conjunto de práticas sociais, situadas historicamente, que se referem a uma sociedade e que a fazem diferente de outra. Baseia-se na construção social de sentidos e ações, crenças, hábitos, objetos que passam a simbolizar aspectos da vivência humana em coletividade. Construída socialmente no cotidiano das relações humanas demanda que seja definida no seio das relações sociais e históricas que a amparam e por ela são caracterizadas.

Portanto, cada sociedade apresenta características próprias em suas redes de convivência diária que a torna particular e que possibilitam a identificação de cada membro pertencente ao grupo, tanto por eles mesmos quanto por quem os observa. Cultura efetiva-se na parecência de ações, conhecimentos, ideologias entre os membros pertencentes a um grupo social, a uma comunidade.

A pluralidade na construção das diversas culturas presentes em uma mesma sociedade é latente e pode ser observada desde os mais remotos tempos. Em se falando de Brasil, houve um entrelaçamento inicial de pelo menos três culturas, a indígena, a portuguesa e a africana, que gerou as diversidades tão marcadas na construção dos ideais culturais do nosso povo. Assim como a cultura popular exerce influência na cultura erudita, e o contrário também é verdadeiro, as culturas de povos diferentes também se relacionam entre si, possibilitando o surgimento de culturas cada vez mais ricas e diversas. Porém, não se deve entender essa mistura como uma falta de identidade e de organização de um povo, como se poderia imaginar, uma vez que "Plural sim, mas não caótico, o mapa das subculturas do Brasil, calca-se sobre as linhas de força da nossa divisão social" (BOSI, 1987, p. 15).

Portanto, as várias manifestações de cultura recebem suas influências, possuem suas características próprias e convivem em uma mesma sociedade, cada qual com seus sujeitos que as realizam mantendo, ainda assim, uma ordem, uma lógica.

Erudita e popular parecem ser duas dessas manifestações que mais se distanciam e que provocam desigualdade entre seus integrantes. A primeira, vista como mais elaborada por boa parte das pessoas que entram em contato com ela, possui função estética, é capaz de refletir

sobre si própria e sobre as outras manifestações culturais, possui domínio do letramento e acesso a conhecimentos científicos.

Apesar de possuir função imediata, a cultura popular não pode ser apreendida de forma instantânea, é preciso ter vivência dentro do contexto social em que ela se apresenta, é preciso ver, ouvir, sentir o fazer das manifestações diversas dessa cultura, suas crenças, costumes, hábitos e conhecimentos, é memorizada e repassada entre seus atores, quase que prioritariamente, na modalidade oral. Para Machado (2002, p. 335):

> De uma forma bem simples, podemos definir, em um primeiro instante, cultura popular como todas aquelas práticas e representações culturais vivenciadas no cotidiano de atores sociais específicos, distantes do racionalismo científico, como forma de recriação do seu universo: crenças, hábitos, costumes, conhecimento.

Entretanto, não se deve entender que haja um distanciamento tal entre as duas manifestações de cultura que provoque o não conhecimento ou a ausência de influências de uma sobre a outra. Há vários exemplos de cultura erudita bebendo na fonte da cultura popular, quando, por exemplo, um músico escreve em partituras músicas pertencentes à cultura popular, assim como fez Mario de Andrade e Villa-Lobos, para citar dois exemplos importantes na formação da cultura erudita do Brasil (MONTEIRO; DIAS, 2010, p. 349). Bosi (2009, p. 326) concorda e justifica a existência de pontos de junção entre cultura erudita e de popular:

> A cultura popular pertence, tradicionalmente, aos estratos mais pobres, o que não impede o fato de seu aproveitamento pela cultura de massa e pela cultura erudita, as quais podem assumir ares populescos ou populistas em virtude de sua flexibilidade e da sua carência de raízes.

O enraizamento caracteriza a cultura popular e torna-se um de seus elementos mais fortes na manutenção de suas práticas. O saber que se dá por meio das experiências práticas ou orais repassadas pelos mais velhos faz com que os ensinamentos, as crenças, os hábitos se perpetuem. É comum ouvirmos dos atores dessa cultura dizeres que enfatizam o enraizamento, tais como: *sempre foi assim; meu bisavô passou pra meu avô, que passou pro meu pai, que passou pra mim e eu vou passar pros meus filhos e netos*[2]. A importância do enraizamento como forma de transmissão e perpetuação de conhecimento, fica evidente na fala do

[2] Trecho retirado da entrevista realizada com rezadores do terço, transcrita no final deste trabalho.

entrevistado, denominado E1, quando revela sua indignação diante do fato de o padre ter proibido a parte festiva da Festa do Tambiocó que ocorria há décadas na região

> E1- Ah, eu achei ruim dimais tê (a)cabado cu'iss'aí [com isso aí], né tanto por mim não, pu'caus'desse [por causa desse] povo mai(s) novo que tá vino, né, que tradição de quantos ano? Só que, só qu'eu lembro dessa fest'em [festa tem] cinquenta e oito ano, é, já ixistia ela num sei quantos ano pá trais, intão ũa tradição dessa o padre chegá (a)í, né, foi tud'oado [tudo doado] pela comunidade o que tem lá, o padre chegá lá e falá que num aceita fazê mais, eu achei muito ruim essa decisão do padre, mas igul'ele (a)cabô de falá (a)í ó, o dia que picisava do povo riuni [reunir] pá contestá contr'ele lá num foi ninguém, ninguém interessô, pur iss'qu'eu [isso que eu] falo o povo tá muito disinteressado nessa part'í [parte aí], parte religiosa, par'tradição [parte da tradição], né, puque tradição num é um trem que (a)caba daqui pra'li [para alí].
> P- O senhor acha que não?
> E1- Eu ach'que não uai, iss'tem é, tem raiz funda, né.
> P- Lá nos antepassados?
> E1- Tá doido, uai, tem muit'história pá contá, igual'eu tô contano pro cê (a)qui de quantos ano? Não é. Agora meus neto, né, vamu supô, meu neto num vai dá nutiça [notícia] diss'aí mais, uai.
> P- Ele não vai saber contar história.
> E1- Uai, esse(hesitação), essas fest'aí meu av(hesitação), meu bisavô feiz ela, passô pu meu avô, passô pu meu pai, passô pra mim, eu tô passano pra êse, agora u, chega essa decisão (a)í, fais'í [faz isso aí].[3]

Observando o ponto de vista de E1, podemos ter a certeza de que os conhecimentos adquiridos e comuns àquela sociedade em que se está inserido devem permanecer para além da existência de seus atores. Sobre esse aspecto, Pessoa (2005, p. 7) diz que:

> [...] somos portadores de cultura, ou seja, ao produzirmos nosso alimento, nossos meios de locomoção, nossos utensílios domésticos e de trabalho, imprimimos, em cada ato e em cada objeto, nossa subjetividade, nossos valores morais, nossas crenças. Uns o fazem a partir de uma lógica urbana, escolar e industrial ou em nome das instituições de que fazem parte. Outros o fazem, predominantemente, a partir de um modo de vida rural ou com uma sua forte herança. No primeiro caso há uma influência significativa das regras estabelecidas ou acordadas, ou do domínio da escrita. No segundo caso, sem um domínio fluente da linguagem escrita, as crenças, os sentidos e os valores são impressos diretamente em cada gesto, em cada fala ou em cada objeto produzido. Por isso chamamos uma ópera de cultura erudita e uma congada de cultura popular

[3] Excerto da entrevista constante do anexo.

Tais conhecimentos compartilhados parecem estabelecer entre seus praticantes uma semelhança de valores, crenças, desejos e hábitos que os tornam parecidos e os diferenciam daqueles que possuem outros, criando assim a convivência em comunidades.

Viver em grupos é uma das características que pertence aos homens. Quase sempre os integrantes de cada grupo compartilham uma vivência em comum, o que os faz possuirem identidades semelhantes. Tais grupos podem ser divididos geograficamente, intelectualmente, culturalmente ou historicamente. Portanto, pode-se entender que os indivíduos compartilhantes de um mesmo grupo vivem em comunidade. Souza e Brandão (2002, p. 110-111) afirmam

> Desde um indivíduo até suas múltiplas relações, as formas de viver em e na comunidade são estabelecidas por uma rede de relações sociais interativas, constituídas por um modo de vida próprio. Algo passado, vivido e pensado entre e através de atores sociais e em um determinado tempo-espaço.

A comunidade vai além de um espaço físico compartilhado por pessoas que, quase sempre, possuem interesses (religiosos, financeiros, culturais) semelhantes, visto que elas podem habitar espaços físicos distintos e pertencerem a uma mesma comunidade. Isso se dá quando, por exemplo, um morador de uma determinada comunidade rural se muda para a cidade a fim de conseguir uma vida, quase sempre financeira, menos penosa e trabalhosa que a do seu lugar de origem. Porém, frequentemente, retorna à sua comunidade para vivenciar eventos sociais diversos pertencentes àquele povo, tais como rezas, festas, mutirões, além de manter relações de parentesco com moradores do local, como é o caso do sujeto mais jovem da nossa pesquisa, identificado como E2.

Portanto, as relações sociais vivenciadas em comunidade estabelecem vínculos que vão para além das delimitações territoriais, ou o fato de ter como origem de nascimento aquele lugar, estabelece-se, então, a noção de pertencimento, viver em comunidade é pertencer a ela e carregar em si as características diversas que identificam os integrantes dela. Os espaços de convivência em uma comunidade podem variar em geográficos, locais onde estão as habitações; reprodução de vida, locais de práticas econômicas; convivência, locais para ações comuns; instituições sociais, locais fora da comunidade. Souza e Brandão (2002, p. 112, grifos dos autores), afirmam ainda

> A diferença entre o viver “na” e ser “da” comunidade está no sentimento de pertencimento, afinidade, na relação de reciprocidade e na formação de uma identidade com o lugar. A identidade se cria pelos laços de afetividade com o

> território e com as pessoas, através de seus modos de vida e representações do espaço de vivência.

As comunidades rurais caracterizam-se e se diferenciam muitas vezes das culturas urbanas pela presença constante e fortemente marcada das manifestações diversas de cultura popular, como a reza do terço de casa em casa para que Deus mande chuva em época de seca, as festas em homenagens a santos de devoção, as benzeções para alívio de males diversos que afligem o povo e seus pertences, os mutirões, as *demão* que ajudam cada qual no plantio e colheita de seus alimentos, nas *treições* para limpeza de regos d'água que alimentam as casas. Viver em comunidades rurais é manter relações sociais diversas que encontram sustento na religiosidade e na colaboração mútua para a manutenção do viver juntos.

Há quem diga que a ideia de viver em comunidade se dá porque há entre os sujeitos o carisma que os faz interessados em eventos semelhantes. Geertz (1995, p. 184, grifo do autor), ao analisar a teoria de carisma para Edward Shils, especifica o conceito de centros ativos de ordem social:

> No caso de Shils, as dimensões do carisma previamente negligenciadas são retomadas quando se focaliza a conexão entre o valor simbólico de indivíduos e a relação que estes mantêm com os centros ativos da ordem social. Tais centros, que "não têm qualquer relação com a geometria e muito pouco com a geografia", são em essência, locais onde se concentram aitividades importantes, consistem em um ponto ou pontos de uma sociedade, onde as idéias dominantes fundem-se com as instituições dominantes para dar lugar a uma arena onde acontecem os eventos que influenciam a vida dos membros desta sociedade de uma maneira fundamental.

A presença da religiosidade é notória em comunidades rurais, centros ativos de ordem social, onde a fé une, cria esperanças, relações sociais indispensáveis para a convivência em sociedade. O catolicismo popular torna-se, então, um fator de coesão entre membros de uma mesma comunidade, vivendo, ou não, no mesmo território, como é o caso da comunidade em estudo.

1.2 Catolicismo popular e suas manifestações em comunidades rurais

Ter fé, acreditar que há uma existência além do que se pode ver ou constatar empiricamente é uma característica do homem. É preciso que haja explicações para fatos

pertinentes à vivência e que, muitas vezes, vão além do que se pode teorizar. As religiões surgem na tentativa de apresentar conforto onde não há respostas.

O catolicismo popular, fortemente encontrado nas comunidades rurais do Brasil, é aqui apresentado segundo as concepções de Brandão (2007), Guimarães (1973), Pessoa (2005) e González (1992).

Visto de fora, o catolicismo popular pode ser analisado equivocadamente como sendo uma quebra, um rompimento com a Igreja por não contar com a presença constante de representantes oficias dela como padres e ministros, além de manter características que pertencem ao lugar onde ele está presente, tais como linguajar coloquial, altares confeccionados e enfeitados com o que se pode encontrar no quintal. Porém, Pessoa (2005, p. 26) esclarece essa questão:

> Sua principal característica é compreender um grande número de símbolos e práticas, cuja organização e realização independe da hierarquia católica. São práticas religiosas que se situam também fora do calendário oficial e dos seus locais de culto. Mas isso não significa um cisma ou uma negação da Igreja. Os sujeitos sociais definidos por essas práticas guardam uma grande fidelidade à hierarquia e, em geral, até mantêm uma relativa frequência aos atos oficiais, especialmente aos sacramentos.

Há, pois, elementos no catolicismo popular que reforçam a fé e a crença nos dogmas católicos mesmo com a ausência de um representante oficial da Igreja. É frequente encontrarmos nas comunidades rurais benzedeiras, pessoas que realizam o batismo na fogueira, os rezadores e rezadoras de terços, que são, então, os representantes e responsáveis pela realização dos rituais que legitimam a religião católica onde a Igreja não chega com frequência.

Esses "sacerdotes", na manifestação popular do catolicismo, não usam batina e não foram doutrinados pela Igreja, são representantes que saíram das casas das comunidades rurais e aprenderam as rezas, ladainhas, cantorias, benzeções, promessas e rituais de batismo com os mais velhos que já praticavam, por possuírem o dom[4] e por verem ali a maneira cotidiana e mais próxima de praticar os ensinamentos deixados por Deus. Não existe sala de aula, o conhecimento é adquirido por meio da vivência e da observação. Para Brandão (2007, p. 300, grifos do autor), o conhecimento é assim adquirido

[4] O dicionário Michaelis, em sua versão eletrônica, define dom como "1 Dádiva, presente. 2 Merecimento, mérito. 3 Dote natural; talento, prenda, aptidão, faculdade, capacidade, habilidade especial para. 4 Bem que se goza, considerado como uma concessão da Providência". 5 **Teol** Bem espiritual proporcionado por Deus; graça, mercê: **A fé é um dom de Deus.** Também Bluteau (1728, p. 283) considera dom uma dádiva do *Esperito Santo*.

> Sem deixarem de lado inteiramente seus compromissos seculares de trabalho e participação em outros setores da vida social, um camponês, um pedreiro ou uma mulher de um lavrador volante absorvem, quase sempre "desde menino", os conhecimentos para o exercício de um tipo específico de trabalho religioso. Às vezes, durante anos o noviço popular foi ajudante de dança, instrumento, canto ou de reza de algum "mestre" com quem aprendeu, na ativa, o começo da meada de gestos e falas, assim como dos fundamentos da crença que, pela vida afora, ele deverá repetir e sobre o que ele poderá inovar sem quebrar a tradição, até consolidar um estilo, sua marca pessoal de especialista acreditado.

De tal feita, acrescenta-se aí mais uma diferença entre o praticante e condutor dos ritos da religiosidade popular em relação aos do catolicismo oficial: não há, por parte dos primeiros, uma dedicação exclusiva às coisas da Igreja, não são deixadas de lado as relações sociais e de trabalho que executam dentro da comunidade para, única e exclusivamente, dedicar-se aos afazeres da fé, como fazem os sacerdotes da religião oficial. Ademais, os sacerdotes populares aprendem e apreendem a fé e seus desígnos na prática.

Porém, Brandão (2007, p. 308) afirma que a memória que sustenta o saber da religiosidade popular precisa ser ativada constantemente para que não se percam os ritos e suas práticas, pois:

> [...] a prática de garantia da memória e dos saberes religiosos popular é frágil, porque ela depende inteiramente da atividade contínua de suas redes sociais e especializadas de controle de docência. O desaparecimento de especialistas que antes ocupavam pontos vitais dessas redes, a quebra de elos de mediação entre tipos de agentes, a impossibilidade da preservação delas dentro do espaço dos bairros rurais [...].

A fé popular é respaldada pela necessidade que o povo tem de resolução de problemas práticos e terrenos. Ao contrário do que pensa a fé oficial, não é pela salvação das almas que se dá a grande maioria das manifestações populares do catolicismo. O homem, especialmente o da roça, necessita de resoluções para problemas que o atormentam no dia a dia. Quando uma praga está acabando com sua plantação ou quando uma cobra tem envenenado e matado a criação, ele procura um benzedor que irá livrá-lo dessa tormenta. Sobre o ofício de benzedor, Pessoa (2005, p. 71) afirma:

> Quanto ao ofício de benzedor e de benzedeira, trata-se, portanto, de uma prática ritual que é essencialmente religiosa e também essencialmente solidária. Por isso ele deve ser exercido em meio a uma atmosfera de muito acese, que implica, ao mesmo tempo, um fervor religioso e uma conduta

> moral, ambos reconhecidos como irrepreensíveis pela comunidade envolvente.

Fazer promessas mostra-se também um recurso eficiente para a amenização ou eliminação de sofrimentos terrenos que ultrapassam o poder de entendimento do homem aqui na Terra, ou, ainda, para que haja sucesso em uma empreitada, como no plantio e colheita. E é premente que tal promessa seja cumprida para que um mal maior não atinja as pessoas envolvidas em tal situação, em especial a pessoa pela qual se fez a promessa a um santo específico. Para Guimarães (1973, p. 178), a promessa é uma relação de reciprocidade entre os homens e os santos. Segundo ele

> As áreas da vida sob o domínio de Deus e de seus intermediários, os santos, extravasam as das moléstias. A ajuda dos santos é invocada para todos os acontecimentos em que existam elementos de incerteza que escapam ao controle humano. Para obter a ajuda dos santos, os homens entram em relação social com aqueles, estabelecendo uma relação de reciprocidade, isto é, uma relação em que há uma série de prestações e contra-prestações socialmente estipuladas.

A religiosidade popular torna-se, então, a releitura da Igreja nos locais onde ela não chega constantemente; os evangelizadores são todos os atores da comunidade na qual ela se realiza, todos participam e celebram juntos a fé de que precisam para dar alívio a suas desvalias cotidianas. Rezar o terço e oferecê-lo aos santos é a manifestação de esperança de que eles lhes devolvam em bênçãos a oração ofertada.

Cultura popular, comunidade e catolicismo popular são conceitos imbricados, fundamentais para a manutenção de relações sociais que são inerentes a sociedades do campo e seus atores.

Há, nestas concepções, uma relação de identidade que une seus integrantes e faz permanecer a história que se constrói há tempos longínquos, ainda que estabelecendo um confronto com o modo de ser de comunidades urbanas e modernas que, de uma forma ou de outra, exercem influência no modo de vida dos homens e mulheres das regiões rurais.

São as crenças, as tradições, a religiosidade que fazem perpetuar o espírito de vida em comunidade, de união que fortifica relações de parentesco, compadrio, que fazem retornar aqueles que se foram do lugar, mas permanecem membros da comunidade por raízes criadas desde sempre.

1.3 Identificação dos narradores e descrição das condições da entrevista

Para a realização da pesquisa, foram selecionados dois sujeitos do sexo masculino que, a fim de evitar qualquer identificação que possa causar constrangimentos, são nominados **E1 e E2**. Tais narradores foram escolhidos por serem, respectivamente, os rezadores/cantadores do terço, objeto de estudo deste trabalho, atuante mais velho e o mais novo na comunidade.

A entrevista foi realizada em um único dia, oito de julho de 2014, por volta das quinze horas, na residência de **E1**, na cozinha, ao som de um inhambu, durante uma hora e sete minutos. Somente estavam presentes no local, no momento da conversa, **E1, E2** e a pesquisadora, na transcrição nominada **P**.

E1 é um senhor de 58 anos, nascido e criado na região do Tambiocó e que vive lá ainda hoje na companhia de sua esposa, visto que os dois filhos estão casados e morando na cidade. Trabalhou a vida toda com atividades rurais, inclusive plantio, mas atualmente se dedica, exclusivamente, à criação de gado e tiração de leite. Estudou no grupo[5] da região, concluindo o antigo primário, hoje Ensino Fundamental I. Sempre se interessou por rezas de terço e folias descrevendo-as como *bunit'demais*. Aprendeu a rezar ouvindo e prestando atenção à letra, para que quando chegasse em casa, ficasse repetindo-a até memorizá-la. Quando faltou um rezador, ajudou a cantar o terço, pela primeira vez, aos dezesseis anos, por incentivo da mãe, que também aprendera o terço e participava da cantoria quando necessário. Além de cantar o terço, participa da Folia de Reis e da Folia de São Sebastião, pelas quais apresentou interesse ainda na infância quando as via passando pela casa de seu pai. É devoto de São João Batista e durante anos realizou, em sua casa, um terço em homenagem ao Santo, porém, em 2002, quando sua mãe morreu, *perdeu a graça*, não teve mais coragem de realizar e *trancou* a reza, mas garante que um dia voltará a realizá-la. Crê em promessas, benzeções e batismo na fogueira. É o rezador/cantador do terço mais antigo em atividade na comunidade em estudo.

E2, filho de **E1**, é um jovem de 32 anos, nascido e criado na região do Tambiocó, morou na casa dos pais até se casar, quando se mudou para a cidade de Catalão, há oito anos, onde esperava ter melhores oportunidades de emprego, além de enxergar na cidade a possibilidade da esposa, que *tinh'um estudo,* estudar mais. Depois de algum tempo, voltou a trabalhar com o pai na roça, já que seu irmão já não estava mais lá. Além de tirar leite e executar todas as atividades necessárias para o andamento cotidiano de uma propriedade rural de pequeno porte

[5] Lage (2006), citando Souza (2004) chama grupo escolar de escola graduada e estabelece a seguinte definição "A escola graduada fundamentava-se essencialmente na classificação dos alunos pelo nível de conhecimento em agrupamentos supostamente homogêneos, implicando a constituição das classes".

cuidada pela família, tem um trator com o qual presta serviço para os demais moradores da região. Cursou o Ensino Fundamental I na escola do Tambiocó e o Ensino Fundamental II e Médio na cidade de Catalão, concluindo o Ensino Médio. Por muitas vezes, mostra-se descrente em relação aos eventos festivos e religiosos de manifestação de fé naquela região. Entretanto, interessou-se por aprender a cantar o terço para não deixá-lo acabar. Cantou o terço, pela primeira vez em 2002, ocupando o lugar de um tio que naquele ano não participou da cantoria por ser o festeiro. Aprendeu ouvindo e lendo a letra em uma transcrição que foi realizada pelos que a sabiam. É o rezador/cantador mais jovem em atividade na comunidade.

1.4 Procedimentos de transcrição da entrevista

Transcrição é entendida, nesse trabalho, segundo definição apresentada por Dubois *et al.* (1973, p. 594, grifos do autor) em seu Dicionário de Linguística

> transcrição
> *Transcrever* é fazer corresponder termo a termo as unidades discretas da língua falada e suas unidades gráficas; [...] A *transcrição* (seja ela qual for) deve ser nitidamente distinta da *escrita*. A transcrição tende a conservar sob forma gráfica aquilo que foi dito, sem nada acrescentar, sem nada suprimir. Ao contrário, a escrita existe enquanto sistema relativamente autônomo.

A transcrição da entrevista realizada com os sujeitos tem como finalidade comprovar ou refutar hipóteses levantadas ainda na fase do projeto deste estudo, tais como a existência de diversas formas de manifestações de cultura popular na região estudada e, principalmente, o fato de a escrita e a fala se mostrarem como um *continuum* na transcrição da letra do Terço cantado, objeto de nosso estudo.

Entendemos que há diversas estratégias possíveis para a realização de tal atividade como o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), que possui uma série de símbolos para a realização de uma transcrição fonético/fonológica, porém, não é nosso interesse, ao reproduzirmos na escrita a fala dos entrevistados, mostrar que há uma relação unívoca entre letra e som, propósito da Fonética e a Fonologia, conforme esclarece Cagliari (1997, p. 53):

> Quando se escreve usando símbolos do IPA, está-se fazendo uma transcrição fonética em que a relação entre letra e som é unívoca. Essa relação não ocorre, necessariamente na escrita ortográfica, uma convenção que já se afastou muito da relação letra-som.

Entendemos, também, que não conseguiríamos alcançar todos os recursos para transcrição de maneira satisfatória, e nem é esse o nosso intuito, já que o que nos interessa são, prioritariamente, as informações, por parte dos entrevistados, que respaldem as hipóteses de que há uma série de eventos de cultura popular na região e de que, de uns tempos para cá, a transcrição da letra do terço tem auxiliado na sua memorização. Como afirmam Ramilo e Freitas (2001, p. 1),

> Isto significa, por um lado, que o transcritor não deverá ser zeloso ao ponto de tentar resolver todas as lições, principalmente quando estas lhe são totalmente incompreensíveis. Por outro lado, não deverá subtrair elementos do texto, ainda que sejam geradores de confusão e dificultem a inteligibilidade. Deverá acautelar-se ao máximo no sentido de não impor sobre a transcrição quaisquer marcas pessoais, distinguindo o seu idiolecto daquilo que realmente está a ser dito.

Especificamente no que os autores ensinam que "não deverá subtrair elementos do texto, ainda que sejam geradores de confusão e dificultem a inteligibilidade", não atendemos à lição, uma vez que acrescentamos, entre colchetes, elementos linguísticos para facilitar a compreensão do leitor não participante ou conhecedor do dialeto do sujeito.

Entendemos que escrita e fala são duas atividades de comunicação que possuem características próprias e que não devem ser entendidas uma como representação da outra, visto que há nuances que pertencem a uma e não são recorrentes à outra. Na fala, há gestos, entonações, expressões faciais que compõem a informação a ser transmitida, além das palavras. Já a escrita possui elementos outros que auxiliam na construção de sentenças comunicativas, tais como os sinais de pontuação e acentuação. Retomamos, então, o que Marcuschi (2010, p. 17) considera sobre a impossibilidade de reprodução fiel da fala na escrita e vice-versa

> A escrita não pode ser tida como uma reprodução da fala, como se verá adiante. Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímicas e prosódias graficamente representados

Portanto, apresentamos a transcrição que nos pareceu atender a todas as necessidades da pesquisa. É importante que não descaracterizemos a fala dos sujeitos participantes como também a presença da cultura popular nos seus pensares, crenças, ações e falares.

Temos, então, diante desse olhar sobre as várias possibilidades de transcrição, os procedimentos adotados com a finalidade de facilitar a leitura e a compreensão da entrevista, principalmente por aqueles que não possuem o contato constante com o falar popular da zona rural.

1. ( ) – supressão de parte da palavra que pode ocasionar problemas na compreensão ou confusão com outra palavra. Dentro dos parênteses aparece o fonema ou morfema suprimido. **Má(s) – mas, (a)í –aí.**
2. **‘ –** junção, na fala, de duas ou mais palavras, criando uma aglutinação de elementos lexicais. **Nes’iscola – nessa escola.**
3. [ ] – escrita da palavra ou expressão segundo as regras ortográficas vigentes sempre que julgar haver a possibilidade de incompreensão por parte de quem ler. **Dumin’qui – [domingo que]**
4. {risos} momento em que os entrevistados riem de uma situação relatada.
5. ~ nasalização de uma vogal, que normalmente seria feita pelas consoantes **m** ou **n: ũa – uma.**
6. ... – fala interrompida do pesquisador ou do entrevistado.
7. “ “ reprodução de fala de terceiros ou do próprio entrevistado ou pesquisadora.
8. (...) – substitui nomes citados pelos entrevistados para que não haja nenhuma possibilidade de identificação.
9. (hesitação) – sempre que o entrevistado parar de falar a palavra, antes de seu fim, para corrigi-la ou pronunciá-la novamente. Ainda, quando houver uma interrupção brusca na informação que começou a ser passada, quebrando a sintaxe do período. Neste caso, nem sempre a semântica se perde.

   -hesitação: **pri (hesitação) primer’ano**.

   - quebra na informação: **lá eu fiz só u, u** (hesitação), **eu estudei lá quato ano**.

Sinais de pontuação, como vírgulas, pontos, criação de períodos e uso de acentos gráficos se fazem presentes na transcrição, apesar de não serem características constantes na fala, para que haja uma maior compreensão das informações. Acreditamos que a ausência deles acarretaria uma confusão de informações e a possibilidade de compreensão equivocada do dito, justamente por não haver, na escrita, a entonação que nos permite perceber com clareza a sentença e sua semântica.

1.5 Sobre a comunidade do Tambiocó[6]

Para o estudo realizado nesse trabalho, foram analisadas as diversas práticas de manifestação de cultura popular da região do Tambiocó, no município de Catalão, localizado no sudeste goiano e com 94.896 mil habitantes, estimativa do IBGE para o ano de 2013. O município representa a quinta economia do Estado de Goiás, focalizada, principalmente, na agricultura e indústria.

Tambiocó é uma região rural da cidade de Catalão, que fica a cerca de quinze quilômetros da sede urbana, nas proximidades do quilômetro 57 da GO 330, que leva à capital do estado. Tambiocó significa pedra que lasca, segundo moradores da região.

A comunidade possui características comuns às comunidades rurais, seus moradores são pequenos produtores rurais que vivem, em grande parte, da criação de gado e os que não se sustentam dessa forma, trabalham para os vizinhos no plantio de milho e sorgo para a criação do gado.

Há na região uma escola, que atende a alunos até o Ensino Fundamental I, que fica localizada ao lado da Igreja e do Centro comunitário, onde costumam acontecer parte dos eventos religiosos da comunidade. Hoje, a escola é de tijolos e telha, possui quadro negro e carteiras para os alunos, graças ao empenho e ao mutirão realizado pelos pais das crianças da região.

O local é muito conhecido na redondeza por ser sede de uma das mais tradicionais festas de roça da região, *A grandiosa festa do Tambiocó*, que acontece todos os anos no mês de julho[7] em homenagem a São Sebastião e ao Divino Espírito Santo.

Esta comemoração é palco das mais tradicionais manifestações do catolicismo popular da região, a reza do terço cantado, objeto de estudo aqui apresentado, procissão, levantamento dos mastros e fogueira. E1, que vivencia anualmente tal comemoração, descreve os principais eventos da solenidade

> P- Sei, e aí no último dia tem o terço, faz a fogueira, aí tem o juiz da fogueira?
> E1- Tem.
> P- Tem o andor ...
> E1- A porcissão, né.
> P- E como é que é essa procissão, sai da ...

[6] As informações contidas nessa seção foram retiradas do site oficial do IBGE e colhidas em entrevista com dois membros pertencente à comunidade. A entrevista está transcrita em trechos, ao longo do trabalho, e na íntegra, no final do mesmo.

[7] Possivelmente o calendário dessa festa se dá por ser mês de férias e não por relação com as datas comemorativas dos santos estabelecidas pela Igreja Católica.

E1- A porcissão ela sai da Igreja, anda mais'o meno'uns [mais ou menos uns] duzentos metro pá [para] frente e lá na frent'em ũa fuguerinha, lá nessa fuguerinha é onde se dá a saída, aí com o santo, aí acende as vela tudo, aí reza o mesm'terço qu'é rezado lá dento [dentro], só que reza no camim [caminho], aí chegano lá, encerr'esse [encerra esse] terço, aí cumeça o ôto da novena, só que esse da purcissão é ôto terço.
P- Não é o cantado?
E1- Não, é cantado só qu'é ôto ritmo.
P- Mais rápido ou mais devagar?
E1- Mai(s) rápido.
(...)
P- E o santo lá é qual?
E1- Tambiocó, São Sebatião e Divino Esprito Santo.
P- Aí faz dois andores ?
E1- Dois andor, faiz trêis cruzero, é dois festero, um pelo São Sebastião ôto pô Divino Esprito Santo.
P- E a procissão, então, vem rezando, volta pra Igreja ...
E1- É, aí, aí, chegô den'da [dentro da] Igreja põe os andor lá na frente no altar, aí o povo juéia [ajoelha], reza o terço normal da novena, fai(z) par(hesitação) faiz par(te) dos nove dia, aí ali dá o encerramen(to) do terço, no nono dia de festa.
P- E, tem mastro, bandeira?
E1- Tem o mast'aí [mastro aí] levanta as bandera no mastro. (E1, ??)

Foto1- Igreja do Tambiocó. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2014)

Foto 2- Cruzeiros na procissão. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2014)

Foto 3- Reza do terço na Igreja do Tambiocó. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2014)

Foto 4- Mastro do Divino Espírito Santo e São Sebastião. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2014)

Foto 5- Fogueira na Festa do Tambiocó. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2014)

As folias de São Sebastião e de Santos Reis também participam do quadro de manifestações do catolicismo popular da região, conforme relata E1:

> E1- Uai, tem a fulia de São Sebastião qu'é ũa veiz no ano tamém, né, só qu'essa fulia, essa, essa tá vino pra cá agora mai(s) por'ultimo, ess'fulia de primero er'lá [era lá] na região da Goiandira, aí depoi(s), gualá [igual], gualá [igual] mes'problema [mesmo problema] do terço, eu gostava dimais do terço, né, quan'foi'no [quando foi indo] eu fiz par'do [parte do] terço, a fulia mema coisa, êse [eles] pegô a vim (a)qui, (a)té no meu pai, eu er'minino [era menino], todo ano êse [eles] vinha, má [mas] (a)quela fulia piquinininha, ia poquinha gente e eu ficava ficava cum aquilo na mente, ô mai(s) ess'trem é bunito, aí foi'no [foi indo] hoj'em dia eu já faço part'dessa fulia, portanto êse tá, êse tá (a)té quereno passá ela pra mim, passá o carg'dela [cargo dela] pra mim tomá conta, porque hoj'em dia el'é fort'é (a)qui na região nossa, lá região qu'ela era muito poca gente que qué [quer], num deu valor, num qué [quer] mais esses trem, intão el'anda mai(s) (a)qui na região do Tambiocó. (...)
> Tem a de São Sebastião e a de Santo Reis, então todas duas tá vino (a)qui pá [para] ess'região, eu já fiz par'de [parte de] todas duas. Ess'é de dezesseis de janero a vinte, a de São Sebastião, não só nessa data.

Diante da necessidade de aumentar o volume de chuva, principalmente na época que antecedia o plantio do arroz no mês de outubro, os moradores da região unem-se para a realização da reza da chuva. São nove dias rezando o terço nas casas dos moradores e ao décimo dia, todos unem-se para subir um morro da região onde está instalado um cruzeiro, ao pé do qual fazem suas oferendas de água e pedras trazidas dos córregos próximos, na esperança de que tal sacrifício seja recompensado com chuva que proporcionará colheita farta. Segundo o entrevistado mais velho, a reza da chuva é um evento mais recente da comunidade

> E1- Tem essa essa foi, ela foi levantada tem poco tempo, essa cumu [como] se diz, eu j'era maduro, essa reza temém já teve muitos benfiço já, foi válida, que de primero no'prantava[nós plantávamos] roça (a)qui ó, nói(s) vinha de a pé tamém, andav'uns[andava uns] dois quilômetro tod'ia [todo dia] e tinh'épca [tinha época] que a veiz [às vezes] num chuvia, na época da burracha do arroiz qu'êse [que eles] fala, capaiz qu'cê [que você] nu'entende [não entende], quan'o[quando o] arroiz tá emborrachano se fizé sol cê num cói [colhe], intão tav'quele [estava aquele] sol, (a)quel'trem e arroiz emburrachano, quereno sortá os cacho, mais num soltava, farta de chuva, aí levantô essa reza lá no morro pá, pedino chuva, mai(s) (a)í nóis ia todo mundo de a pé, num tinnh'andor, num tinha nada, cad'um levava, fazeno ũa penitença, todo mundo tinha que fazê ũa penitença pá i(r) lá, iss'era bem na hora do sol quente, mais o'meno (ou menos) mei(o) dia ũa hora, todo mundo naqu'ele tempo tinh'era cabaça d'água, todo mund'tinha levá ũa cabaça d'água pá [para] guá [agoar] a cruiz, ôtos num tinh'agua pá [para] levá, num tinha vasia [vasilha] levava ũa pedra, punha lá no pé da cruiz. (...)
> P- E essa pedra podia ser qualquer pedra?

E1- Qualqué pedra, cê pegav'ela nu corgo, onde fosse peg´água, aí quem num levasse água levava ũa pedra, tod'mundo fazeno a penitença, chegava lá rezav'o terço a Santa Maria Madalena pidino [pedindo] chuva, era era difici'o ano que num terminav'a reza que num chuvia. Aí quesa [aquela] roça que tava dano pobrema tudo chu (hesitação) a, Deus mandava chuva, aí êse, os arroiz sortava os cacho, granava, o povo culhia muit'arroiz.
P- E continua tendo essa reza?
E1- Cuntinua, tinua [continua] (a)té hoje, só que hoje muit'gente já vai de carro, já tem mordomia, uns já leva suco pá [para] tomá lá, lev'trem, de primero num tinh'nada só água.

Foto 6- Cruzeiro antes da reza do terço. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2014)

Foto 7- Procissão no morro do cruzeiro. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2014)

Foto 8 – Cruzeiro enfeitado para o terço. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2014)

Foto 9- Jogar água no cruzeiro. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2014)

Conforme pode ser observado nas imagens, há presença de crianças na procissão que leva até ao cruzeiro e participação ativa delas nos momentos de oração e no ritual de molhar o pé da cruz na esperança de que o pedido de "que chova na terra", como diz o trecho de uma das canções entoadas durante a reza, se realize. A participa dos pequenos também é incentivada pelos mais velhos ao colocarem os nomes dos meninos e meninas na lista que determina quem será o responsável por cada atividade no próximo ano. É comum que os pequenos sejam responsáveis por convidar as pessoas para participarem dos nove dias de reza do terço e para a procissão, no décimo dia. Tal prática confirma, empiricamente, a tentativa dos moradores da região em repassar os rituais para manter a tradição, possibilitando, dessa forma, o enraizamento e transmissão de uma cultura católica popular que se dá dos mais velhos para os mais novos.

Há, ainda, a reza do terço para São João Batista, realizada há anos na residência de dois moradores da região, tradição iniciada pelo pai deles e que se perpetua até os dias de hoje. Todos os anos, no dia 24 de junho, data dedicada ao santo pelo calendário católico, a comunidade se reúne para rezar o terço e agradecer as bênçãos recebidas e fazer seus pedidos aos santos para o ano. Por esta ocasião, há, ainda, o levantamento do mastro com a bandeira do santo na frente da casa, que só é retirado depois de nove dias.

Outra tradição presente na comunidade é a da benzeção: há, por aqueles lados, uma benzedera já idosa, que quase não executa mais o ofício, filha de benzedor e que aprendeu com o pai os mistérios dessa prática religiosa. Os moradores são veementes em afirmar que a benzedura realizada por ela funciona e que, se não for surtir o efeito desejado, a própria senhora avisa que é melhor tomar outras providências.

> E1- Ben(hesitação), benzé, benzição tamém é muito válido, ô [eu] falo qu'eu já vi, cobra, picada de cobra, de primero quan'da [quando a] cobra picava pessoa num tinha esse negoço de levá pá [para] cidade não, num lev(hesitação), num tinha cu(hesitação) lev(hesitação), num levava e num tinha cumo levá, de primero num tinha carro, num tinha nada, aí tinha os benzedô, ia lá nos benzedô, fá [falava] "não, pode ficá tranquilo", êse benzia e garantia.
> P- E curava?
> E1- Curava, pessoa não morria, dava só ũa dieta pra ele, um remédio.
> P- E, ainda tem benzedor aqui nessa região?
> E1- Tem, poco mais tem.
> P- E o povo ainda tem fé?
> E1- Ah, muito poco.
> P- Vai lá, leva os meninos pra benzer?
> E1- Não, muito poquim. Tem ũa muié que mora (a)li, ũa tal de (...) boa dimais pá [para] benzê, má(s) o pai dela intão, pai dela el'era tão bão pá benzê que na benzição el'sabia qual'era a qualida(de) da cobra que tinha pegado a pessoa.
> P- Sem ter visto a cobra?

> E1- Sem tê vi[visto] e ele falava "num pricisa tê peri(hesitação), num tem pirigo não e quand'êse rez(hesitação), quand'ele rezava que dava qualquê um pobrema na reza dele el'falava (a)ssim "oh, cêis pá tomá ôta providença".

A crença em promessas é outra tradição que perpetua na região do Tambiocó: é comum presenciar, durante a procissão da novena da Igreja, pessoas que cumprem promessas, ora vestidas como o santo, ora carregando o cruzeiro, ora carregando o andor, retribuindo uma benção recebida.

> P- E o senhor conhece gente por aqui assim que faz promessa, que é promessa pro Divino Espírito Santo?
> E1- Eu já cunheci, cunheci dimais, agora inda tem é muito poco, mai(s) de primero, nossa, era mais era só promessa, eu memo cumpri promessa, (a)qui do São Sebastião, no Tambiocó. Quand'eu fui pu quartel, a minha mãe feiz promessa, s'eu fosse bem lá, num acontecesse nada cumigo, purque di primero i(r) pro quartel era maió morte, que tinha do fi [filho] i(r) pu quartel, né, aí minha mãe feiz promessa, num (a)contece nada lá, s'eu num fosse pá guerra, tinha medo nóis i(r) pá guerra, morrê pra lá, ela feiz promessa, s'eu (hesitação) (a)contecesse tudo bem lá comigo, no ano seguinte er'pá mim carregá o andor de São Sebastião com o vistuár [vestuário] do São Sebastião, só c'aquele [com aquele], (a)quela tanga, (a)quele trem, aí Deus (a)judô que num (a)conteceu nada, no ano seguinte eu carreguei o andor, cumpri a promé [promessa].
> P- E promessa é o outro que faz pra gente?
> E1- É, a promessa num, agora eu num sei se a pessoa que tá doente pô fazê promessa ô se tem que sê ôta pessoa.
> P- Mas geralmente...
> E1- É, geralmente sempre é ôtas pessoa que faiz, quan'vê [quando vê] ũa famía ou um fi [filho] ô qualqué ũa pessoa em pirigo, intão a pessoa já faiz (a)quela promessa, né.
> P - E depois tem que cumprir, se não cumprir?
> E1- Aí, aí que q'acontece, (a)quela pessoa que foi, que recebeu a graça num cum(hesitação) num cumpri a promessa quem feiz tem q'cumpri.
> P- Porque se não...
> E1- Se não cê tem um disvalia na fren(te) mui'maió [muito maior].

A região do Tambiocó pertence ao grupo de comunidades rurais que possuem suas crenças no catolicismo popular como forma de encontrar alívio para os males que lhes são imediatos e cotidianos. Mesmo hoje, com mais fácil acesso a estruturas provenientes da cultura erudita, como hospitais, Igrejas, onde missas são rezadas por padres, ainda permanecem suas tradições advindas de seus antepassados que não possuíam tais facilidades.

O respeito pelas tradições e a necessidade de mantê-las são expressos pelo entrevistado ao relatar que o padre, no ano da realização da entrevista, 2014, eliminou a parte festiva da Festa do Tambiocó. Visivelmente chateado, ele diz:

> E1- Ah, eu achei ruim dimais tê (a)cabado cu'iss'aí [com isso aí], né tanto por mim não, pu'caus'desse [por causa desse] povo mai(s) novo que tá vino, né, que tradição de quantos ano? Só que, só qu'eu lembro dessa fest'em [festa tem] cinquenta e oito ano, é, já ixistia ela num sei quantos ano pé trais, intão ũa tradição dessa, o padre chegá (a)í, né, foi tud'oado [tudo doado] pela comunidade o que tem lá, o padre chegá lá e falá que num aceita fazê mais, eu achei muito ruim essa decisão do padre, mas igul'ele (a)cabô de falá (a)í ó, o dia que picisava do povo riuni [reunir] pá contestá contr'ele lá num foi ninguém, ninguém interessô, pur iss'qu'eu [isso que eu] falo o povo tá muito disinteressado nessa part'í [parte aí], parte religiosa, par'tradição [parte da tradição], né, puque tradição num é um trem que (a)caba daqui pra'li [para alí].
> P- O senhor acha que não?
> E1- Eu ach'que não uai, iss'tem é, tem raiz funda, né.
> P- Lá nos antepassados?
> E1- Tá doido, uai, tem muit'história pá contá, igual'eu tô contano pro cê (a)qui de quantos ano? Não é. Agora meus neto, né, vamu supô, meu neto num vai dá nutiça [notícia]diss'aí mais, uai.
> P- Ele não vai saber contar história.
> E1- Uai, esse(hesitação), essas fest'aí meu av(hesitação), meu bisavô feiz ela, passô pu meu avô, passô pu meu pai, passô pra mim, eu tô passano pra êse, agora u, chega essa decisão (a)í, fais'í [faz isso aí].

O que notamos é que "A cultura popular é assim: ela não nasce nos livros ou na escola. Ela nasce no cotidiano de vida e de trabalho dos homens e mulheres enquanto constroem os ingredientes de sua sobrevivência" (PESSOA, idem, p. 8). Assim se faz a comunidade do Tambiocó, de homens e mulheres que fazem seu lugar, que realizam suas crenças com o intuito de obter conforto espiritual e, acima de tudo, manter as relações sociais que os fazem portadores de identidades semelhantes.

PARTE II – ENTRE A ESCRITA E A ORALIDADE, DIVERSIDADE DE GÊNEROS DO DISCURSO

Para este capítulo, reservamos uma discussão sobre os conceitos de fala, escrita e gêneros textuais orais e escritos. Não nos interessa aqui estabelecer uma linha histórica de surgimento e evolução da fala e da escrita nas diversas sociedades desde os primórdios da existência humana. Também não são relevantes para este trabalho a discussão e a constatação de sociedades ágrafas ainda hoje, visto que a comunidade foco do estudo aqui presente não possui tal característica. Para a conceituação de fala e escrita, utilizamos os conhecimentos a nós emprestados por Saussure (2006) e Marcuschi (2010).

Sendo o objeto de estudo do presente trabalho a letra escrita, de um terço da Comunidade do Tambiocó, utilizaremos os conceitos de gêneros orais e escritos para a localizar nosso objeto dentro de uma classificação de texto que transita entre as duas modalidades, o oral e o escrito, atendendo ao que Marcuschi (2010) denomina *continuum.* Para tanto, tomaremos por referência, além dos conceitos desse autor, Bakhtin (1997, 2012) e Scheneuwly e Dolz (2007).

1 ORALIDADE, ESCRITA E GÊNEROS DO DISCURSO

Oralidade e escrita são, então, duas tecnologias distintas por carregarem em si características e particularidades. Portanto, diferenciá-las é uma terefa necessária para que se possam compreender os lugares sociais aos quais pertencem cada qual.

1.1 Os lugares da oralidade e escrita nas sociedades letradas

Fala e escrita são duas competências humanas que nos caracterizam, diferenciando-nos dos outros animais existentes em nosso convívio. Acerca da conceituação dessas duas faces da comunicação do homem, podemos encontrar diversas teorias que ora se unem em conceitos, ora se distanciam.

Tal fato fica evidenciado, por exemplo, por Marina Yaguello, no prefácio da obra de Bakhtin (2012). A autora faz um paralelo entre Saussure e Bakhtin sobre suas valorizações acerca de fala e escrita. Para ela, Saussure entende a língua como um sistema sincrônico homogêneo e considera arbitrário o signo. Bakhtin valoriza a fala, o enunciado, as condições

sociais de produção ligadas às estruturas sociais; para ele, o signo é ideológico. Yaguello (2012, p. 14) afirma que

> A língua é, como para Saussure, um fato social, cuja existência se funda nas necessidades de comunicação. Mas ao contrário da linguística unificante de Saussure e de seus herdeiros, que faz da língua um objeto abstrato ideal, que se consagra a ela como sistema sincrônico homogêneo e rejeita suas manifestações (a fala) individuais, Bakhtin, por sua vez, valoriza justamente a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação, que por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais.

Ao pensarmos na importância de tais conceitos para a localização do objeto de estudo *Terço cantado,* entendemos que divergir sobre fala e escrita não é necessariamente o caminho mais apropriado e que nos faria chegar a uma conclusão pertinente sobre a importância de uma e de outra para nosso trabalho.

Portanto, consideramos que falar e escrever são, pois, dois recursos amplamente usados para a comunicação. A fala surge como a primeira forma de se comunicar, se considerarmos indivíduos que não possuem nenhum empecilho físico ou neurológico para tal. Desde que nascemos, somos estimulados oralmente pelos que nos cercam e assim, ouvindo, aprendemos a articular os sons e entendemos, quase que instintivamente, as primeiras regras que cercam tal forma de comunicação. Marcuschi afirma (2010, p. 18) que

> A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá o seu primeiro sorriso para o bebê. Mais do que a decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização.

Porém, se consideramos a vivência em uma sociedade, que possui um código escrito para comunicação, seremos estimulados também a assimilá-la, a comunicação, pela escrita. Tal procedimento, salvo algumas exceções, diferencia-se da fala na sua forma de aquisição "a escrita (enquanto manifestação formal do letramento), em sua faceta institucional, é adquirida em contextos formais: na escola" (MARCUSCHI, 2010, p. 18, grifo do autor).

Diante dessa aquisição formal da escrita, surge a ideia de que ela possui mais prestígio que a fala. Tal noção é compreensível se consideramos que grande parte dos eventos formais da sociedade são realizados, quase que prioritariamente, na forma escrita da comunicação, a citar concursos, leis, decretos, documentos diversos, dentre outros.

Para que seja desfeito tal equívoco, necessário se faz estabelecer uma diferenciação clara entre oralidade e escrita. Oralidade e escrita se dão na produção textual com fins de comunicação, porém a primeira realiza-se somente com os recursos próprios do corpo humano e possui características como gesticulação, entonação, expressões facial e corporal, mímicas, que não são pertinentes à escrita, já que esta possui especificidades materiais e constituições gráficas, tais como acentuação e pontuação.

Diante disso, podemos considerar que fala e escrita são dois recursos comunicativos sociais do homem que se complementam e não travam nenhuma disputa de prioridade, visto que são possuidoras de diferentes características ocupando, cada qual, o seu lugar nas relações socias de comunicação. Para Marcuschi (2010, p. 36-37):

> A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta de nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos. [...]
> Oralidade e escrita são duas práticas sociais e não duas propriedades de sociedades diversas.

O maior prestígio atribuído à escrita em relação à oralidade se dá por quatro fatores básicos, segundo Saussure (2006, p. 35):

> Primeiramente, a imagem gráfica das palavras nos impressiona como um objeto permanente e sólido, mais adequado do que o som para constituir a unidade da língua através dos tempos.
> [...] as impressões visuais são mais nítidas e mais duradouras que as impressões acústicas; [...]
> A língua literária aumenta ainda mais a importância imerecida da escrita. Possui seus dicionários, suas gramáticas; é conforme o livro e pelo livro que se ensina na escola; [...]
> Por fim, quando existe desacordo entre língua e a ortografia, o debate é sempre difícil de resolver por alguém que não seja o linguista.

Portanto, cabe ressaltar, novamente, que escrita e oralidade possuem seus lugares distintos em um sistema de comunicação, sem que estejam, necessariamente, em situação de conflito quanto à maior ou à menor importância de uma e outra, já que são manifestações distintas que não representam uma à outra.

Porém, ainda assim, surgem situações em que a escrita parece ser uma reprodução da fala, quando, por exemplo, uma criança está em período de alfabetização e conhecendo os

símbolos complexos que envolvem a escrita, quando ainda não possuem o domínio dos recursos gráficos para a comunicação e estabelecem a relação fala e escrita em suas ortografias. Tal confusão deve ser esclarecida e, segundo Cagliari (2002, p. 123):

> A ortografia é mais importante do que a simples idéia de um alfabeto no nosso sistema de escrita, porque ela controla a categorização gráfica e funcional, muito mais do que o princípio alfabético.
> Saber que a ortografia congelou o modo de escrever as palavras ajuda muito os alunos a não tentar fazer do alfabeto um sistema de transcrição fonética e a perceber que a fala segue as variações dialetais, neutralizadas na escrita pela ortografia.
> Conhecer a natureza, a função e os usos da ortografia é importante ainda para entender as relações entre letras e sons e entre fala e escrita. A ortografia comanda a função das letras no sistema de escrita, estabelecendo a ordem dos caracteres nas palavras e o valor fonético de cada um deles, de acordo com a linguagem oral (dialetos de todos os usuários). Além disso, estabelece como a linguagem oral deve ser segmentada para formar as unidades da escrita, que chamamos de palavras.

Outra situação em que a escrita das palavras pode querer se assemelhar ao som é no aprendizado de uma segunda língua. Até que se conheça quais são as regras que determinam a ortografia daquele idioma, o aprendiz se portará como um alfabetizando, o que de fato é, levantando hipóteses que julga cabíveis para a transposição da fala para escrita. E, nesse caso, o contrário também ocorre: como não é um falante da língua materna, faz levantamentos hipotéticos da pronúncia do que está escrito. Tais hipóteses são levantadas a partir do conhecimento linguístico que o aprendiz possui do novo idioma e do seu próprio.

Isto posto, fica perceptível que a separação entre fala e escrita não é clara para os usuários de uma língua desde sempre: é preciso que se esclareçam as diferenciações, as características pertinentes a cada uma das modalidades comunicativas para que haja um amadurecimento linguístico que possibilite a produção de comunicação de maneira eficiente, sem que se acredite que uma modalidade, oral ou escrita, seja mais ou menos importante que a outra.

Tal iniciativa parece ser fundamental tanto no estágio de alfabetização, quanto no prosseguimento da vida comunicativa do sujeito para que ele se torne um conhecedor das variantes da língua e consiga usá-las de forma eficaz nas diversas situações de comunicação, inclusive quando for necessário fazer distinção entre os diversos gêneros textuais presentes na sociedade na qual está inserido.

1.2 O *continuum* entre os gêneros orais e escritos

As atividades humanas, por mais diversas e distintas que sejam, relacionam-se diretamente ao uso da linguagem, à necessidade de comunicação. Para tanto, utilizam recursos próprios, diretamente relacionados às ações linguísticas, sociais e cognitivas que envolvem a comunicação, os chamados textos. Marcuschi (2008, p. 71-72) assim os define:

> Todos nós sabemos que a comunicação linguística (e a produção discursiva em geral) não se dá em unidades isoladas, tais como fonemas, morfemas ou palavras soltas, mais sim em unidades maiores, ou seja, por textos. E os textos são, a rigor, o único material linguístico observável, como lembram alguns autores. Isto quer dizer que há um fenômeno linguístico (de caráter enunciativo e não meramente formal) que vai além da frase e constitui uma unidade de sentido. O texto é o resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por serem vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona. [...]
> O texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico.

Cada texto tem como finalidade, então, cumprir um papel de comunicação que vai para além do conjunto de palavras que se unem na sua formação. É preciso ter em conta as relações socias que envolvem o emissor e o receptor da informação, suas condições de produção linguística, para que possa ser considerada uma relação de comunicação.

Diante disso, surgem as múltiplas e diferentes possibilidades de produção textual, que vão se construindo à medida que surgem as necessidades distintas de, entre outras, transmissão de informações entre os falantes de uma língua. Bakhtin (2003) denomina tais situações de comunicação de enunciados, informando que eles são variados e "relativamente estáveis". Esta concepção da origem à teoria dos gêneros do discurso[8], segundo a qual:

> A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro,

[8] Há uma divergência em relação à nomenclatura dos gêneros – do discurso para os Analistas do Discurso, e textuais, para os sociolinguistas e demais correntes da Linguística. Porém, o mérito de tal discordância não é de interesse do nosso trabalho. Para tanto, conservamos a nomenclatura utilizada por cada autor e nos referiremos a gênero textual sempre que assumirmos uma posição teórica sobre a questão ao longo do nosso trabalho.

> individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Os gêneros textuais aparecem como instrumentos que possibilitam a comunicação, reconhecidos pela presença de características pertencentes a cada um deles, exercem uma função de transmissão empírica de informação, portanto podem ser definidos e se tornam objetos de estudo. Marcuschi (2005, p. 23) assim os define:

> GÊNEROS TEXTUAIS
> 1. Realização linguística concreta definida por propriedades sócio-comunicativas;
> 2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
> 3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente limitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
> 4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápios, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Portanto, os gêneros textuais mostram-se fonte ilimitada de produção de comunicação, que se relacionam diretamente com a necessidade de produção advindas das variadas relações sociais dos falantes de uma língua.

Apesar da fertilidade produtiva dos gêneros e da sua característica intrínseca de instabilidade, há que se considerar que oralidade e escrita são duas práticas sociais distintas, o que ocasiona a separação entre gêneros textuais orais e escritos.

Há alguns gêneros que possuem características orais, que foram elaborados para serem falados, levando em consideração todas as características pertinentes a essa modalidade comunicativa. De igual modo, há os que, prioritariamente, se enquadram na modalidade escrita.

Se tomarmos os exemplos colocados por Marcuschi (2005) acima citados, poderíamos dividir, até com um certo grau de facilidade, os gêneros em orais e escritos. Então, vejamos: sermão pertence ao gênero oral, já receita culinária é um gênero da escrita facilmente encontrado em caderninhos guardados por pessoas que gostam de cozinhar ou em livros elegantes que trazem ingredientes e modos de fazer de uma série de pratos.

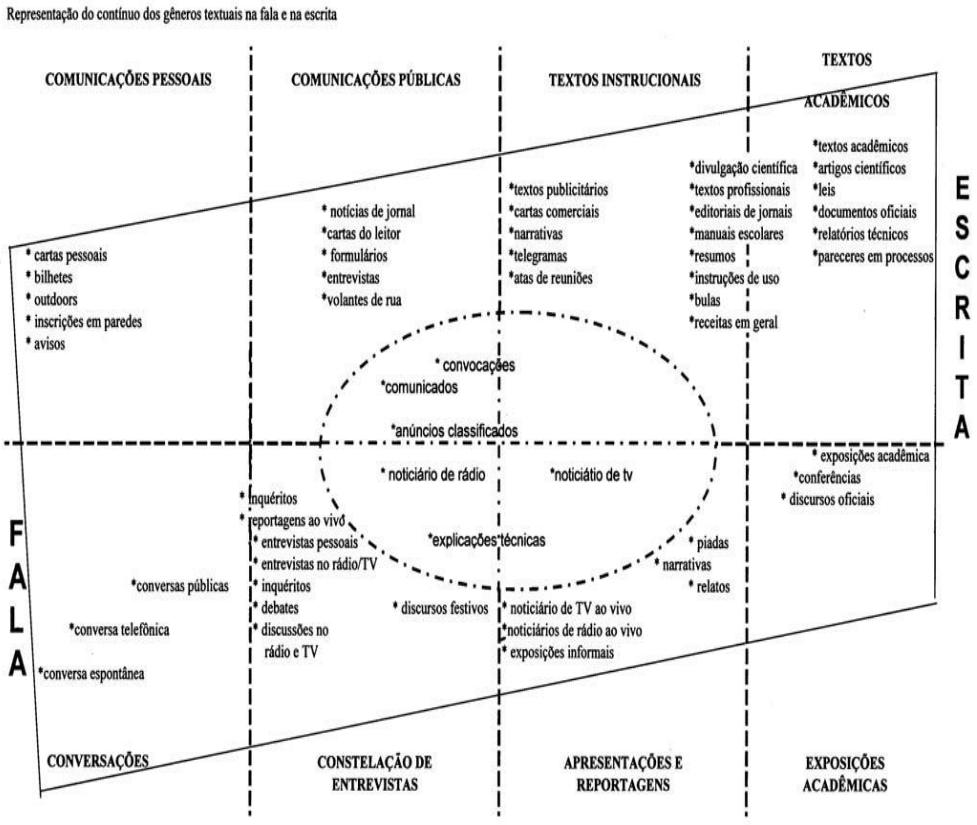
Porém, se pensarmos que as situações de comunicação variam de acordo com as relações sociais, perceberemos que vários sermões, que a princípio foram realizados oralmente, foram

transferidos para folhas de papel e inseridos em livros, atribuindo a eles um caráter escrito. Assim como, ao assistirmos um programa de TV voltado para culinária, ouviremos, da boca de quem apresenta, receitas diversas na modalidade oral.

Traços característicos de um gênero, que se estendem ao outro para Marchuschi (2010, p. 42, grifos do autor) são o contínuo dos gêneros textuais,

> O *contínuo dos gêneros* textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o *contínuo das características* que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num *contínuo de variações*, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de *contínuos sobrepostos.*

Portanto, o que se deve compreender é que os gêneros possuem características que os fazem se diferenciar uns dos outros, porém, tais características não chegam a ser tão profundas a ponto de impedirem o entrelaçamento entre diversos gêneros. O que os caracterizam, então, não é o fato de pertencerem à oralidade ou à escrita, mas a predominância de recursos discursivos neles inseridos que os fazem se assemelharem ou não. Marcuschi (2010, p. 41) faz o seguinte quadro para exemplificar a ideia de contínuo



Quadro 1 – Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita. Fonte: Marcuschi (2010, p. 41)

Observando as divisões explicitadas pelo autor no quadro acima, reforça-se a noção de que há uma linha tênue que separa a oralidade da escrita de acordo com a predominância de características em cada gênero textual. Tais características remetem os gêneros a cada um dos quadros, porém não os fixam em um determinado lugar, apenas atribui a eles predominância de mais orais ou mais escritos.

Entretanto, é possível, e não muito raro, encontrarmos gêneros centrados na escrita sendo utilizados oralmente e o contrário não deixa de acontecer. Portanto, enraíza-se a concepção de que os gêneros textuais não podem ser considerados elementos comunicativos ideais e fechados quanto às suas características já que o uso social que se faz deles e a necessidade comunicativa vão determinar características orais e escritas predominantes em cada gênero, conforme ressalta Marcuschi (2008, p. 156)

> Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques, nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas. Mas é claro que os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres ou aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas.

Bakhtin (1997) e Marcuschi (2008) não pertencem a uma mesma linha teórica nos estudos linguísticos, daí nomearem fatos da língua de maneiras distintas: gênero textual para este e gênero do discurso para aquele. Contudo, suas teorias convergem para a assertiva de que não há um rigor formal intransponível que caracterize o gênero.

Para o estudo do *corpus* deste trabalho, consideramos a **relativa estabilidade** e/ou o *continuum* para analisarmos a presença de elementos orais na escrita de um gênero que transita entre o escrito e o oral, a saber: o Terço cantado da comunidade Tambiocó, especificamente a parte em Latim, da comunidade rural do Tambiocó.

2 TERÇO CANTADO: GÊNERO DO DISCURSO

Identificar um texto como pertencente a um determinado gênero textual é atribuir a ele características específicas que possibilitam a sua identificação como tal, além de dar ao texto o seu lugar social e estabelecer, de fato, sua relevância comunicativa. Portanto, premente se faz a caracterização do nosso objeto de estudo, Terço cantado, como gênero textual.

2.1 Caracterização do Terço como prática de Cultura Popular

Consideramos, aqui, manifestações culturais todos os eventos que são pertencentes a uma determinada comunidade, que possibilitam a união e a propagação de valores únicos pelos atores deste lugar: são eventos sociais que estabelecem vínculos, crenças e todo tipo de entrelaçamento de valores que reforçam o sentido de viver em sociedade.

O objeto de estudo aqui apresentado, o Terço Cantado, é uma manifestação concreta de evento pertencente à manifestação popular do catolicismo na Comunidade rural do Tambiocó, no município de Catalão-GO. Está presente na grande maioria dos eventos realigiosos realizados naquele lugar, tais como na reza para chover, nos terços em homenagens aos santos do dia e na tradicional Festa do Tambiocó, que ocorre uma vez por ano, para reverenciar o Divino Espírito Santo e São Sebastião.

Terço é uma oração tradicional da Igreja Católica que homenageia e reverencia a Virgem Maria. Como tal, é utilizado pelos moradores da região para suplicar à Virgem que dê alívio e atenda aos suplícios do povo do lugar, conforme descreve Almeida (1926, p. 20, grifos do autor) ao transcrever a fala de dois Papas definindo o Rosário "[...] pela boca de Gregório XIII, declarou: 'Pelo Rosário se aplaca a ira de Deus, e se implora a intercessão de Maria'. E Leão XIII escreveu O Rosário foi instituido como remédio oportuno para os males que estavam iminentes sobre o mundo".

Pelo menos uma vez por ano, o terço é rezado com o objetivo de que a Virgem interceda pelos moradores da comunidade junto ao poder Divino para que chova e, assim, prosperem as plantações que serão utilizadas para prover os alimentos dos animais e dos próprios moradores do local. Esse evento, conhecido como reza da chuva, acontece, invariavelmente, no mês de outubro, período de maior seca e escassês de chuva na região.

Além disso, a oração é entoada para homenagear os santos em seus dias específicos determinados pela Igreja. Cada santo possui característica de protetor de eventos que são importantes para o dia a dia dos moradores rurais. Na região, homenageia-se, principalmente São João Batista, tido pelos moradores (a despeito do que prega a Igreja que atribui essa característica a São Sebastião) como protetor dos animais e das plantações. A homenagem acontece em forma de reunião das pessoas da comunidade e de comunidades vizinhas que rezam o Terço pedindo ao santo que haja fartura no ano vindouro.

A letra e a cantoria do terço são tidas pelos moradores da Comundade Tambiocó como um patrimônio da região e mesmo os que não participam cantando, sentem-se responsáveis pela execução e pela manutenção dessa tradição comparecendo às reuniões quando ele será entoado,

soltando foguetes, participando da construção dos altares dos santos homenageados, manifestando, mesmo que solitariamente e em silêncio, a fé.

Temos, então, no Terço cantado uma manifestação social, que determina uma característica específica à Comunidade Tambiocó, uma região predominantemente católica, com atores que de fato creem no poder que a oração possui em aliviar dificuldades cotidianas e de ordem prática.

Sendo assim, o Terço está envolto por uma série de crenças e esperanças que envolvem boa parte dos moradores da região. Ele fortalece vínculos afetivos entre vizinhos que se preparam e preparam seus lares para receberem os que creem na força da oração. O terço propicia o retorno à comunidade rural de atores que não mais residem naquele lugar por fatores diversos. O terço, torna-se, então, um vínculo entre os moradores e a fé que teve início desde sempre e que perpetuará enquanto a comunidade existir como tal.

Apesar de ser o Terço uma criação do Catolicismo erudito e possuir uma forma rígida determinada por aqueles que regem a Igreja Católica, presente em livretos que direcionam as formas de rezar determinadas como retas pela instituição, ele está presente nas mais diversas e longínquas regiões, inclusive naquelas onde a presença do sacerdote instuído pela Igreja não é frequente. Sobre a forma preestabelecida do Rosário, Almeida (1926, p. 25-26, grifos do autor), descreve:

> O Rosário inteiro compreende tantos mysterios quantos não significa algum noutro nome de coisa creada. Elle é *uno e trino*, como o nota o P. Quarti; recorda-nos a Unidade e a Trindade de Deus, e a tríplice virgindade de Maria, antes do parto, no parto e depois do parto. O numero de cincoenta Ave Marias do Terço do Rosario refere-se ao anno *Jubileu*, que significa remissão dos pecados, como que para nos fazer entender que o Rosário, a modo d'um tríplice Jubileu, nos livra dos pecados, das suas penas e das suas misérias que são as suas consequências.

Talvez seja exatamente por possuir uma forma rígida e uma não necessidade de reflexão sobre sentidos outros que não os da vida prática, que a instituição oficial do catolicismo permita, e por vezes incentive, a manutenção de tais eventos religiosos sem a presença de seus representantes. Desta forma, a Igreja se mantém presente no local e os moradores continuam expressando e reforçando sua fé confirma o que Paula (2007) considera como traço marcante da cultura popular que é a sua capacidade de recriar práticas conforme a necessidade de seus atores.

Para tanto, surgem, dentre os próprios pertencentes da comunidade, "sacerdotes" que trazem para si a responsabilidade de manter a união em torno de eventos do Catolicismo. São os rezadores/cantadores do terço, conhecedores da letra e do ritual necessário para que a reza tenha valor; são as arrumadeiras do altar, que sabem exatamente as cores e os enfeites que deverão ser utilizados para que o santo seja homenageado de forma correta; são os homens que constroem as fogueiras e os mastros, representação concreta da fé e devoção.

Tudo isso nos leva a ressaltar a presença do Terço cantado como uma manifestação evidente e concreta da Cultura Popular, segundo conceitos enfatizados na primeira parte deste estudo. Essa cutura é transmitida e reinventada de geração a geração por meio da vivência social, que dispensa a sala de aula, ou qualquer outra forma de educação institucionalizada, e se faz nas salas das casas dos moradores ou na capelinha da Comunidade Tambiocó.

2.2 Terço, gênero do discurso oral e escrito

Entendemos, a partir das discussões travadas no início da parte dois deste estudo, que denominaremos texto os enunciados linguísticos portadores de significado. Para tanto, para que seja considerado texto, é preciso que haja a transmissão de informações que serão determinadas pelo produtor e o receptor do enunciado.

Partindo desse pressuposto, pode-se inferir que o Terço cantado, objeto de nosso estudo, enquadra-se na categoria de texto ou enunciado, uma vez que é uma manifestação religiosa que tem como objetivo suplicar à Virgem Maria e a outras santidades que atendam aos suplícios de seus fiéis.

Cada enunciado linguístico enquadra-se dentro de uma série de características que os relacionam e os tornam equivalentes ou díspares, ou seja, existem maneiras distintas de produzir discurso, cada qual estabelendo uma relação íntima com as relações socias e criativas que os interlocutores possuem. A cada característica apresentada, temos o que Bakhtin (1997, p. 280) denomina Gêneros do discurso como uma atividade humana rica e variada:

> A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Portanto, o número de gêneros do discurso está diretamente ligado ao poder criativo de comunicação que há nas relações sociais dos indivíduos e vão aparecendo à medida que surgem novas necessidades comunicativas. O que se faz deduzir que não há como precisar exatamente quantos e quais são todos os gêneros existentes nas situações de comunicação.

Entretanto, há vários gêneros que estão presentes nas situações diversas da sociedade, de maneira mais ou menos recorrente. Os discursos religiosos parecem ser modelos com os quais os indivíduos possuem contato direta ou indiretamente, pelo menos é o que se espera nas sociedades onde estão instaladas instituições religiosas, mesmo que não se faça parte delas.

O Terço cantado é, então, um dentre os vários gêneros discursivos possíveis em uma sociedade comunicativa, primeiro por estabelecer a primazia da informação a ser transmitida e depois por atender às características que Schneuwly e Dolz (2004, p. 25) resumem da teoria de Bakhtin:

> - Cada esfera de troca social elabora tipos relativamente instáveis de enunciados: gêneros;
> - Três elementos os caracterizam: conteúdo temático – estilo – construção composicional;
> - A escolha de um gênero se determina pela esfera, as necessidades da temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou intenção do locutor.

Para que um enunciado seja enquadrado e determinado como gênero, é preciso que possua características que façam com que ele seja reconhecido como tal. Por exemplo, poderemos denominar um texto de crônica se houver a presença de enredo, narrador, personagens, foco narrativo, tempo e espaço e trate de um assunto cotidiano. Porém, poderemos encontrar uma crônica que não possua um parágrafo em que o autor use de um momento de reflexão, inserindo um parágrafo dissertativo e nem por isso o texto deixará de ser, prioritariamente, uma crônica.

Bakhtin (1997, p. 283), em seus estudos, pondera que se não considerarmos as variantes possíveis dentro dos gêneros estaremos também desconsiderando a relação direta da língua com a vida. Para ele:

> Ignorar a natureza e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquecendo o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.

Enunciados linguísticos são, então, manifestações concretas de comunicação que tornam as relações sociais viáveis. Os gêneros são reconhecidos pela presença de carcterísticas pertencentes a cada um deles e por mais que haja uma mescla, há sempre uma ou mais características que predominam, propiciando o seu reconhecimento e seu uso eficiente.

Dentre as diversas características possíveis, há a separação entre orais e escritos, conforme discutido no início desta parte do texto. Há gêneros que se manifestam majoritariamente na modalidade escrita (*e-mail*, carta, circular) e os que são frequentes na modalidade oral (conversas telefônicas, palestras). Porém, se observarmos inclusive os gêneros citados por nós como exemplos, poderemos, sem grandes dificuldades, perceber que, apesar de circularem com mais frequência na oralidade ou na escrita, poderão ser encontrados em modalidade contrária, por exemplo, a transcrição de uma conversa telefônica.

Em virtude disso, ressaltamos a ideia defendida anteriormente neste estudo de que fala e escrita são duas manifestações distintas da língua, cada qual com suas características, o que nos possibilita entender que não há gêneros exclusivamente orais ou escritos, o que existe são gêneros que tendem a se realizar mais na oralidade de acordo com a maior frequência em que se materializam socialmente.

Nosso objeto de estudo enquadra-se no gênero Terço por ser uma manifestação típica da Igreja Católica e por atender à característica de ser um texto de adoração e súplica à Nossa Senhora e outras entidades. A princípio, os terços são textos escritos que foram feitos para serem falados ou cantados pelos fiéis em seus momentos de oração.

De tal feita, encontramos duas possíveis justificativas para a possibilidade de aparecerem termos orais na escrita. Ou esse fenômeno acontece por puro despreparo linguístico do produtor do texto ou de forma proposital na tentativa de reproduzir na escrita elementos textuais típicos da fala.

A nós, parece ser a última justificativa e a que melhor representa a intenção dos moradores da região do Tambiocó ao efetivarem a transcrição do Terço cantado carregado de elementos orais. Deter-nos-emos à parte do texto que é escrita em Latim, porque na tentativa de que a tradição da reza do terço não se perca, os moradores realizaram uma transcrição das palavras da maneira como elas lhes soavam quando cantadas. Então, a transcrição tornou-se uma tentativa de reprodução da pronúncia das palavras segundo entendia o sujeito ouvinte e responsável pela transcrição (conforme se verá no próximo capítulo).

Uma outra característica importante é que no momento em que o terço passa do escrito para o falado, mesmo que em sua versão original, se fazem presentes características pertinentes

à fala, como entonação, pronúncias variantes, então, perde-se o rigor formal estabelecido pela escrita.

Mesmo não conhecendo a língua originária do Terço, o Latim, existia, sim, a possibilidade de os moradores terem acesso à versão original da letra, já que ela consta de vários Latinórios disponíveis inclusive em bibliotecas.

Contudo, tal possibilidade não pareceu ter sido cogitada pelos moradores, visto que o intuito era fazer com que o terço se tornasse "compreensível" auditivamente para quem, no futuro, quisesse memorizá-lo ou reproduzi-lo. Portanto, a transcrição feita segundo o que se ouvia foi realizada a fim de atender ao propósito de continuidade de uma tradição do catolicismo popular da região.

Os moradores têm ciência de que, mesmo tendo acesso à versão original, não conseguiriam estabelecer uma tradução que possibilitasse a compreensão do que diz a letra do Terço, nem esse é o intuito deles, pois os moradores acreditam que, mesmo não tendo acesso à tradução das palavras que estão rezando/cantando, o objetivo de exaltação está sendo atingido e, quiçá, com mais força, já que a oração está sendo proferida na língua oficial da Igreja, consequentemente, na língua "santa", conforme pode ser observado na fala dos rezadores entrevistados neste trabalho. Quando o entrevistado mais velho é questionado sobre se há, por parte deles, a compreensão da mensagem que é transmitida pelo terço, especialmente a parte em Latim, ele afirma:

> P- E vocês entendem o quê que tá cantando?
> E1- Não, muitas coisa eu num sei que significa a palavra que é falado na reza.
> P- Mas, e aí reza, por quê?
> E1- Uai, poque toda vida que noi [nós] foi aprendeu foi, já foi desse tipo, né, deus [desde] que nóis cunhceu essa reza foi desse tipo, então aprendeu a le (hesitação) a letra, a canturia e vei(o).
> P- E o senhor acha que ela tem a mesma força de rezar em Português?
> E1- Ah tem, ou avêis [às vezes] (a)té mais, eu acho que (a)té mais.
> P- Por que o senhor acha?
> E1- Porque muita gente que procura, fá [fala] "por que que, que idioma que é rezado esse terço dosseis [de vocês]?", aí sem sabê nada e'falo [eu falo] isso é Latim, má(mas) eu nem sei que qu'é Latim {risos}, el'fá [eles falam] "oh, mai(s) tão bunito esse", muitas palavra que fala aí, né, avêis [às vezes} fala ũa pessoa fala um tip'de[tipo de] trem, maisi [mas] já se torna ota[outra] coisa, né? Qu'arrenti [qua a gente] num sabe que que é.

De tal modo, o Terço cumpre efetivamente o seu papel de gênero do discurso por possuir um papel social de transmissão de informações, mesmo que indiretamente, já que faz

uma adaptação às condições sócio-culturais dos moradores da região para atingir o objetivo de adoração e súplica a santos, que atenderam suas solicitações.

PARTE III – ANÁLISE DO *CORPUS* – EXCERTOS ORAIS NA ESCRITA

A terceira parte deste trabalho destina-se à apresentação e análise do Terço nas versões original, disponível nos missais da Igreja Católica, e da comunidade em estudo, disponível em versões escritas e de áudio com vários moradores da região e em uma rádio da cidade de Catalão, além de vídeo. O material audiovisual não será disponibilizado, cabendo aos interessados recorrerem à comunidade ou à rádio católica da cidade de Catalão-GO.

Para tanto, tomamos por base a discussão realizada por Duarte (2008) sobre a função de manutenção das tradições orais, neste caso de cunho religioso, por meio da transcrição do Terço realizada pelos moradores da região. Sobre as características que pertencem à fala e à escrita, e que as tornam formas de comunicação distintas, utilizamos as definições realizadas por Dubois et al. (1973) em seu Dicionário de Linguística. Neste momento, cabe reafirmar que este não é um trabalho de cunho fonético/fonológico, portanto não trabalharemos com as noções de metaplasmos, ainda que sejam recorrentes no *corpus*. Conforme nos apresentam Dubois *et al.*(1973, p. 412, grifo do autor), "Chama-se *metaplasmo* uma mudança fonética que consiste na alteração de uma palavra pela supressão, adição ou permuta de fonemas: a elisão e a síncope são exemplos de metaplasmos".

O Missal de Lefebvre (1962) servirá como suporte para a apresentação das versões da Igreja Católica para o Terço, tanto em Latim como em Português. A apresentação da versão original do Terço faz-se necessária para o estabelecimento de comparações com a versão apresentada pelos moradores da região, objeto concreto de nosso estudo.

I A forma de se rezar na Comunidade Tambiocó

Para corroborar o que se afirmou anteriormente sobre a importância da oralidade na transmissão da cultura popular, não há nenhum registro escrito que narre a origem do terço cantado na região do Tambiocó. O que há são apenas relatos dos moradores da região, alguns que viveram o início da tradição de se cantar o terço ali, outros que ouviram de seus antepassados as histórias.

Sobre o Terço cantado naquela região, os relatos informais dos moradores dizem que tudo teve início há mais ou menos 80 anos, com um senhor de nome João Parmira, já falecido, e que rezava sozinho, enquanto as pessoas do lugar apenas assistiam. A princípio, quando apenas ele conhecia a letra do Terço, somente ele rezava, a reza era falada. Com o passar dos tempos, algumas pessoas da região tiveram interesse de aprender a letra para também participarem da

reza. Só então, com a presença de mais pessoas conhecedoras da letra, é que se passou a cantar o Terço.

Segundo relatos de um dos moradores da região, obtidos em uma entrevista e que aqui está reproduzida no final do trabalho, que diz ter sido o primeiro a aprender a cantar o Terço, foi ouvindo o Senhor João Parmira rezar que ele memorizou a letra, quando tinha apenas 16 anos, e se tornou, depois da morte do precursor, o puxador da reza. Todos os rezadores/cantadores de hoje também afirmam ter aprendido apenas ouvindo a cantoria, com exceção do rezador mais jovem, também entrevistado neste trabalho, que afirma ter se valido do recurso da letra escrita para a memorização.

O rezador mais velho conta, em conversa informal, que teve a ideia de escrever a letra, qua até então apenas existia na oralidade, para ajudar os mais novos na tarefa de aprenderem a cantar o terço, isso porque de uns tempos para cá a frequência em que a melodia é entoada tem diminuído o que facilita o esquecimento e dificulta o armazenamento na memória. Ele conta que escreveu as palavras assim como ele as pronunciava, que não sabia se a grafia estava correta mas que, mesmo daquela forma, era possível aprender a letra e cantá-la a contento. Só depois de algum tempo é que, com o objetivo de "passar a limpo" a versão original escrita por E1 é que uma jovem da comunidade refez a escrita com "uma letra melhor" e, neste momento, devido a falta de importância para eles, a versão primeira se perdeu, não sabendo os moradores dizer onde ela está.

Para se cantar o Terço, são necessários seis rezadores/cantadores, divididos em dois grupos de três: dois tiradores (voz mais aguda e responsáveis pelo oferecimento); dois ajudantes (voz mais grave, mais forte); dois *põe contraste* (voz mais fina e que cantam mais alto). Os rezadores podem ser homens ou mulheres, porém o que se percebe é que raramente uma mulher participa, isso só ocorre se um dos homens faltar para que não haja um desfalque e, com isso, a impossibilidade de se cantar. O entrevistado mais velho explica os detalhes do Terço:

> E1- É, seis pessoa cum seis voiz diferente, num pode sê(r) uma voiz só não, então é seis qualidad'e de voiz pá [para] formá a canturia, entã'gasta seis pessoa.
> P- E como é essa qualidade de voz, assim, voz diferente como?
> E1- É gual [igual], gual[igual], assim tem o tom grave, né, tem o agudo, né, tem o conti qu'êse fala, fala voiz fina, então é (a)ssim, a reza é dividida em duas parte, o tiradô e o respondedô, então o tiradô é trêis pessoa que faiz parte, o respondedô tamém trêis pessoa, então a, tem u u terço qu'é tirado e tem a resposta, então de acordo com que ũa pessoa canta um vers'qui [verso aqui] quem respode sabe que qu'ele vai cantá de cá, cê entende cum'é [como é] que é? A reza ela é em, em Latim, é ũa língua, da mod'oto [da moda do outro],

> aprareceu essa rez'í [reza aí] cum'esse, deus [desde] que pareceu ficô desse tip'í [tipo aí].

O Terço é rezado em várias situações, em asilos, nas casas dos moradores para comemorar dias santos e na chamada Festa do Tambiocó, que acontece todo ano naquela região no início do mês de julho. Neste último evento, o Terço é cantado durante a parte religiosa, que acontece antes das comemorações festivas, com uma duração de nove dias (novenas). Durante as novenas, a cantoria acontece dentro da Capela e possui um ritmo mais rápido; no último dia, o nono, acontece uma procissão em homenagem aos santos, São Sebastião e Divino Espírito Santo, que sai da Igreja e volta a ela depois de terem andado por volta de um quilômetro em uma estrada ao lado, quando o Terço também é cantado, durante o carregar do andor e hasteamento das bandeiras dos santos. Para estas situações, ele é cantado mais lentamente. Os moradores da região não sabem dizer por que há essa alteração rítmica, somente dizem que sempre foi assim, ou seja, é tradição. Entretando, é possível presumir que a mudança rítmica se dê pelo fato de estarem os fiéis, no momento da procissão, caminhando o que dificultaria a manutenção de um ritmo mais rápido na cantoria.

1.1 O erudito manifestando-se na cultura popular, a presença do Latim no Terço cantado do Tambiocó

O terço cantado é dividido em três partes: primeira, a Ladainha; segunda, o Oferecimento e terceira, o Glória. Para este estudo, nos interessa a primeira parte, a Ladainha, pois é a parte em Latim da reza. Tal ladainha foi retirada dos Missais da Igreja Católica e é conhecida como Ladainha de Nossa Senhora.

Durante séculos, a Igreja Católica mantinha suas orações todas realizadas em Latim, por diversos fatores, o que impossibilitava que a grande maioria de seus fiéis entendessem o que se estava rezando e, muito menos, pudessem participar, tornando-se meros expectadores da oração particular que o padre estava tendo com Deus.

A presença do Latim como língua oficial da Igreja para suas orações e tratados é um forte indício de que a cultura erudita era uma constante nas manifestações religiosas de tempos passados, impossibilitando que os integrantes da cultura popular conseguissem penetrá-la e se tornassem sujeitos de tais manifestações, visto que somente as pessoas com acesso à cultura letrada e escolarizada da época, que eram pouquíssimas, conseguiam compreender o que se rezava/dizia, reforçando o estigma de soberana que a Igreja carregou durante anos. Macedo

(1989, p. 32) deixa claro que a Igreja Católica tem, constantemente, se adaptado às novas características e necessidades históricas:

> Quando se fala de catolicismo, é preciso lembrar a capacidade da Igreja católica de compatibilizar sua maneira de ser e sua proposta de vida num quadro muito amplo de formas societárias. A Igreja católica é histórica e, nesse sentido, tem apresentado alterações em seu desenvolvimento, adaptando-se às características e necessidades de cada momento histórico. Não é possível falar de catolicismo em termos gerais, é preciso contextualizá-lo social e culturalmente.

Para que os novos ingressantes nas fileiras da Igreja, com a pretensão de se tornarem padre, e alguns poucos da sociedade conseguissem compreender o que se estava sendo rezado, foram criados os Missais, livros que continham todas as orações da Igreja em suas versões no Latim e em Português, prova concreta de que a Igreja entendeu que adaptações eram fundamentais para a sua continuidade. E é do missal quotidiano dos fiéis, (LEFEBVRE 1962, p. 1464-1467) que reproduzimos abaixo a letra da Ladainha de Nossa Senhora, em Latim e em Português, que consta do Terço cantado no Tambiocó.

Texto em Latim	**Texto em Português**
Kyrie, eleison.	Senhor, **tende piedade de nós.**
Christe, eleison.	Jesus Cristo, **tende piedade de nós.**
Kyrie, eleison.	Senhor, **tende piedade de nós.**
Christe, audi nos.	Jesus Cristo, **ouvi-nos.**
Christe, exaudi nos.	Jesus Cristo, **atendei-nos.**
Pater de caelis Deus, miserere nobis	Deus, Pai dos céus, **tende piedade de nós.**
Fili, Redemptor mundi, Deus, miserere nobis	Deus Filho, Redentor do mundo, **tende piedade de nós.**
Spiritus Sancte Deus, miserere nobis	Deus Espírito Santo, **tende piedade de nós.**
Sancta Trinitas, unus Deus, miserere nobis	Santíssima Trindade, que sois um só Deus, **tende piedade de nós.**
Sancta Maria, ora pro nobis	Santa Maria, **rogai por nós.**
Sancta Dei Genitrix, ora pro nobis	Santa Mãe de Deus, **rogai por nós.**
Sancta Virgo virginum, ora pro nobis	Santa Virgem das virgens, **rogai por nós.**
Mater Christi, ora pro nobis	Mãe de Jesus Cristo, **rogai por nós.**
Mater divinae gratiae, ora pro nobis	Mãe da Divina graça, **rogai por nós.**
Mater purissima, ora pro nobis	Mãe Puríssima, **rogai por nós.**
Mater castissima, ora pro nobis	Mãe Castíssima, **rogai por nós.**
Mater inviolata, ora pro nobis	Mãe Imaculada, **rogai por nós.**
Mater intemerata, ora pro nobis	Mãe Intacta, **rogai por nós.**
Mater amabilis, ora pro nobis	Mãe amável, **rogai por nós.**
Mater admirabilis, ora pro nobis	Mãe, admirável, **rogai por nós.**
Mater boni consilii, ora pro nobis	
Mater Creatoris, ora pro nobis	
Mater Salvatoris, ora pro nobis	

Virgo prudentissima, ora pro nobis	Mãe do bom conselho,**rogai por nós.**
Virgo veneranda, ora pro nobis	Mãe do Criador, **rogai por nós.**
Virgo praedicanda, ora pro nobis	Mãe do Salvador, **rogai por nós.**
Virgo potens, ora pro nobis	Virgem prudentíssima, **rogai por nós.**
Virgo Clemens, ora pro nobis	Virgem venerável, **rogai por nós.**
Virgo fidelis, ora pro nobis	Virgem louvável, **rogai por nós.**
Speculum justitiae, ora pro nobis	Virgem poderosa, **rogai por nós.**
Sedes sapientiae, ora pro nobis	Virgem benigna, **rogai por nós.**
Causa nostrae laetitiae, ora pro nobis	Virgem fiel, **rogai por nós.**
Vas spirituale, ora pro nobis	Espelho de justiça, **rogai por nós.**
Vas honorabile, ora pro nobis	Sede da sabedoria, **rogai por nós.**
Vas insigne devotionis, ora pro nobis	Causa de nossa alegria, **rogai por nós.**
Rosa mystica, ora pro nobis	Vaso espiritual, **rogai por nós.**
Turris Davidica, ora pro nobis	Vaso honorífico, **rogai por nós.**
Turris eburnea, ora pro nobis	Vaso insigne de devoção, **rogai por nós.**
Domus aurea, ora pro nobis	Rosa mística, **rogai por nós.**
Foederis arca, ora pro nobis	Torre de Davi, **rogai por nós.**
Janua caeli, ora pro nobis	Torre de marfim, **rogai por nós.**
Stella matutina, ora pro nobis	Casa de ouro, **rogai por nós.**
Salus infirmorum, ora pro nobis	Arca da aliança, **rogai por nós.**
Refugium peccatorum, ora pro nobis	Porta do céu, **rogai por nós.**
Consolatrix afflictorum, ora pro nobis	Estrela da manhã, **rogai por nós.**
Auxilium christianorum, ora pro nobis	Saúde dos enfermos, **rogai por nós.**
Regina angeloru, ora pro nobis	Refúgio dos pecadores, **rogai por nós.**
Regina patriarcharum, ora pro nobis	Consoladora dos aflitos, **rogai por nós.**
Regina prophetarum, ora pro nobis	Auxílio dos cristãos, **rogai por nós.**
Regina apostolorum, ora pro nobis	Rainha dos anjos, **rogai por nós.**
Regina martyrum, ora pro nobis	Rainha dos patriarcas, **rogai por nós.**
Regina confessorum, ora pro nobis	Rainha dos profetas, **rogai por nós.**
Regina virginum, ora pro nobis	Rainha dos apóstolos, **rogai por nós.**
Regina sanctorum omnium, ora pro nobis	Rainha dos mártires, **rogai por nós.**
Regina sine labe originali concepta, ora pro nobis	Rainha dos confessores, **rogai por nós.**
	Rainha das virgens, **rogai por nós.**
Regina in caelum assumpta, ora pro nobis	Rainha de todos os santos, **rogai por nós.**
Regina sacratissimi Rosarii, ora pro nobis	Rainha concebida sem pecado original,
Regina pacis, ora pro nobis	**rogai por nós.**
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, parce	Rainha assunta ao céu, **rogai por nós.**
nobis, Domine.	Rainha do Santo Rosário, **rogai por nós**.
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi,	Rainha da paz, **rogai por nós.**
exaudi-nos, Domine.	Cordeiro de Des, que tirais o pecado do
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi,	mundo, **perdoai-nos, Senhor.**
miserere nobis.	Cordeiro de Deus que tirais o pecado do
Ora pro nobis, Sancta Dei Genetrix.	mundo, **ouvi-nos, Senhor.**
Ut digni efficiamur promissionibus	Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do
Christi.	mundo, **tende piedade de nós.**
	Rogai por nós, Santa Mãe de Deus.
	Para que sejamos dignos das promessas
	de Cristo.
Oremus:	Oremos:

Concede nos famulos tuos, quaesumus, Domine Deus, perpetua mentis et corporis sanitate gaudere: et gloriosa Beatae Mariae semper Virginis intercessione a praesenti liberari tristitia, et aeterna perfrui laetitia.Per Christum Dominum nostrum.Amen. Oratio ad finem D.Ora pro nobis, santa Dei Genetrix. R.Ut digni efficiámur promissionibus Christi.	Senhor Deus, nós vos suplicamos que concedais a vossos servos lograr perpétua saúde de alma e corpo; e que pela gloriosa intercessão da bem-aventurada sempre Virgem Maria sejamos livres da presente tristeza e gozemos da eterna alegria.Por Cristo Nosso Senhor .Amém. Oração Final D.rogai por nós, Santa mãe de Deus, **R.Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.**

Quadro 2- Terço em Latim e Português do Missal

1.2 Da escrita para a fala: transcrição do Terço cantado do Tambiocó, o Latim para ser entendido

Durante muitos anos, a única forma de se aprender a letra do Terço cantado era ouvi-lo várias vezes até que houvesse uma memorização, confirmando a importância da fala para a transmissão e perpetuação de algumas manifestações da cultura popular.

Porém, alguns moradores da região perceberam que o Terço já não era cantado com uma frequência intensa que possibilitasse aos mais jovens memorizar a sua letra, então alguns moradores da região decidiram fazer uma transcrição da letra do Terço, reproduzindo na escrita os sons da fala que eram compreendidos por quem executou tal tarefa. O terço, em sua versão escrita, encontra-se em um caderno que fica sob a guarda de um dos rezadores e é de livre acesso a todos que queiram conhecê-lo. E2, o rezador mais jovem, quando questionado sobre como houve o despertar do seu interesse por aprender a cantar o Terço, explica que aprendeu com o auxílio da letra escrita

> P- E como é que foi que você teve vontade de aprender o terço?
> E2- A de ouvi tamém, né.
> P- Você ouvia ...
> E2- Ouvia, fá [falava] "um dia eu posso taí junto", né, e premera reza eu rezei foi'm [foi em] dois mil e dois, o meu ti [tio] er'um rezadô tamém, né, e el'era o festero da festa, fá [falou] "ô, ocê que vai rezá no meu lugá esse ano", aí, nũa [numa] reza de São João, primero dia, entrei lá dei ũas [umas] errada, cumo todo novo erra, né, mai(s) ês'incentivô [eles incentivaram] deu certo, num sabia a letra tu [tudo], escreveu num papel tudo (a)rrumadim.
> P- Alguém escreveu num papel a letra?
> E2- É, (a)ssim, aí, os que sabia, né, feiz um, a reza escrita num papel, né, aí eu pegv'ela ...
> P - É a reza copiada, ainda tem ela.

> E2- Aí foi na fes(ta) de São Sebastião, no Tambiocó, Divin'ispir'santo [Divino Espírito Santo], rezei os nove dia e daí pra cá ...
> P- Então, você aprendeu o terço ouvindo e lendo?
> E2- É
> P- O escrito te ajudou a memorizar a letra?
> E2- Isso.
> P- Ficou mais fácil?
> E2- É, puque renti [a gente], igual a reza é em Latim, tem ũas [umas] palavra c'a gente [que a gente] num, num decor'assim, mai(s) hoj'eu tem ela quais [quase] cem pur cento decorada.

Analisando tal transcrição, podemos perceber que as partes em Língua Portuguesa não sofrem grandes variações na escrita original das palavras. Entretanto, o mesmo não se pode afirmar do trecho escrito em Latim. Nessa parte, a pessoa responsável pela transcrição ouviu o que era cantado e escreveu conforme compreendia a pronúncia das palavras, como é possível observar na reprodução abaixo:

Texto original em Latim	**Transcrição feita por um morador da região do Tambiocó**
Kyrie, eleison.	Quelê é lenzone
Christe, eleison.	Quelê é lenzone
Kyrie, eleison.	Quelê é lenzone de nós
Christe, audi nos.	Quelê é lenzone de nós
Christe, exaudi nos.	Padre se sales Deus
Pater de caelis Deus, miserere nobis	Redentora Mãe de Deus
Fili, Redemptor mundi, Deus, miserere nobis	Espírito Santos de Deus, Hora por nobre Sacratian de fones Deus
Spiritus Sancte Deus, miserere nobis	Santa Maria
Sancta Trinitas, unus Deus, miserere nobis	Santa digenitrissima, Hora por nobre
Sancta Maria, ora pro nobis	Santo virgo virso
Sancta Dei Genitrix, ora pro nobis	Matem em Cristo
Sancta Virgo virginum, ora pro nobis	Matem e Divina gracia, Hora por nobre
Mater Christi, ora pro nobis	Mata a em puríssima
Mater divinae gratiae, ora pro nobis	Mata a catíssima
Mater purissima, ora pro nobis	Mata a inviolatra, Hora por nobre
Mater castissima, ora pro nobis	Mata entemerata
Mater inviolata, ora pro nobis	Mata em anabis, Hora por nobre
Mater intemerata, ora pro nobis	Mata a encreatório
Mater amabilis, ora pro nobis	Mata o salvatório
Mater admirabilis, ora pro nobis	Virgam prodentíssima, Hora por nobre
Mater boni consilii, ora pro nobis	Virgam o venerando
Mater Creatoris, ora pro nobis	Virgam praticando
Mater Salvatoris, ora pro nobis	Virgam o porte ê, Hora por nobre
Virgo prudentissima, ora pro nobis	Virgam ao creme
Virgo veneranda, ora pro nobis	Virgam ao fidelis
Virgo praedicanda, ora pro nobis	Espelho da justiça, Hora por nobre
Virgo potens, ora pro nobis	Sede sapiécia
Virgo Clemens, ora pro nobis	Com essa nossa ezalatríssima

Virgo fidelis, ora pro nobis Speculum justitiae, ora pro nobis Sedes sapientiae, ora pro nobis Causa nostrae laetitiae, ora pro nobis Vas spirituale, ora pro nobis Vas honorabile, ora pro nobis Vas insigne devotionis, ora pro nobis Rosa mystica, ora pro nobis Turris Davidica, ora pro nobis Turris eburnea, ora pro nobis Domus aurea, ora pro nobis Foederis arca, ora pro nobis Janua caeli, ora pro nobis Stella matutina, ora pro nobis Salus infirmorum, ora pro nobis Refugium peccatorum, ora pro nobis Consolatrix afflictorum, ora pro nobis Auxilium christianorum, ora pro nobis Regina angeloru, ora pro nobis Regina patriarcharum, ora pro nobis Regina prophetarum, ora pro nobis Regina apostolorum, ora pro nobis Regina martyrum, ora pro nobis Regina confessorum, ora pro nobis Regina virginum, ora pro nobis Regina sanctorum omnium, ora pro nobis Regina sine labe originali concepta, ora pro nobis Regina in caelum assumpta, ora pro nobis Regina sacratissimi Rosarii, ora pro nobis Regina pacis, ora pro nobis Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, parce nobis, Domine. Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, exaudi-nos, Domine. Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis. Ora pro nobis, Sancta Dei Genetrix. Ut digni efficiamur promissionibus Christi. Oremus: Concede nos famulos tuos, quaesumus, Domine Deus, perpetua mentis et corporis sanitate gaudere: et gloriosa Beatae Mariae semper Virginis intercessione a praesenti liberari tristitia, et aeterna perfrui laetitia.Per Christum Dominum nostrum.Amen. Oratio ad finem D.Ora pro nobis, santa Dei Genetrix.	Vós espiritual, Hora por nobre Vós sucena Se vos senhor ê Roseira mística Torre das vística, Hora por nobre Torre bornia Dorme nos ares Sede adilizarca, Hora por nobre Adilizarca Joana ancelo Estrela matutina, Hora por nobre Refurgam fracatória Consolastes o afritório Aos filhos cristionório, Hora por nobre Regina angelório Regina confessório Regina profetaria, Hora por nobre Regina postolório Regina mártires Regina confessório, Hora por nobre Rêgina, Rêgina Reginá Santa no aro Regina Sacratísima do meu rosário, Hora por nobre Aqui nos Deus Aqui nos Deus De todos pecados é mundo Faça que nós dorminé

R.Ut digni efficiámur promissionibus Christi.	

Quadro 3 – Terço em Latim e transcrição dos moradores do Tambiocó

Se considerarmos a definição de fala trazida pelo Dicionário de Linguística (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 263), entendemos o porquê de a descrição acima apresentada se realizar de maneira tão particular e altamente aceitável para os sujeitos que vivenciam a cultura do Terço cantado:

> A fala é um fenômeno físico e concreto que pode ser analisado seja diretamente, com a ajuda do ouvido humano, seja graças a métodos e instrumentos análogos aos utilizados pelas ciências físicas. A fala é, com efeito, um fenômeno fonético; a articulação da voz dá origem a um segmento fonético audível imediatamente a título de pura sensação. O ato da fala compreende fisicamente três fases: a produção da cadeia sonora pelos órgãos ditos da fala (articulação e fonação); b) transmissão da mensagem com a ajuda de uma onda sonora; esta fase compreende a estrutura física dos fenômenos vibratórios e a acústica dos sons da fala; c) a recepção desta onda sonora pelo ouvido humano; esta fase compreende a percepção da cadeia sonora, isto é, sua interpretação como uma série de elementos de valor distintivo.

Fica claro, então, que a transcrição do Terço apresentada pelos moradores da região perpassa por todos os estágios da fala, sendo que o resultado final é a constatação concreta da terceira fase apresentada acima por *Dubois et al.*, e se vale de uma interpretação dos elementos sonoros realizada pelo escrevente do texto do terço. Tal fenômeno reforça ainda mais a teoria de que fala e escrita não são espelho uma da outra, mas tecnologias complementares e fundamentais para a transmissão de mensagens.

Ao ser observada a transcrição do oral para o escrito, é possível afirmar, e comprovar, que grande parte das palavras são transcritas da maneira como foram ouvidas e assimiladas pela audição e pelos conhecimentos linguísticos de quem foi responsável por esta tarefa. É importante lembrar que o texto acima apresentado poderia variar se os conhecimentos linguísticos do escrevente fossem maiores ou menores que o da pessoa que realizou a transcrição do terço neste trabalho apresentado.

1.3 Aspectos orais em contraposição com a escrita

Como pudemos perceber, na tentativa de manter um evento da cultura da região, o Terço cantado, moradores do lugar fizeram uma transcrição livre do oral para o escrito, a fim de

possibilitar que o maior número de pessoas conseguisse ter acesso ao texto com o objetivo de aprender a reza e perpetuá-la.

É possível notar também que tal transcrição foi realizada por um leigo, não consagrado pela Igreja, e não conhecedor do Latim, língua utilizada na maior parte da cantoria. No quadro abaixo, realizamos uma apresentação e análise dos principais termos adaptados pelo escrevente do Terço, para entendermos quais as possíveis razões que levaram a uma transcrição livre em detrimento da versão original que poderia ter sido consultada nos Missais da Igreja Católica.

Adaptações	Versão do Terço cantado	Original em Latim
Acréscimo de letra ou sílaba	1- Hora 2- Encreatório 3- Virgam	1- Ora 2- creatóris 3- virgo
Versão para o Português segundo as expectativas linguísticas do escrevente	1- Santa 2- Espelho da justiça 3- Vós espiritual 4- Roseira mística 5- Dorme nos ares 6- Joana 7- Regina confessório 8- Regina Sacratíssima do meu rosário 9- Aqui nos Deus Aqui nos Deus De todos pecados é mundo Faça quenós dorminé	1- Sancta 2- Speculum justitiae 3- Vas spirituale 4- Rosa mystica 5- Domus aurea 6- Janua 7- Regina confessorum 8- Regina Sacratissimi Rosarii 9- Agnus Dei, Quis tollis peccata mundi Parce nobis, Dorminé
Alteração da posição de letras	1- Patre 2- Por	1- Pater 2- Pro
Troca de letras	1- matem 2- entemerata 3- anabilis 4- admirabeles 5- salvatório 6- prodentíssima 7- torre	1- mater 2- intemerata 3- amabilis 4- admirabilis 5- salvatoris 6- prudentíssima 7- turris
Omissão de letra ou sílaba	1- Santa 2- Catíssima 3- Sede	1- Sancta 2- Castíssima 3- Sedes
Deslocamento e mudança de acentos	Rêgina, Reginá	Regina

Quadro 4 – Quadro comparativo das versões transcrita e em latim

Para a exemplificação, escolhemos apenas as adaptações vocabulares que parecem ter sido feitas para que houvesse uma aproximação com a Língua Portuguesa, não que acreditemos

que tenham sido realizadas propositalmente, mas intuitivamente. Com isso acontece, mesmo que despropositadamente, um fenômeno de aproximação da oração proveniente da cultura erudita e restrita aos conhecimentos letrados de quem efetivamente foi consagrado pela Igreja, com a dos moradores da região que, como a grande maioria da população, não têm acesso aos conhecimentos suficientes para a compreensão do que está sendo cantado. Entretanto, a transcrição possui a função de manter uma tradição oral da região, conforme esclarece Duarte (2008, p. 138)

> podemos constatar que em função da preservação de sua tradição, os rezadores constroem suas próprias hipóteses sobre o Latim. Isto porque o conhecimento que os rezadores detêm está em reconstrução entre bocas e ouvidos das pessoas, em recriação na memória de cada tipo de agente/rezador e no próprio repertório das crenças e dos ritos que estão presos à oralidade. Assim, é a força da tradição e da manutenção da cultura do grupo que permitiu a preservação dos rituais e das rezas, mesmo que transformadas pelos ouvidos de pessoas que não tinham acesso à leitura e ao conhecimento da língua latina.

O que percebemos, ao ouvirmos o Terço, é que as adaptações foram realizadas considerando, inclusive, a sonoridade da canção. Na versão original, escrita em Latim e presente nos Missais da Igreja Católica, a Ladainha foi feita para ser falada, como a grande maioria das orações, e ao se transformar em uma canção a rima tornou-se importante. A rima existia em boa parte do texto, mas foi reforçada com a "nova versão" apresentada em vários trechos, por exemplo *ventre/quelemente; fracatório/afritório/cristionório*.

Algumas vezes, o aportuguesamento de palavras, expressões e até versos inteiros, faz com que se perca a informação a ser passada e o trecho se transforma em um aglomerado de palavras sem sentido, como podemos constatar abaixo:

Versão original em Latim	**Versão do Terço cantado**	**Tradução**
Agnus Dei, Quis tollis peccata mundi Parce nobis, Dorminé	Aqui nos Deus Aqui nos Deus De todos pecados é mundo Faça que nós dorminá	Cordeiro de Deus, Que tirais o pecado do mundo, Perdoai-nos, Senhor

Quadro 5 – Alteração de sentido em trecho do Terço cantado

É sabido que, na língua falada, a entonação é responsável por determinar informações fundamentais para a compreensão da mensagem a ser passada, por meio do trabalho com a própria voz é que o falante deixa claro ao ouvinte se o enunciado proferido é uma interrogação

ou uma afirmação, por exemplo. Dubois *et al.* (1973, p.: 17, grifos do autor), diferem acentuação fonética de ortográfica como:

> Em fonética, a *acentuação* consiste em pôr em relevo uma ou várias sílabas numa palavra ou grupo de palavras, pronunciando-as como uma característica fônica que as distingue das outras palavras: maior força expiratória (acento* de energia) ou timbre mais agudo (tom*).
> Em ortografia, a *acentuação gráfica* consiste no uso de sinais diacríticos para indicar timbre e posição de sílaba tônica.

Diante disso, surge então outro aspecto interessante a ser observado no terço, os acentos colocados na palavra Regina (Rêgina/Reginá) para apontar para o rezador/cantador o fato de que a entonação da palavra deve variar de aberto para fechado, segundo o acento cincunflexo e agudo, respectivamente; isso se faz devido a ausência de uma partitura, escrita responsável por musicar letras.

Porém, o que interessa é a realização das práticas religiosas onde o terço é entoado para manutenção da fé, que é fator de aproximação dos pertencentes àquele lugar e manutenção da cultura existente ali, já que, como posto anteriormente, os moradores da região e os pertencentes ao lugar, mesmo que não morem mais no espaço físico denominado Tambiocó, se reúnem de tempos em tempos em torno de um altar para rezar e cantar o terço que é uma característica própria daquele lugar. Duarte (2008, p.164) afirma que, a partir das análises feitas em seus estudos, o terço passa

> a ser entendido como uma prática discursivo-religiosa, distribuído e consumido no contexto em que se insere pela sua força ideológica e seu caráter dialógico. Além disso, é uma prática social que intervém no comportamento do grupo, o qual legitima a posição dos rezadores, uma vez que para intermediar os devotos entre o plano humano e o sagrado, não pode ser qualquer um, não basta saber cantar o terço, é necessário também ter bom comportamento, sobretudo moral, pois são eles que representam o grupo para ter acesso ao sagrado.

Apesar de várias adaptações serem realizadas, alguns rituais se mantêm. Durante séculos, as missas, e quaisquer outras rezas realizadas pela Igreja Católica, eram feitas exclusivamente por padres, em Latim e de costas para o povo. Por haver esse distanciamento, muitas vezes as cerimônias não contavam com a participação da população. Ao perceber o afastamento dos fiéis de suas cerimônias, por não lhes fazerem sentido, a Igreja, segundo Concílio Vaticano de 1962,

determinou que as missas e momentos de orações deveriam ser realizados na língua local e com o celebrante de frente para o povo.

Em relação ao terço, essa determinação da Igreja não foi implementada, uma vez que os rezadores realizam o cantar da oração de joelhos, de costas para o povo, supostamente em Latim e a participação dos presentes somente acontece no momento de se rezar a Ave-Maria e o Pai-Nosso. Confirma-se, assim, que é preciso haver adaptações para que a cultura popular não se perca e, sobretudo, que a Igreja Católica criou seus mecanismos de adaptação para permanecer entre os fiéis.

Considerações Finais

A importância da cultura para a manutenção do enraizamento das tradições de um povo se dá, inclusive, pelas adaptações constantemente realizadas nas manifestações culturais para que elas continuem sendo viáveis aos personagens que as vivenciam. Enraizar-se é, portanto, uma condição necessária das comunidades consideradas tradicionais. Para as rurais, especificamente, o enraizamento parece acontecer com mais clareza nas manifestações religiosas populares diversas existentes naquele local.

A oralidade torna-se, então, uma forte aliada dos atores de eventos religosos populares nas comunidades rurais já que, por tradição, os conhecimentos da cultura popular se propagam oralmente, visto que, durante muito tempo, o acesso à escola de cultura letrada era restrito a poucos, ou a nenhum dos integrantes de tais comunidades.

Entretanto, a escrita, nos últimos tempos, tem surgido como um dos recursos de manutenção de ritos religiosos nestes lugares, outrora exclusivamente orais. A presença da escrita aconteceu, conforme podemos perceber na fala dos sujeitos entrevistados neste estudo, por terem diminuído a frequência de momentos em que as orações se realizam no local. Para eles, como não há uma frequência alta de momentos em que o terço cantado é rezado na comunidade, a memorização da letra, exclusivamente por ouvir, como se dava em tempos passados, tormou-se mais difícil, daí, então, a necessidade de se transcrever o que, por anos, era apenas cantado.

O recurso da escrita justifica-se, então, como forma de perpetuação de uma cultura religiosa e oral que a comunidade não quer deixar desaparecer. O Terço escrito tornou-se, pois, um recurso eficiente de aprendizagem de uma oração que se encontra na língua oficial da Igreja Católica, o Latim, e que por não ser usual na comunidade, a não ser no momento da reza do terço, teria poucas chances de se manter caso os moradores não criassem uma estratégia para que os novos rezadores/cantadores pudessem ter acesso ao Terço em outras instâncias que não apenas os parcos momentos em que a comunidade se reúne para rezá-lo.

Várias adaptações foram realizadas na oração neste estudo apresentada: a Ladainha de Nossa Senhora foi criada para ser rezada depois de se rezar o Rosário, o que não acontece neste caso, já que o Rosário sequer é rezado; transformar uma oração falada em música; chamar de Terço cantado (entenda-se por Terço o conjunto de dez Ave- Marias e um Padre Nosso).

A adaptação escrita do Terço cantado realizada pelos moradores da região do Tambiocó confirma a necessidade que a cultura tem de se manter por meio da transmissão de

conhecimentos de um para o outro. Tal transmissão, dentro da cultura popular, acontece muito fortemente pela oralidade.

Portanto, a oralidade está diretamente ligada à cultura popular como uma das responsáveis pela sua manutenção e propagação dos eventos que unem os moradores de um mesmo lugar, definindo-os como iguais em suas culturas. É, ainda, a maneira mais popular de transmissão de conhecimentos, pertencentes à cultura de cada região, pelos seus participantes. Tanto a cultura quanto a religião precisam se reinvertarem para que não sejam esquecidas, para perpetuarem.

Então, estudar a oralidade para a cultura popular, especialmente neste caso do Terço cantado, é, sobretudo, respeito às tradições sem menosprezar uma cultura em detrimento da outra, já que as culturas são múltiplas, diferentes entre si, mas importantes para a vivência social dos diferentes sujeitos das diferentes sociedades.

As culturas são diversas, mas nosso estudo da letra do Terço analisado neste trabalho mostrou-nos que uma pode perpassar a outra sem que percam a sua essência e suas características fundamentais. Se considerarmos que as Ladainhas em Latim eram de domínio quase que exclusivo da cultura erudita e letrada e que foi abarcada pela cultura popular como uma forma de manifestação religiosa, podemos confirmar a teoria da convivência possível, apenas adaptada, das diferentes manifestações de cultura.

O Terço cantado, apesar de ser proveniente de uma língua da qual os homens e mulheres da zona rural, mas especificamente do Tambiocó, não tinham conhecimento, é utilizado para que as manifestações religiosas e de fé não deixem de pertencer àquele lugar, visto que não é constantemente que os membros consagrados pela Igreja Católica têm a oportunidade de estarem lá para celebrações diversas. Então, a população precisou adaptar suas práticas para que a tradição religiosa não se perdesse.

Confirmamos, assim, a importância dos eventos da cultura popular para a coesão dos grupos de regiões específicas que pretendem manter-se unidos em (e graças à) sua cultura. Além disso, o aprendizado do terço cantado, apesar de existir uma letra escrita em Latim, precisa se dar por meio da escuta das rezas, já que, como vimos na análise da Ladainha de Nossa Senhora, há elementos específicos que não seriam encontrados na versão original, o que impossibilitaria o acompanhamento da cantoria.

Portanto, é importante conhecer as características da cultura popular pertencentes a cada povo para que possa existir a manutenção e o respeito a cada uma das manifestações, sem jamais acreditar que uma seja mais elaborada e importante que a outra. Desta feita, as diferentes culturas (popular, erudita e de massa) podem conviver sem que uma tente desfazer-se da outra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguel Ferreira de. **Os quinze sabbados do Santíssimo Rosario**. Porto: Tipografia Porto Medico Ltda, sd.

BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec Editora, 2012.

_____. **A estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermentina Galvão G. Pereira, São Paulo: Martins fontes, 1997.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário Portuguez & Latino**: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 volumes. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/edicao/1>. Acesso em 17 fev. 2015.

BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira:** temas e situações. São Paulo: Editora Ática, 1987.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do povo***:* um estudo sobre a religião popular. Uberlândia EDUFU, 2007.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 1997.

_____. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

DICIONÁRIO MICHAELIS. **Dom.** Disponível em <michaelis.uol.com.br>.

DUARTE, Aline do Nascimento. **A preservação da identidade sócio-cultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais.** 2008. 200 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Brasília-DF, 2008.

DUBOIS et al., Jean. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GEERTZ, Clifford. **O saber local:** novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1995.

GUIMARÃES, Alba Zaluar. Sobre a lógica do catolicismo popular. **Dados,** Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, v.11, p.173 -193, 1973.

RAMILO, Maria Celeste; FREITAS, Tiago. **Transcrição ortográfica de textos orais**: problemas e perspectivas. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7173.pdf.> Acesso em: 20 de out. 2014.

LAGE, Ana Cristina Pereira. **Grupo escolar.** Diponível em <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_grupo_%20escolar.htm>. Acesso em: 02 fev. 2015.

LEFEBVRE, Gaspar. **Missal quotidiano dos fiéis**. Bélgica: Editora Bíblica, 1962.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: PATRIOTA, Rosangela; RAMOS, Alcides Freire (Org.). **História e cultura**: espaços plurais. Uberlândia: Aspectus, 2002. p. 335-345.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita** - atividades de retextualização. Editora Cortez: São Paulo, 2010.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Editora Lucerna: Rio de Janeiro, 2005. p. 19-36

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. Editora Parábola: São Paulo, 2008.

MONTEIRO, Marianna F. M.; DIAS, Paulo. Os fios da trama: grandes temas da música popular tradicional brasileira. **Estud. av.,** São Paulo, v. 24, n. 69, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-401420100002000 22&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 abr. 2014.

PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares** – léxico e cultura no vernáculo catalano. 2007. 521 f. Tese (Doutorado em Linguística e língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista-Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara - São Paulo, 2007.

PESSOA, Jadir Moais de. **Saberes em festa**: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Editora Kelps: Goiânia, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Editora Cultrix: São Paulo, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros Orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2004.

SCHWARTZMAN, Simon. **A redescoberta da cultura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

SOUZA, Angela Fagna Gomes de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Ser e viver enquanto comunidades tradicionais.** Fortaleza: Mercator, 2002.

ANEXO A – Transcrição da entrevista

P- E1, o senhor mora aqui desde quando, nessa região?

E1- Ah, deusde 1956.

P- Desde que nasceu?

E1- Nasci.

P- Nasceu aqui?

E1- Na região do Tambiocó

P- Os pais do senhor já moravam aqui?

E1- Já, naturalidade daqui.

P- E o senhor nunca morou em outro lugar?

E1- Não.

P- Só aqui?

E1- É, só sai da casa do meu pai quando eu casei e vim pra cá, né, ma(s) num mudô de regi(hesitação), de região, né, a região é a mesma.

P- A região é a mesma, só a casa que mudou de lugar.

E1- É

P- E quando o senhor era pequeno, pra hoje em dia, mudou muito aqui a região ou praticamente é a mesma coisa?

E1- Não, eu acho, é, sobre essas coisa (a)í, mudô muito poco, sobr'essas fes(ta) tradicionais, esses trem, mudô muito poco, foi .

P- E a região ...

E1- Agor'qui tá mudano, muitas coisa agor'qui tá mudano.

P- Agora tá mudando?

E1- Tá.

P- E aqui, quando o senhor era criança, tinha escola, igual tem hoje em dia?

E1- Tinha.

P- E o senhor estudou nessa escola?

E1- Eu istudava nes'iscola do Tambiocó, inclusiv'foi cumeçado lá cum rancho de paia de bacuri.

P- Entendi.

E1- Eu ia di'a'pé, eu andava, dav'mais ou men'uns oit'quilome, ia'pé, pa'istudá lá.

P- Todo dia?

E1- Todos os dia, só sabo [sábado] e dumin'qui [domingo que] não.

P- E, o senhor fez até que série lá?

E1- (A)té, não lá eu fiz só u u (hesitação), eu istudei quato ano lá pra mim fazê u pri(hesitação) primer'ano q'êze falava, qu'era o pré, sabe? Má(s) qu'eu, qu'eu completei memo u u primár(io) foi qui nu (...), já foi otr'iscola que foi amontada lá, inclusive até mais pert'da minha casa qu'essa lá.

P- Aí o senhor estudou até ...

E1- Até u u quarto, quarto, o primar [primário], né, o quart'ano, né.

P- Nessa escola depois, então o senhor estudou em duas escolas.

E1- Foi

P- Essa escola que existe hoje em dia num existia naquela época não?

E1- Não, não essa do Tambiocó ixi(hesitação) ixistia, agora essa onde eu istudei não, ess'ôta [essa outra] mai(s) perto, essa já ixistia indeusda [desde], cumecei, primero dia qu'eu fui na iscola foi lá, é, ainda tem ela até hoje.

P- Mas não é lá onde faz a reza, ou é?

E1- Não, no mes[mesmo] lugá, só mudô, só que fizeru um grup[grupo], né, di primero fô [foi] um rancho de paia, fô[foi] u, us meus pai, us pai do minimu qui[aqui] qui juntô e feiz, aí pagô um professor pá, pá insiná nóis lá, né, neim prefeitura num era, era particular. Intão lá eu fui quato ano lá pá mim fazê, pa mim sai do pré, qui primero falava era o pré, hoje eu num sei. Só que eu num guentava i(r) tod'ia, eu ia uns trêis dia faiava um, faiava doi(s) na semana purque eu num guentava i(r) porcausa de sê[ser] di'a'pé, sabe?

P- Era longe

E1- Intão eu eu perdia muitas matéria, purque tod'ia tinha uma matéria, né, intão eu tinha dia qu'eu faiava, intão eu faiava purque? Purque eu num guentava i(r) purque'u er'mini(hesitação) eu er'novo, deva qu'eu tinha uns oito ano, nove ano cumecei a i(r).

P- E gastava o dia inteiro, acordava cedo ou era de tarde?

E1- O di'ntero [dia inteiro], o di'ntero [dia inteiro], na parte da tarde, ma(s) nóis tinha que sai(r) cedo pá chegá lá na hora da aula, né. Nóis saia de casa deiz hora, nove e meio, pá chegá na escola, começá mei(o) dia e terminava quato hora, nóis ia chegá lem casa quais, já escureceno já, isso nóis era ũa, um, um, capaiz que dava uns quinze mininu, nóis ia passano na porta de cada um e ia juntano tudo.

P- Tudo a pé

E1- Tud'a pé, calcinha curta, ca'época(aquela época),é, de chinelo, ota'ora de pé no chão, num tinha sapato, num tinha nada.

P- Mas tinha um caderno?

E1- Tinh'um cadernim chei de oreia {risos}, a cartilia, tadinha, ficava, ficava {risos}, quan'terminava o ano tava só o bagaço, só o sinal da cartilia.

P- E o E2, nasceu aqui?

E1- E2 nasceu aqui.

P- Estudou aqui?

E1- Cumeçô, é, cumeçô a istudá aqui, né, feiz o primar (primário) cum'eu falo aqui, né, depois foi pu [pro] Catalão e continuo(u) a istudá má(s) um poco, né.

P- E2, e hoje em dia você mora onde?

E2- Na cidade, no Catalão.

P- Tem quanto tempo?

E2- Oito ano.

P- Você morou aqui na roça quanto tempo?

E2- Uai, (a)té os vinte quato.

P- E por que você resolveu mudar para a cidade?

E2- Ã, poque (a)í casô(u), né, pocada [por causa da], os custu de vida tamem [também] achano qu'la era mió, que na roça tava ficano mui'custoso, é, e a esposa tamem [também] tinh'um istudo, intão picisava [precisava] istudá mai(s) e lá era mai(s) fácil pra ela que pra mim.

P- E aí ficou trabalhando lá na cidade ou você nunca chegou a trabalhar lá?

E2- É, aí trabaiei lá um, quato ano, né, exprementô, que (...) tava (a)qui, né, e resolveu i(r) e eu resolvi voltá(r) pá trais, né.

P- É melhor lá ou aqui pra trabalhar?

E2- Uai, eu, arrente [a gente] aqui eu acho mió, né.

P- E pra morar?

E2- Uá, mora, é, num sei ainda, puque [porque] eu só durmo lá e convivo mais aqui,né, na roça.

P- E o que você faz aqui, você trabalha em quê?

E2- Uai, serviço tudo, gerais, né.

P- Tira leite?

E2- É, tira leite, trabaiá pus'ôto [para os outros] nas hora, tem o tratô tamem [também], né.

P- O que você faz com o trator?

E2- Pres'erviço [presto serviço]

P- Desmatando?

E2- Não, só mais part'de formação de pas(to), plantação de roça, né, cilo, (e)ssas coisa

P- Aqui, vocês fazem cilo?

E2- Faiz

P- E cada um faz o seu, ou como que é?

E2- Não, (a)qui, de primero juntava uma turma fazia pá [para] um, fazi pá[para] ôto [outro], ago'je [agora hoje] em dia mai(s) tá seno cada um pra si.

P- Quase não juntam mais pra fazer cilo, não?

E2- Não, cê tem o seus trem, cê vai e cê cobra pu'rora [por hora] trabaiada e a pessoa ranja [arranja] o serviço manual.

P- E dá de mão, esses trem, ainda exitem por aqui?

E2- Não, num ixist'is'má [não existe isso mais] não.

P- Acabou? Traição?

E2- Não.

P- Isso acabou tudo?

E2- Cabô

P- Cada um toma conta do seu?

E2- Vei'quando[de vez em quando] es'inventa[eles inventam]a fazê'i [fazer aí] mai(s) num, povo num vai e uns num (a)guenta e os que foi pá cidade que morava (a)qui num vol (hesitação) num vem, num tem interesse.

P- Tem gente que mudou daqui e mora na cidade e eles vem aqui de vez em quando pra fazer o quê?

E2- muçá [almoçar].

P- Só?

E2- {risos} Num domingo, nu'a'reza [numa reza] que faiz vem algumas pessoa, ôtas [outras] num ...

P- Mas pra uma reza, uma festa ...

E2- Não, num é todos que vem não.

P- Mas alguns ainda aparecem?

E2- É, ques [aqueles] mai(s) da famia do terço, po'exempo [por exemplo], os fio, os irmão (a)té vem, mais os tercero, cumu [como] se diz, mui'poco [muito pouco].

P- Muito pouco. E1, e aqui vocês reunem, o povo da região, o povo que mora da cidade, vem pra cá pra rezar, pra ...

E1- É, sabe as festa tradicionais que tinha, né, toda vida, num acabô, né, o povo foi pá cidade mais e as festa continuô.

P- E quais são essas tradicionais que têm aqui?

E1- Uai, a (hesitação) as festa religiosa, fest'de São Sebastião, tinha folia de Santo Reis e São Sebastião, toda vida, indeusde [desde] que'u intendo por gente que teve essas festa e hoj(hesitação) até hoje es'inda [elas ainda] tem (a)inda, só que o pessoal da roça que tá muito poco, o povo foi pu[para o] Catalão, mudô, mai [mas] na época da festa es'volta [eles voltam] todo mundo pra cá, p'as fes(ta), todo mundo vem assisti, vem ajudá fazê, é montá barraca, (a)judá rezá o terço.

P- Essa festa que o senhor tá falando é a que acontece lá no Tambiocó? Lá na Igreja?

E1- Isso.

P- O senhor já foi festeiro?

E1- Já fiu festero dois ano.

P- Dois anos?

E1- É, lá.

P- E como é que é, como que é a organização lá?

E1- Ah, bão dimais organizá porque todo mundo gost'de ajudá, lá, todo mundo dispõe ajudá, ninguém cobra nada, só memo assim pá, (a)quela'ligria [aquela alegria], sabe, de tê(r) (a)quela tradição de todo ano, todo ano é um festero, junta todo mundo, vamo'judá esse festero, aí póe o oto [outro] festero p'oto [para o outro] ano seguinte, qu'ele oto festero vem, vamo (a)judá ele fazê.

P- Então, todo ano muda de festeiro?

E1- Todo ano muda de festero, só qu'os [que os] ajudante vai só aumentano. Então todo mundo que dá (a)quela participação, ninguém cobra nada pa'judá [para ajudar], põe os juiz de café, juiz de fuguer(a), juiz de rezá a novena, todo mundo vai, cumpr'o seu devê.

P- E o que que é o juiz de café?

E1- É, leva os (hesitação) o café pá reparti cum pessoal lá, é o juiz do café el'é [ele é] responsávi(l) pela nov(hesitação) pela novena, a reza do terço, ele tem que levá os fugue(hesitação) os fuguete pá[para] sortá na hora do terço, aí a missão del'é [dele é] essa.

P- E dura quantos dias essa festa lá?

E1- É, uai, a festa memo, a novena é nove dia, né, mais só pó (hesitação), é, que o povo vai pá lá, pá começá ela e termina, ela vai uns vinte dia.

P- Então o povo vai antes pra fazer o quê?

E1- Pá fazê a barraca, rumá [arrumar] lá, limpá lá o lugá deretim, infeitá a Igreja.

P- E como que é feita essa barraca?

E1- De primero era feito com paia de bacuri, era cortada as fôia[folhas] de bacuri, fazia o maderamento e punha as fôia [folhas] por cima, (a)gora hoje em dia foi avoluino [evoluindo] mai(s), então hoje já tem a lona já, aí só faiz a armação, puxa a lona em cima, tampa pá[para] cubri a quada, que de primero era um pedacim piquininim hoje em dia é uma quada de futebol que tampa, até o Tambiocó é uma das maió festa então tem duas quada que é tampado na época, então gas'uma [gasta uma] mão de obra danada, mai(s) isso aí nuca faltô gente pá'judá, todos dia de cumeçá'a novena a barraca tá prontinha e a custo zero da pessoa, o festero, ninguém paga nada pá ninguém.

P- E aí enfeita a barraca, enfeita a Igreja?

E1- Enfeita tudo, mai(s) já parte é das mulher já, né, (e)ssa parte aí, nóis os home dexa a barraca pronta e as muié já vai fazê o (a)cabamento com enfeite, esses trem, a Igreja.

P- E aí, reza nove dias, todos os nove dias são iguais, é a mesma reza?

E1-Não, dependê a (hesitação) quand'era a reza cantada, aí, qu'é'ssa [que é essa]reza, esse terço que nóis tem hoje, é, tinha o rezadô era só ele, el'pegava [ele pegava] a festa pá [para] fazê, é pá[para] fazê, é a parte religososa e o leilão el'pegava [ele pegava] pá[para] fazê, só que na época tinha muita gente qu'interessava em ajudá a rezá, muitos'omi [muitos homems] que punha vontad'e aprendê e queria'judá [queria ajudar] rezá, né, então, ele el'pegava a festa pá[para] fazê, o leilão e o terço era pu'conta [por conta] dele, só que, é, todo mundo era doido pá'judá el'rezá [ele rezar], essa pessoa, então num faltava rezadô, ai essa pessoa morreu, daí pá cá já foi minguano, esse povo mai(s) novo já foi dexano, num quis'aprendê,e, agora (a)ssim, tem dia que é rezado a reza cantado pelos homi e o dia que num dá a turma compreta aí então as mulher que reza o terço, já num é todo dia essa reza cantada não.

P- Mas teve uma época que era todos os dias o terço cantado?

E1- To'dia [todo dia] era ele, to's dia.

P- E como é que chegou esse terço cantado aqui na região?

E1- Ah, iss'aí agora eu num sei te falá, P, que quand'eu nasci (a)qui já tinha esse terço (a)qui.

P- O que o senhor lembra assim mais antigo como é que era?

E1- É, quand'eu cumeçei (a)judá rezá esse terço eu tinha dezesseis ano, que toda vida eu gostava demais desse terço cantado, eu ia na nov(hesitação) na novena com meu pai eu era mininu, eu ficava lá juntim c'oêse [com eles] escutano êse [ele] rezá, aí fo'nde [aí foi onde], cum dezesseis ano eu (a)judei rezá pela primera veiz.

P- E como é que o senhor aprendeu a letra?

E1- Nossa, iss'i [isso aí] êse [eles] rezá tod(hesitação) toda festa qu'eu ia ficava lá prestan'atenção, aí eu chegav'em [chegava em] casa, punh'aquilo na cabeça ia rezano os pedaçim, rezano, aí o primeo dia qu'eu fui judá [ajudar], quando fartô um rezadô, aí minha mãe fá [fala], "juda [ajuda], E1, cê go'de [gosta de] rezá", eu jueiei [ajoelhei] lá, er'um [era um] veião sistemático, el'danô [ele danou] cumigo, "que qu'cê tá fazeno (a)qui?", aí minh'mãe fá [falou] "não, é qu'ele é doido pá'prendê [para aprender] rezá, uai, vê [às vezes] quem sabe el'dá certo", aí el'dexô [ele deixou] eu rezá, (a)ssim, num ficô bão o primero dia não, ma'o [mas na hora] que terminô a reza, ficô tão satisifeito, di [disse] "oi, tamanzim, pessoa novo interessado", daí pra cá eu'rrá [eu já] cumeçei judá êse (eles), aí depois rezei uns quato ano, depois que meu irmão que é o (...), aí já foi incentivano tamém e já entrô cu'nóis [conosco] aí já é, feiz um terno nosso, né, aí esse véi já morreu, já num pegô fest'pá fazê mais.

P- Que o senhor lembra ele era o primeiro que cantava esse terço por aqui?

E1- El'era o primero, el'chamav(hesitação) el'chamava pá[para] rezá, aí se tivesse jeito pá [para] rezá junt'a (junto a) ele, ele rezava cantado, se num tivesse el'rezava terço falado sozim.

P- Sozinho?

E1- Sozim.

P- As outras pessoas só ouviam?

E1- Só'uvia [só ouvia], aí já num era cantado era falado, né, aí di'que [dia que] tinha gente pá'judá [para ajudar] era cantado.

P- Precisa de quantas pessas pra ajudar cantar o terço?

E1- Seis pessoa.

P- E como é que funciona?

E1- É, seis pessoa cum seis voiz diferente, num pode sê(r) uma voiz só não, então é seis qualidad'e de voiz pá [para] formá a canturia, entã'gasta seis pessoa.

P- E como é essa qualidade de voz, assim, voz diferente como?

E1- É gual [igual], gual[igual], assim tem o tom grave, né, tem o agudo, né, tem o conti qu'êse fala, fala voiz fina, então é (a)ssim, a reza é dividida em duas parte, o tiradô e o respondedô, então o tiradô é trêis pessoa que faiz parte, o respondedô tamém trêis pessoa, então a, tem u u terço qu'é tirado e tem a resposta, então de acordo com que ũa pessoa canta um vers'qui [verso aqui] quem respode sabe que qu'ele vai cantá de cá, cê entende cum'é [como é] que é? A reza ela é em, em Latim, é ũa língua, da mod'oto [da moda do outro], aprareceu essa rez'í [reza aí] cum'esse, deus [desde] que pareceu ficô desse tip'í [tipo aí].

P- E vocês entendem o quê que tá cantando?

E1- Não, muitas coisa eu num sei que significa a palavra que é falado na reza.

P- Mas, e aí reza, por quê?

E1- Uai, poque toda vida que noi [nós] foi aprendeu foi, já foi desse tipo, né, deus [desde] que nóis cunhceu essa reza foi desse tipo, então aprendeu a le (hesitação) a letra, a canturia e vei(o).

P- E o senhor acha que ela tem a mesma força de rezar em Português?

E1- Ah tem, ou avêis [às vezes] (a)té mais, eu acho que (a)té mais.

P- Por que o senhor acha?

E1- Porque muita gente que procura, fá [fala] "por que que, que idioma que é rezado esse terço dosseis [de vocês]?", aí sem sabê nada e'falo [eu falo] isso é Latim, má(mas) eu nem sei que qu'é Latim {risos}, el'fá [eles falam] "oh, mai(s) tão bunito esse", muitas palavra que fala aí, né, avêis [às vezes} fala ũa pessoa fala um tip'de[tipo de] trem, maisi [mas] já se torna ota[outra] coisa, né? Qu'arrenti [qua a gente] num sabe que que é.

P- E é só homem que canta?

E1- Não, tem participação de mulher tamém, inclusive minh'mãe can(hesitação), era uma das rezadera tamém, além da minh'mãe tinha mais duas mulher qu'eu lembro que (a)judava só que já faleceu, dependeno das voiz, né, as voiz encaixano num tem nad'avê [nada haver] home mulher não, só c'ô [que eu] vô falá pro cê, em cada lado é trêis voiz diferente, cada lado, o tiradô c'um [com o] respondedô né, agora porque que muita gente num serve pá (a)judá, porque vamo supô, noi'tá rezano de cá entra uma pessoa pá (a)judá as veiz a voz del'vai enca (hesitação) encavala na minha, então num serve, a voiz tem que sê(r) dieferenciada, é, aí ele tem que i(r) mexeno, mexeno ali pá vê se diferencia as vozi, portanto esse véi, quando ele rezava qual que começasse rezá se as voiz num desse certo ele parava o terço na hora, falano "tá errado, tem que sê(r) assim, assim".

P- Aí ele ensinava como é que era?

E1- (En)sinava.

P- E assim o senhor foi aprendendo.

E1- Assim eu fui aprendeno, e do jeito qu'eu aprendi eu passei pu'sostos [para os outros] mai(s) novo que já tá aprendeno hoje, na verdade tem só ele (a)qui que tá aprendeno dos novo, né, mai(s) já serve que mais na frente ele pode passá pá [para] alguém tamém, né só um aprendeno acho que já serve.

P- E vivo, então, o senhor é o mais antigo que canta esse terço.

E1- Sô, sô o mais antigo, não, não tem o (...) (a)inda, o mais antigo é o (...), num sei sô cê [se você] cunhece, seu sogro conhce el'demais, então o (...) é u u, num sei, tem dois, tem o (...) e o (...) (a)qui ó, era os dois mai(s) antigo que rezava, que (a)judava esse véi, agora usôtu [os outros] já morreru, só que esses dois que tá êse[eles] num tá em atividade mai(s) pá rezá, êse num ...

P- Não dá conta mais.

E1- É, num mexe mais.

P- Já tá de idade.

E1- D'idade.

P- E esse senhor que cantava aqui pela primeira vez ele era da região?

E1- Não, es(hesitação) esse véio num era daqui não, só qu'eu num lembro daonde qu'ele vêi, el'chamava (...), todo mundo chamava el'de ti [tio], era um veião barbudo, cum conversão esquisita mais ele num era daqui não.

P- Ele mudou prá cá e trouxe o terço com ele e ninguém sabe de onde que ele veio.

E1- Foi, o terço foi el'que troxe essa história dessa reza pá cá.

P- E porque que ele rezava esse terço, o senhor sabe, se era alguma promessa?

E1- Não, eu num sei se é, ô[eu] acho qu'ele rezava mai(s) porque ele vivia de pegá fes'pá [festa para] fazê, sabe? Intão o serviço del'era esse, chegava nessa época duma fes(ta) el'ia[ele ia] pá ôta, sabe, era só el'que dominava as festa, a parte religiosa e o leilão. Nessa época, os leilão era de, era, era cálice de vinho, num er'essas prendona que tem hoje não, era ũa garrafinha de goraná [guaraná], tudo quente, num tinha geladera, num tinha nada, er'um [era um] saquim de balinha, (en)tão el'saia no mei(o) do povo cum aquilo pregoano, aí el'tinha uma porcentagem da renda da fes(ta) pá [para] fazê o leilão e fazê o terço.

P- E que também não tinha energia na época.

E1- Num tinna nada, num tinha, era lamparina, dessa lamparina querosene, eu lembro dimais da conta, o dia que, o dia que a pessoa sai pá [para] juiz da novena, dessas hora pá [para] tarde já tava cumeçano fazê os pavi(o) pá [para] pô(r) na lamparina, comprava o querosene pá [para] levá tudo na garupa do cavalo, pá [para] chegá lá podê lumia a festa, vela, vela, num tinha essas vela não, ũas [umas] vela de cera, ũas [umas] vela preta, sabe, é feita em casa, tudo ...

P- Isso o senhor era criança?

E1- Isso era mininim, foi quando eu cumecei a lembrá dess'as festa, foi, era dex'jeito [desse jeito].

P- Então hoje em dia é diferente demais.

E1- Ixe, hoj'em dia é um paraíso, né, nas fes'de [festa de] hoje.

P- O senhor acha hoje melhor que antigamente?

E1- Não, eu acho melhor mais antigamente dava mais emoção, eu acho.

P- Por quê?

E1- Ah, parece qu'a pessoa ficava cum aquilo, dia de i(r) pá[para] fes(ta), último dia nói(s) já levantava, minino já cumeçava tomá banhi [banho], arrumá pá'i [para ir], que ia de a pé, veis nói(s) gastava o d'intero pá'i [para ir], tinha que manhecê lá pá podê vim no ôto dia de dia, que ia carregano, minha mão ia levano minimu no braço, né, nóis ia, tinha que pegá na mão pá nóis i(r) andano, gastava o d'intero pá'i [para ir].

P- E por que o último dia era especial?

E1- Intão, ah, po'causa que tinha purcissão, tinha a janta, tinha muita coisa, muita nuvidade, tinha o andor pá [para] carregá, os cruzero, né, ficava doidim pá chegá a festa pá [para] carregá o cruzero

na purcissão, isso minimo, depois ficava maiozim já carregava o andor que tinha responsabilidade maió, já tinha o santo, né, no andor, então num pudia dexa cai(r), então terminava ũa fes(ta) esse ano, a gente já ficava pensano na ôta, (a)té chegá o ano que vem pá[para] nóis podê i(r) de novo.

P- E hoje em dia o último dia é bem diferente?

E1- Ih, hoj'em dia, dá mod'oto [dá moda do outro], pá falá verdade o que vai memo pela parte religiosa é muita poca gente, né, num pens'isso [pensa isso] mai(s), né, pov'oje [povo hoje] pensa é no som, a qualidad'o som, quem vai tocá, que num vai. De primero er'uma [era uma] sanfoninha pé de bode, o pov(hesitação) ia lá pô pé, pá furquia do mei(o) da torda c'uma sanfoninha, tocav'a noit'intera e dançav'era todo mundo n'era só os novo não, era de minimu, a rapiz, moça e véi, era todo mundo ia (a)té manhecê.

P- Bem diferente de hoje em dia.

E1- Eu lembro dimai(s) nóis manhecê em festa, vê o (hesitação) vê o sol escondê e sai(r) no ôto dia.

P- Aí depois voltava todo mundo a pé.

E1- A pé, n'aquel(a) ressaca, n'aquel(a) cansera, era doi(s) dia pá i(r), um dia pá i(r) ôto pá [para] voltá {risos}. Aí depoi(s) já foi apareceno os cavalo, ess'trem, aí nói(s) já pegô i(r) a cavalo, aí já ia em festa mai(s) longe, né, de a cavalo.

P- Era mais rápido.

E1- Mai(s) rápi(do), era, aí depoi(s) agora já é de carro, né, num fô [for] de carro num, falá hoje nói(s) vai a cavalo num vai ninguém, "não, se fô [for] pá [para] eu i(r) a cavalo eu num vô qu'eu vô xujá [sujar] minha ropa" {risos}.

P- E o senhor acha hoje em dia, assim, essa modernidade melhor?

E1- E ota, e ota coisa, cê sabe que (a)contecia, nóis, ã, sapato, pá[para] num xujá [sujar] o sapato no camim [caminho], nóis trelava ele punha no ombro e ia discalço, aí chegano lá na festa, no primero corgo que tinha, na primera água lavava os pé bem lavadim, calçava a mei'e'o [meia e o] sapato pá [para] ficá na festa, sapat'urava [sapato aturava] cinco, seis festa {risos}, sabe, ia ficano grand'pá [grande para]mim eu passava pô ôto mai(s) novo, sabe, só usava lá na festa, e no ôto dia na hora de vim'bora [vir embora] tamém a hora que saia da fes(ta), tre (hesitação), punha el'na cacunda, pé no chão.

P- Tava mais acostumado também com o pé no chão.

E1- Ixe, sentia nada, tanto fa(z), é, andava no mei(o) dos ispim [espinhos], nem ispim [espinho] num fincava no pé, o pé era grosso.

P- Aí no último dia lá da reza, então tem o terço ...

E1- É, tem a porcissão, né, tem o alistamento, e fazê o (hesitação), o alistamento é os próximo juiz do ôto ano seguinte.

P- Ah, já lê ali a lista.

E1- É, ali já sa(i) o juiz da fuguera, quem va(i) cortá a madera da torda, quem vai (a)judá fazê a barra(ca), quem vai puxá os trem, os juiz de café, tudo era esse véi que fazia, aí subia num caminhão lá,

quand'tinha caminhão, quan'num [quando não] tinha, subia num lugarzim mais alto lá, aí depoi(s) apareceu i(r) caminhão, ess'trem, (a)í, subia tudo lá nesse caminhão, aí pegava o festero novo, q'tava [que estava] lá no chão, todo mundo carregava ele, jugava ele, punha lá em rib'do[riba do] caminhão, aí er'aquela gritaiada, (a)quele fuguetóro, (a)quela (a)ligria, ali, dali memo el'já chamava todo mundo pô ano seguinte pá'i [para ir] (a)judá ele, (i)gual falo pô cê, nunca faltô quem num ajudasse e a custo zero, ninguém cobrava nada.

P- Sei, e aí no último dia tem o terço, faz a fogueira, aí tem o juiz da fogueira?

E1- Tem.

P- Tem o andor ...

E1- A porcissão, né.

P- E como é que é essa procissão, sai da ...

E1- A porcissão ela sai da Igreja, anda mais'o meno'uns [mais ou menos uns] duzentos metro pá [para] frente e lá na frent'em ũa fuguerinha, lá nessa fuguerinha é onde se dá a saída, aí com o santo, aí acende as vela tudo, aí reza o mesm'terço qu'é rezado lá dento [dentro], só que reza no camim [caminho], aí chegano lá, encerr'esse [encerra esse]terço, aí cumeça o ôto da novena, só que esse da purcissão é ôto terço.

P- Não é o cantado?

E1- Não, é cantado só qu'é ôto ritmo.

P- Mais rápido ou mais devagar?

E1- Mai(s) rápido.

P- Durante a procissão ele é mais rápido.

E1- Mai(s) rápido.

P- Por quê?

E1- E tem ôtas palavra diferente tamém que fala.

P- Ah, em que parte que ele muda?

E1- Uai, assim, muda o ri(tmo), ôtas palavra que, que arrente [a gente] reza no terço comum num tem nele, já tem ôtas coisa, é ôto significado, só que falano a mema cois'em [coisa em] prol daquele santo que tá'li [está ali].

P- E o santo lá é qual?

E1- Tambiocó, São Sebatião e Divino Espríto Santo.

P- Aí faz dois andores ?

E1- Dois andor, faiz trêis cruzero, é dois festero, um pelo São Sebastião ôto pô Divino Esprito Santo.

P- E a procissão, então, vem rezando, volta pra Igreja ...

E1- É, aí, aí, chegô den'da [dentro da] Igreja põe os andor lá na frente no altar, aí o povo juéia [ajoelha], reza o terço normal da novena, fai(z) par(hesitação) faiz par(te) dos nove dia, aí ali dá o encerramen(to) do terço, no nono dia de festa.

P- E, tem mastro, bandeira?

E1- Tem o mast'aí [mastro aí] levanta as bandera no mastro.

P - E tem juíz também pra fazer os mastros?

E1- Tudo, tem o juíz.

P- E como é que faz o mastro de festa?

E1- O juíz leva o, nã'iss'é [não, isso é] pegá um pau mais liso, é, cort'ele, tira a casca dele, leva, che(hesitação) a a a, enfeita ele tamém igual'enfeitá os andor.

P- Com papel, com flor.

E1- Tudo, com flor, tudo.

P- Põe uns limão?

E1- Limão e põe a bandera na ponta e levant'ele, fica nove dia, bandera asteada, agor'iss'i [agora isso aí] tem fes(hesitação), é é, vários tipo de festa, que tem ũas [umas] festa que ast(hesitação) arteia a bandera no pri (hesitação) no dia que cumeça e já tem a ôta que arteia a bandera no dia que tá terminano, aí arteia o dia que cumeça e o dia que termina desce a bandera, e já tem fes'que [festa que] arteia ela o dia que tá terminano a festa, aí ela fica lá mai(s) nove dia só que ela fica sozinha lá na Igreja, que quan'era [quando era] nas casa ficava na cas'do [casa do] festero, né, aí depois que passô pá Igreja, aí arteia a bandera lá só qu'ela fica lá, aí num tem festa, os nove dia.

P- Aí depois de nove dias ...

E1- Aí vai lá e desc'ela, recolh'ela e guarda.

P- E quem que é responsável por descer ela?

E1- Isso é u u u festero véi, o festero do ano.

P- Daquele ano.

E1- Do atual ano, el'é [ele é] responsav'a [responsável a] desce ela, guarda ela lá e passá pô festero novo do ano seguinte.

P- E o senhor falou que fez essa festa dois anos, pra ser festeiro, tem que o festeiro indicar ou a gente pode pedir falar "não eu queria fazer essa festa"?

E1- Não, (a)í fic'a [fica a] vontad'a pessoa, se tive pidido aí põe a pessoa (a)gora se num tive os festero é escuido [escolhido] pelo ôto festero véi.

P- E geralmente as pessoas pedem pra fazer a festa, por quê?

E1- De primero pidia muito, hoj'em dia num pede mais. De primero o povo pidia porque tinha (a)quela devoção, que gostava, o povo gostava de ajudá, ninguém cobrava nada, intão o festero pidia e ôta coisa tamém, muitas, o povo tinha muita fé no santo fazia muita promessa, aveis [às vezes] ũa doença que tinha na famia, um trem, intão a pessoa fazia'quele voto, fá [fala] "se fulano sará tudo vô fazê a festa de São Sebastião, Tambiocó, fazê um voto e pidi ela pá [para] mim fazê", e tinha as bença ricibida, era, era válido, aí (a)quela pessoa sarava daquele pobrema que tinha (a)í a pessoa pidia a fes'pá [festa para] fazê.

P- E das vezes que o senhor foi festeiro, alguma foi por promessa?

E1- Não, ninhum, num foi ninhum pô promossa, graças'a Deus, num foi não, aí eu fui isculhido memo pelos festero anterior, porque eu (a)judava muito, fazia part'da reza, né, intão frequentava a fes(ta) quais [quase] uns nove dia, intão o pov'acha que eu era um, própio pá fazê ela né, mais indicado.

P- E quem é indicado pode se recusar, pode falar não?

E1- Pode, é s'ele [se ele] achá que num deve el'pó [ele pode] falá la na hora, falá "não, eu" ...

P- Lá na hora ele pode falar?

E1- Pô falá, aí o festero põe ôto ô [ou] fica pá decidi depois.

P- E o senhor já viu isso acontecer?

E1- Não, (a)qui no Tambiocó, graças'a Deus, nuc'onteceu [nunca aconteceu] não, todo mundo que pois [pôs} foi aceito, mai(s) já, mai(s) eu sei de muitos caso que a pessoa num quis não.

P- Mas não aqui.

E1- Não, aqui nossa região não.

P- Então tem a festa do Tambiocó e que mais situação vocês se reunem pra rezar?

E1- Uai, tem a fulia de São Sebastião qu'é ũa veiz no ano tamém, né, só qu'essa fulia, essa, essa tá vino pra cá agora mai(s) por'ultimo, ess'fulia de primero er'lá [era lá] na região da Goiandira, aí depoi(s), gualá [igual], gualá [igual] mes'problema [mesmo problema] do terço, eu gostava dimais do terço, né, quan'foi'no [quando foi indo] eu fiz par'do [parte do] terço, a fulia mema coisa, êse [eles] pegô a vim (a)qui, (a)té no meu pai, eu er'minino [era menino], todo ano êse [eles] vinha,, má [mas] (a)quela fulia piquinininha, ia poquinha gente e eu ficava ficava cum aquilo na mente, ô mai(s) ess'trem é bunito, aí foi'no [foi indo] hoj'em dia eu já faço part'dessa fulia, portanto êse tá, êse tá (a)té quereno passá ela pra mim, passá o carg'dela [cargo dela] pra mim tomá conta, porque hoj'em dia el'é fort'é (a)qui na região nossa, lá região qu'ela era muito poca gente que qué [quer], num deu valor, num qué [quer] mais esses trem, intão el'anda mai(s) (a)qui na região do Tambiocó.

P- Então, a Folia tem uma pessoa que toma conta dela?

E1- Tem.

P- E o senhor sabe porque que chama Folia?

E1- Uai, ess'nom'eu [esse nome eu] num sei, né, um nome até isquisito, né, que num pudia chamá {risos}.

P- E essa folia é de qual Santo?

E1- Essa é de São Sebastião.

P- De São Sebastião.

E1- Tem a de São Sebastião e a de Santo Reis, então todas duas tá vino (a)qui pá [para] ess'região, eu já fiz par'de [parte de] todas duas. Ess'é de dezesseis de janero a vinte,a de São Sebastião, não só nessa data.

P- Sempre nessa data, nunca muda.

E1- É puque o dia vinte é o dia de São Sebastião, né, intão cumeça no dia dezesseis, anda nas fazenda pidino a esmola, aí o dia vinte, qu'é o dia do santo encerra lá na Igreja de São Sebastião da, na região da Goiandira, essa é encerrada lá.

P- Pedindo esmola?

E1- Pidino esmola.

P- Como é que é esse negócio de pedindo esmola?

E1- Uai, pedino ismola pô santo,né, só qu'esse dinhero da mod'ôto [da moda do outro], o santo num, o que que o santo qué fazê cum dinhero? Né? Intão a pessoa dá na intenção do santo, só c'a [que a] pessoa, a gente pede mai [mas] em nome do santo, quê a pessoa que dá a ismola tamém da na intenção do santo, agora o quê que cê vai fazê cum dinhero o povo num qué [quer] sabê, intão aduô [doou] pu [pro] santo, sô [se] cê pegô o dinero e gastô c'ôta [com outra] coisa pobrema é seu, ma(s) a pessoa tem (a)quela fé, fa(la) "não, eu dei ess'dinero (a)qui pu São Sebastião", pó [pode] fazê um pidido pá ele "oh, santo, eu quer'que [quero que] proteja minhas criação", São Sebastião é protetor do, das criação, né, do gado. E muita gente da esmola, dá ũa bezzera, dá um bezerro pu santo, pá, pa´protege a fazenda dele, agora quem pega o dinhero lógico que num é o santo, então quem pega é ũapessoa qualquê, que seja o festero, agora o que qu'ele faz do dinhero? Tem muitos que emprega o dinhero, ôtos o dinhero nunca'parece, intão iss'i [isso daí] já é de acordo com a pess(hesitação) com a consciença da pessoa que pega ess'esmola mai(s) é valído tamém, muita gente faz promessa fal' "oh São Sebastião," duece [adoece] ũa criação pessoa pede São Sebastião pá [para] curá, aquela rêis'capa [rêis escapa] aí el'dá ũa, ele faz ũa promessa de dá um bezerro pu Santo, ô dá um dinhero, dá um almoço pus [para os] fulião, pod'á [pode dar] um uniforme pus [para os] fulião, fa'promessa [faz a promessa] qu'ele quisé.

P- E são muitos os foliões?

E1- Os fulião que faz part'é ũas [umas] dez doze pessoa, faz part'da canturia, agora acompanha quem quisé acompaná, quem quisé i(r) é de livre expntaniamente avontade.

P- Aí num tem uma reza, assim, um terço, é uma cantoria?

E1- Não, tem o terço na saída, né, no primero di'que sai nói(s) riune e reza o terço de São Sebastião pá [para] depoi(s) noi'sai cu'a [com a] bandera de casa em casa.

P- E aí termina ...

E1- Aí termina cum a entrega lá nu nu cruzero e entrega da fulia e canturia e cu'a [com a] participação da missa depois, aí já é o padre.

P- Ah, sei, aí passa pro padre.

E1- É, aí é a finalização cu'a [com a] missa, agora a renda, o qu'é recardado [arrecadado] êse [eles] fala que dá ũa part'pu [parte para o] padre e a ôta fica lá pá o que picisá [precisar], (a)judá ũa pessa duente, (a) judá um fulião, comprá um trem que fa'part'da [que faz parte da] fulia, dinhero é pra isso, a renda.

P- E você também tem a reza da chuva, pra chover?

E1- Tem essa essa foi, ela foi levantada tem poco tempo, essa cumu [como] se diz, eu j'era maduro, essa reza temém já teve muitos benfiço já, foi válida, que de primero no'pratava[nós plantávamos] roça (a)qui ó, nói(s) vinha de a pé tamém, andav'uns[andava uns] dois quilômetro tod'ia [todo dia] e tinh'épca [tinha época] que a veiz [às vezes] num chuvia, na época da burracha do arroiz qu'êse [que eles] fala, capaiz qu'cê [que você] nu'entende [não entende], quan'o[quando o] arroiz tá emborrachano se fizé sol cê num cói [colhe], intão tav'quele [estava aquele] sol, (a)quel'trem e arroiz emburrachano, quereno sortá os cacho, mais num soltava, farta de chuva, aí levantô essa reza lá no morro pá, pedino chuva, mai(s) (a)í nóis ia todo mundo de a pé, num tinnh'andor, num tinha nada, cad'um levava, fazeno ũapenitença, todo mundo tinha que fazê ũa penitença pá i(r) lá, iss'era bem na hora do sol quente, mais o'meno (ou menos) mei(o) dia ũa hora, todo mundo naqu'ele tempo tinh'era cabaça d'água, todo mund'tinha levá ũa cabaça d´água pá [para] guá [agoar] a cruiz, ôtos num tinh'agua pá [para] levá, num tinha vasia [vasilha] levava ũa pedra, punha lá no pé da cruiz.

P- E essa pedra podia ser qualquer pedra?

E1- Qualqué pedra, cê pegav'ela nu corgo, onde fosse peg´água, aí quem num levasse água levava ũa pedra, tod'mundo fazeno a penitença, chegava lá rezav'o terço a Santa Maria Madalena pidino [pedindo] chuva, era era difici'o ano que num terminav'a reza que num chuvia. Aí quesa [aquela] roça que tava dano pobrema tudo chu (hesitação) a, Deus mandava chuva, aí êse, os arroiz sortava os cacho, granava, o povo culhia muit'arroiz.

P- E continua tendo essa reza?

E1- Cuntinua, tinua [continua] (a)té hoje, só que hoje muit'gente já vai de carro, já tem mordomia, uns já leva suco pá [para] tomá lá, lev'trem, de primero num tinh'nada só água.

P- Era o sacrifício.

E1- Er (hesitação) er'sacrifíço[era sacrifício] mes(mo) e todo mundo sai'de casa de a pé, hoj'em dia não, o povo, a maioria do povo sai de carro aí vai lá pá pert'da cruiz, larga os carro e (a)caba de chegá a pé, mai(s) de qualqué forma tá seno válido (a)té hoje, tá teno resultado.

P- E tem mais algum outro momento que vocês reunem pra rezar, pra ...

E1- Não, eu tinha São João, er'devoto de São João, depois qu'eu casei, qu'eu casei e mudei pra cá, eu falav' ‘‘ah [falava ah] vô fazê esse de São João’’, o terço, aí tav'fazeno, cumeço c'ũa [com uma] rezinha pequinininha só o terço, foi aumentano, foi aumentano, pu rest'eu [resto eu] num tava teno espaço mais pá [para] fazê, tan'de [tanto de] gente que tava vino [vindo] e pur ôta cois'tamém, eu perdi meu pai eu fiqui bem discabriado de fazê a reza, mais aí minh'mãe ficô fazen(hesitação), ‘‘não, vai fazê a reza, vai para não’’ eu fá [falava] ‘‘ah mais sem graça dimais, vamu para’’, ‘‘não, vai tê que fazê’’, aí fá [falava] ‘‘ah, intão vamu’’. Aí o dia da reza ela vinha pra cá e desde cedo ela que dav'andamento nus [nos] trem tudo de (a)rrumá a reza e vinh'enfeitá [vinha enfeitar] bandera, (a)rrumá pipoca esses trem, aí continuô, aí quando, o ano qu'ela morreu, aí eu num dei cont'de fazê mai(s) não, eu perdi a graça.

P- Ela morreu antes do dia da reza?

E1- Foi, el'morreu, não, el'morreu depoi'né, é cô [que eu] fazi'a reza em juim [junho] el'morreu em julho, só qu'no ano seguinte aí eu num tive coragem de fazê não.

P- Então o último ano foi o ano que ela morreu.

E1- Foi, aí ei fá [falei] "ah, não, tod'ia, tod'ano na época de fazê ea [ela] vinha prá cá cedo, éa [ela] vinha (a)té de a pé, pá (a)judá nóis organizá a reza e ôto mutivo tamém é que tava muit'grande a reza, tava dano muita gente eu num tava teno espaço pá [para] acomodá o povo, pu'isso [por isso] qu'eu achei tamém um poco a para de fazê mai(s) pu'casa [por causa] disso, mas eu só tranquei ela, se (al)gum dia eu falá qu'eu vô fazê de novo, eu tenh'direito de fazê.

P- O quê que é trancar?

E1- Não, qu'aí [porque aí] eu num deixei (a)ssim, até na última hora, caso se argum dia eu resolvê fazê eu faço de novo, má(s) por enquanto, já tem, foi 2002, 2002 qu'ela morreu num fisso [fiz] mais.

P- E o senhor tem intenção de voltar?

E1- Tem, tem (in)tenção de voltá, má(s) eu tô pensano assim (a)rrumá um espaço, né, pá [para] fazê, pá [para] podê acomodá mais o povo, né.

P- Por que aí num vinha só o povo da região não?

E1- Nossa, vinha gente de toda banda, gente de Catalão, de Goiandira, pov'inha pá [para] fazê batizado na foguera, poque [porque] tinh'os batizado na foguera tamém.

P- E ainda tem, aqui na região, batizado na fogueira?

E1- Tem, má(s) muito poco, mui(to) poquim, que de primero quem ensinava batizá qu'eu se(hesitação), muita gente sabia, né, mai(s) é minha mãe qu'ensinava, né , o povo batizá, eu memo fui batizado, a São João, na foguera de São João, a (...) já foi, meus irmão quais [quase] tudo já foi batizado, nóis er'batizado na Igreja e depoi(s) reforçava o batizado na foguera.

P- Ah, então na fogueira era reforçar o batizado da Igreja.

E1- Reforçá, é, aí nessa reza minh'aqui todo mundo, vinha gente sem chamá de longe, fá [falava] "ah, nói(s) vei (a)qui pá noi(s), sôr [senhor] pudé dexa nói(s) batizá fulano aqui".

P- E como que é esse batizado na fogueira?

E1- Uai, esse batizado eu eu memo num sei el'dereito não, mai(s) eu sei que tem que pegá ũa vaziinha cum água, ũa vela e andá cum a criança a redó da foguera lá, falano ũas [umas] palavra, mai(s) eu num sei o batizado não, o que que fala não.

P- E o padrinho da fogueira tem o mesmo valor do padrinho da Igreja?

E1- Mes(mo) valor, chama de cumpá [compadre], o afiado tem que chamá de padrim e diz que o batizado, se batizá na foguera num precisa batizá na Igreja não.

P- Ah, é?

E1- Minh'mãe falava "oh, se tivé fé, batizô na foguera, tá batizado", então tinha dimai(s), vinha gente de longe pá[para] batizá aqui, aí depô [depois] cô [que eu] parei de fazê a reza, tinha o (...) ali

qu'inda faiz, mais o povo, num sei se o povo perdeu a fé cu'esses [com esses] batizado num tá teno mais, sabe.

P- As crianças também foram diminuindo?

E1- Não, as criança inda tem ainda, má(s) as criança mes(mo) acho qu'esa num anda teno muita fé, né, é que sempre arrente [agente] batizava mininu quan(do) tá grandim, né, já andava lá em redó, agora num tá teno mais o batizado não, mais é muito válido tamém o batizado.

P- Mas se não tiver fé não adianta?

E1- Uai, eu ach'que não, né, êse [eles] fala hoje tudo que val(hesitação), tudo que manda é a fé, né, se ôce tá duente, s'ôce [se você] tomá ũa água morna, ô [eu] ach'qu'é [acho que é] um remedão se a pessoa tivé fé, né, pó'quele [pode que aquele] remédio, é igual de primero, uai, de primero num tinha mé [médico], num tinh'essa trenhera, o povo vivia mai(s) era de fé.

P- Fazendo promessa.

E1- Promessa, era fazê um chá d'ũa [de uma] foi(hesitação) d'ũa [de uma] foia (a)qui do cerrado, né, muita gente sabia dus remédi(o) tudo, f"“oi (falava olha) issoé, essa foia é bão pra isso, essa foia é bão pra'quilo” e o povo fazia (a)quele chá, bibia e sarava, hoj'em dia num tem isso mai(s), hoj'em dia a pessoa já sente ũa dor no dedo já corre pu mé {médico], né.

P- Benzer?

E1- Ben(hesitação), benzé, benzição tamém é muito válido, ô [eu] falo qu'eu já vi, cobra, picada de cobra, de primero quan'da [quando a] cobra picava pessoa num tinha esse negoço de levá pá [para] cidade não, num lev(hesitação), num tinha cu(hesitação) lev(hesitação), num levava e num tinha cumo levá, de primero num tinha carro, num tinha nada, aí tinha os benzedô, ia lá nos benzedô, fá [falava] “não, pode ficá tranquilo”, êse benzia e garantia.

P- E curava?

E1- Curava, pessoa não morria, dava só ũa dieta pra ele, um remédio.

P- E, ainda tem benzedor aqui nessa região?

E1- Tem, poco mais tem.

P- E o povo ainda tem fé?

E1- Ah, muito poco.

P- Vai lá, leva os meninos pra benzer?

E1- Não, muito poquim. Tem ũa muié que mora (a)li, ũa tal de (...) boa dimais pá [para] benzê, má(s) o pai dela intão, pai dela el'era tão bão pá benzê que na benzição el'sabia qual'era a qualida(de) da cobra que tinah pegado a pessoa.

P- Sem ter visto a cobra?

E1- Sem tê vi[visto] e ele falava “num pricisa tê peri(hesitação), num tem pirigo não e quand'êse rez(hesitação), quand'ele rezava que dava qualquê um pobrema na reza dele el'falava (a)ssim “oh, cêis pô tomá ôta providença”.

P- Ah, então se fosse dar um problema maior ele sabia pela reza?

E1- Sabia, se fosse benzê e desse um pó(hesitação), só qu'êse, o benzedô el'num conta pá [para] gente, né, êse fala que se dé um pobrema hora qu'êse tá benzeno é puque a benziação num vai dá conta da cura, aí êse fala pá [para] pessoa, fá [fal] "oh, ôceis pode tomá providença", mas se num desse nada ele falava "não, num precisa levá no mé(dico) pó, pó'dexa que num vai tê pirigo", e era, num tem não.

P- E todo mundo confiava, tinha fé?

E1- Todo mundo ia, a veiz [às vezes] contecia quaiqué [qualquer] um trem desse (a)qui, em vei [vez] de i(r) pá cidade ia era lá na casa dele.

P- Mas benzia de outras coisas também, não era só de picada de cobra não?

E1- Benzia ôtas coisa, benzia lagarta de roça, esses trem cumeno roça, esses trem cumeno pas(to), lagar(ta) tamém benzia tudo e era válido.

P- Hoje em dia, por exempo, se o senhor tiver um problema aqui na roça o senhor tem fé de ir lá na benzedeira e ela ...

E1- Hoje eu num tem purque el'já tá muito véia já, el'já num tá sabeno o que qu'ela tá fazeno, mais se ela fosse mais nova, essa benzedera lá eu tinha corage de i(r).

P- Por exemplo, tem uma cobra picando os bezerros do senhor aí.

E1- Ah, hoj'eu num tem corage de i(r) lá não.

P- Mas se ela fosse mais nova?

E1- Ah, pudia, eu ia e num tinha pirigo, só qu'ela tá muito de idade já, ela já num, eu acho qu'ela já num sabe fazê a reza de benzê mais. Mais se fosse um, se fosse uns quinze ano (a)qui a trais, eu num tinha um pingo de medo.

P- E resolvia o problema mesmo.

E1- Resolvia, e num era só eu, n'era [não era] poca gente que ia lá não, lá era chei(o) de gente p'ela benzê, quebrant'de [quebrante de] mininu, maloiado [mal olhado], é qu'esse nenenzim piquininim é danado pá [para] pegá quebrante, minha mãe falava, cá [por causa] que todo mundo que vê acha bunitim dimais, er'aquele trem, intão êse pega o quebran(hesitação) quebrante, aí pega o quebrante que que dá, aí dá diarréia nêse [neles], êse num drome dereito [dorme direito], ôta hora êse drome c'osoio [com os olhos] aberto, aí que qu'êse fala que é quebrante, aí vai, leva lá manda benzê, dendum [dentro de um] dia, dois sara tudo.

P - E aí hoje em dia não tem outra benzedeira, só ela?

E1- Não, qu'eu cunheço é só essa, né, puque tinha benzedô dimais, mai(s) só que já morreu tudo, igual eu já falei pro cê os mais novo num, parece que num interessa, né, aprendê, aí vai cabano [acabando].

P - Aprender benzer é assim, eu falo pra ela, por exemplo, "eu queria aprender benzer" e ela me ensina?

E1- Eu acho, eu acho (i)sso a pessoa tem que tê o dom, eu acho qu'êse sabe se a pessoa tem o dom pá [para] (a)prendê ou não, aí se tive êse passa, aquilo q'êse sabe êse passa pro cê, agora se a

(hesitação), eu acho que pelo jeito d'êse benzê ô [ou] oiá a pessoa êse sabe s'ocê [se você] tem o dom de sê ũa benzedera ou não, aí s'ocê tivé o dom êse passa, (a)gora se num tivé num passa não.

P- E o senhor conhece gente por aqui assim que faz promessa, que é promessa pro Divino Espírito Santo?

E1- Eu já cunheci, cunheci dimais, agora inda tem é muito poco, mai(s) de primero, nossa, era mais era só promessa, eu memo cumpri promessa, (a)qui do São Sebastião, no Tambiocó. Quand'eu fui pu quartel, aminha mãe feiz promessa, s'eu fosse bem lá, num acontecesse nada cumigo, purque di primero i(r) pro quartel era maió morte, que tinha do fi [filho] i(r) pu quartel, né, aí minha mãe feiz promessa, num (a)contece nada lá, s'eu num fosse pá guerra, tinha medo nóis i(r) pá guerra, morrê pra lá, ela feiz promessa, s'eu (hesitação) (a)contecesse tudo bem lá comigo, no ano seguinte er'pá mim carregá o andor de São Sebastião com o vistuár [vestuário] do São Sebastião, só c'aquele [com aquele], (a)quela tanga, (a)quele trem, aí Deus (a)judô que num (a)conteceu nada, no ano seguinte eu carreguei o andor, cumpri a promé [promessa].

P- E promessa é o outro que faz pra gente?

E1- É, a promessa num, agora eu num sei se a pessoa que tá doente pô fazê promessa ô se tem que sê ôta pessoa.

P- Mas geralmente...

E1- É, geralmente sempre é ôtas pessoa que faiz, quan'vê [quando vê] ũa famía ou um fi [filho] ô qualqué ũa pessoa em pirigo, intão a pessoa já faiz (a)quela promessa, né.

P - E depois tem que cumprir, se não cumprir?

E1- Aí, aí que q'acontece, (a)quela pessoa que foi, que recebeu a graça num cum(hesitação) num cumpri a promessa quem feiz tem q'cumpri.

P- Porque se não...

E1- Se não cê tem um disvalia na fren(te) mui'maió [muito maior].

P - Pra mim que fiz a promessa ou pra outra pessoa?

E1- Não, pro c(hesitação) pô, pá quem fez a a a prome(hesitação) pá quem foi recebeu a graça, intão cê faiz ũa pomessa pruma pessoa duente, cê faiz ũa promessa pra ele fá [fala] "ó, s'ocê [se vcoê] sará tudo cê vai..." faiz pá ele fazê uma prome(hesitação) um, ô andá de, só de calção, um trem, carregá um pês [peso], aí se ele, quand'ele sará ê [ele] falá que num vai cumpri aí quem tem que cumpri é ocê que feiz a promé [promessa], do jei'qu'cê [jeito que você] feiz cê tem que cumpri pra ele.

P- Porque se eu num cumprir ...

E1- É, ocê, ocê, é projudicado tamém.

P- Então tem que cumprir.

E1- Tem que cumpri a promé [promessa].

P- E2, você é o rezador mais novo do terço?

E2- Isso.

P- E como é que foi que você teve vontade de aprender o terço?

E2- A de ouvi tamém, né.

P- Você ouvia ...

E2- Ouvia, fá [falava] “um dia eu posso taí junto”, né, e premera reza eu rezei foi'm [foi em] dois mil e dois, o meu ti [tio] er'um rezadô tamém, né, e el'era o festero da festa, fá [falou] “ô, ocê que vai rezá no meu lugá esse ano”, aí, nũa [numa] reza de São João, primero dia, entrei lá dei ũas [umas] errada, cumo todo novo erra, né, mai(s) ês'incentivô [eles incentivaram] deu certo, num sabia a letra tu [tudo], escreveu num papel tudo (a)rrumadim.

P- Alguém escreveu num papel a letra?

E2- É, (a)ssim, aí, os que sabia, né, feiz um, a reza escrita num papel, né, aí eu pegv'ela ...

P - É a reza copiada, ainda tem ela.

E2- Aí foi na fes(ta) de São Sebastião, no Tambiocó, Divin'ispir'santo [Divino Espírito Santo], rezei os nove dia e daí pra cá ...

P- Então, você aprendeu o terço ouvindo e lendo?

E2- É

P- O escrito te ajudou a memorizar a letra?

E2- Isso.

P- Ficou mais fácil?

E2- É, puque renti [a gente], igual a reza é em Latim, tem ũas [umas] palavra c'a gente [que a gente] num, num decor'assim, mai(s) hoj'eu tem ela quais [quase] cem pur cento decorada.

P- E aí em algum lugar que vc tem dúvida, como é que você faz?

E2- Não, c'aí [porque aí] semp'tem os ajudante, né, e os ajudante sempi [sempre] cê dexa ês'ai [eles sairem] na frente.

P- Ele começa e você sabe terminar?

E2- Que sempi [sempre] u êse mais, sabe tudo, né, sabe a let'de [letra de] cor, né, e intão, cê dexa êse sai(r) um poquim na frente e pega o rit´de [ritmo de] novo.

P- E você sabe se foi só você que aprendeu lendo o escrito ou teve mais alguém?

E2- Não, co [que eu] sei é só eu.

P- Pegou o escrito e te ajudou.

E2- É

P- E você acha que foi válido essa escrita?

E2- Ah, foi, puque (a)ssim, na época, da min'épuca pra cá rezav'muito poco já, né, intão, pru falt'd'intregantes [por falta de integrantes], uns num queria re(hesitação) rezá, uns chamav'tava duent'num ia, intão fá [falava] “ah, pra mim aprendê tem que tê ũa iscrita”, né, e foi assim.

P- E você acha que essa escrita vai ajudar outras pessoas, se elas quiserem, como te ajudou?

E2- Ah, eu acho que vai, se alguém interessá, né.

P- É mais fácil lendo e ouvindo do que só ouvindo.

E2- É, puque (a)ssim, um trem que cê ouve direto, (a)ssim, cê decora rapidim, né, mais igual essa reza que tá, daqui um ano cê vai rezá de novo, intão pá [para] quem tá aprendeno num é fácil, né.

P- E você acha que vai ter mais alguém, assim, querendo aprender esse terço, seus filhos, sobrinhos?

E2- Pode sê [ser], né.

P- Você tem filhos de que idade?

E2- Seis ano

P- E ele já, assim, gosta, ele gosta de ouvir, gosta de ver?

E2- Uai, gosta, né, má(s) é timi [tímido], talvez daqui cinco, seis ano, num tem quem reze.

P- E você vai incentivar?

E2- Vô, uai

P- Você acha que é importante, E2, essa reza, essa tradição aqui, essas festas?

E2- Uai, portant'é [importante é], só q'num tem quem dá continuidade.

P- Você também já foi festeiro?

E2- Fui.

P- E ouvindo, assim, seu pai contar como era antigamente como é hoje em dia ...

E2- Mui(to) diferente, né.

P- Muito diferente.

E2- Que de primero tinha aj(hesitação), (i)gual ele contô que tinh'ajuda, né, pega hoj'um Tambiocó igual peguei.

P- Difícil?

E2- Cê vê que no primero dia lá tinha, tava cum cinquenta pur cento pronto, uai.

P- Hoje em dia o povo num vai mais assim ...

E2- Ninguém quê [quer] nada cum nada não, (i)gual punha juiz lá êse ia tud'e [tudo de] vontade, hoj(hesitação), nóis teve juiz lá que num foi lá nem na fes(ta).

P- Então hoje em dia num tem mais aquela fé que tinha antigamente.

E2- Por isso q'eu falo que o povo tá, tá disiludido cum tudo.

P- E agora que o padre proibiu a parte festiva, dança, então só tem a reza, como é que você acha que vai ficar?

E2- Ah, ano que vem num tem mai(s) não.

P- Você acha?

E2- Certeza, porque qundo el'fez a reunião cê pó [pode] contá lá tinh'umas vinte pessoa contra o padre, uai, agora lá tudo mundo tá contra, mai(s) que, no dia ninguém teve corage, num fê [fez] nada.

P- E o que que você acha dessa decisão do padre?

E2- Uai, eu acho que tinha que sê [ser] ô geral ô nada, né , tinha que sê [ser], abrengê todas comunidade, porque abrange só as quato daqui.

P- Ah, você fala em todas as festas de roça?

E2- É, uai.

P- Ou proibia pra todo mundo ou pra ninguém.

E2- Ô pra ninguém.

P- Entendi, e pro senhor, E1, o que se o senhor acha que com essa decisão do padre aí, o senhor acha que vai acabar?

E1- Ah, eu achei ruim dimais tê (a)cabado cu'iss'aí [com isso aí], né tanto por mim não, pu'caus'desse [por causa desse] povo mai(s) novo que tá vino, né, que tradição de quantos ano? Só que, só qu'eu lembro dessa fest'em [festa tem] cinquenta e oito ano, é, já ixistia ela num sei quantos ano pé trais, intão ũa tradição dessa o padre chegá (a)í, né, foi tud'oado [tudo doado] pela comunidade o que tem lá, o padre chegá lá e falá que num aceita fazê mais, eu achei muito ruim essa decisão do padre, mas igul'ele (a)cabô de falá (a)í ó, o dia que picisava do povo riuni [reunir] pá contestá contr'ele lá num foi ninguém, ninguém interessô, pur iss'qu'eu [isso que eu] falo o povo tá muito disinteressado nessa part'í [parte aí], parte religiosa, par'tradição [parte da tradição], né, puque tradição num é um trem que (a)caba daqui pra'li [para alí].

P- O senhor acha que não?

E1- Eu ach'que não uai, iss'tem é, tem raiz funda, né.

P- Lá nos antepassados?

E1- Tá doido, uai, tem muit'história pá contá, igual'eu tô contano pro cê (a)qui de quantos ano? Não é. Agora meus neto, né, vamu supô, meu neto num vai dá nutiça [notícia]diss'aí mais, uai.

P- Ele não vai saber contar história.

E1- Uai, esse(hesitação), essas fest'aí meu av(hesitação), meu bisavô feiz ela, passô pu meu avô, passô pu meu pai, passô pra mim, eu tô passano pra êse, agora u, chega essa decisão (a)í, fais'í [faz isso aí].

P- Então a comunidade não concorda, mas também não contestou?

E1- É, num a comunidade ninguém, ninguém concorda ma(s) ninguém quis i(r) lá pá falá no di'qu'ele [dia que ele] marcô, ele marcô de vim (a)í pá resolvê o pobrema só que ninguém abriu a boca, só el'que falô o jei'qu'ele [jeito que ele] quis, todo mun'ficô [todo mundo] caladim, aí quê que tá (a)conteceno, tá fazeno só a reza aí qu'ele colocô, a ôta(hesitação) "a unca [única] coisa que ceis pó [pode] fazê qui é o terço", ôtas coisa num pó [pode] fazê.

P- E o senhor acha que a parte da festa e o terço juntos é que funciona, sempre foi assim, a vida inteira.

E1- Toda vida funionô.

P- Desde que o senhor entende por gente e teve notícia sempre teve a festa, o terço e a festa?

E1- Uai, s'eu[se eu] aprendi dançá foi nas festá, eu ia rezá o terço, chegui lá (a)prendi dançá, (a)rranjei namorada lá, iss'tudo foi nessas festa de roça, uai, né, intão num faiz parte? Eu ach'tudo [acho que tudo] faiz parte.

P- E o padre ele vem aqui os nove dias do terço?

E1- Não, el'vem só um dia, e ôta coisa, sigundo o E2, aí, o ano passado diz qu'ele cobrô pá vim celebrá a missa, di'qu'ele [dia que ele] ve'í[veio aí], seno qu'iss'aí [que isso aí] a a duação [doação] passô a terra aí pra ele, aon'tá [aonde está] igreja, aon'tá [aonde está] o cento [centro] (a)í de fazê aí a fes(ta), estacionamento, tu'dele [tudo dele], e el'num pagô um centavo por'iss'í [por isso aí], a igreja foi nói(s) que contruiu juntô todo mundo construiu a Igreja, juntô todo mundo construiu o gru(po), c'ô [que eu] falei pro cê que de primero era um rancho, foi os pai dos minimu aqui que constuiu, eu não, eu er'mui'mininim [era muito menininho], meu pai é que deu madera, meu pai deu tijolo, meu pai deu dinhero pá levantá quil'á [aquilo lá], aí quê que feiz, o don'da [dono d] terra pegô duô [doou] pá paróquia, foi aon'chegô [aonde chegou] esse ponto, el'chegô e fá [falou] "não, aqui, aqui é nosso, eu num aceito fazê a fes'igual [festa igual] tá fazeno", fazê o que, cum'é [como é] que nóis faiz a fes'lá [festa lá], num tem estrutura, a estrutura tá nu [no], é dele.

P- Mas se tivesse a estrutura fazia, falava assim "não então o senhor não precisa vir aqui celebrar a missa".

E1- Se dependesse de mim, nói(s) fazia, se tivesse a estrutura.

P- Aí cortava com a Igreja essa ligação?

E1- É, aí falava pra ele, "não, nói(s) vai fazê a fé(hesitação), a fes(ta)", puque de primero o padre num ia na fes'não [festa não], el'tá vino depoi(hesitação), agor'pur'ultimo [agora por último].

P- Tem pouco tempo que o padre vem na festa?

E1- De primero, noi(hesitação), a renda da fes'noi [festa nós] num pegava e levava pra êse não, arenda era de, gastava cum [com o] povo lá na festa, de primero cê num pagava pá bebe, num pagava pá sentá nũa [numa] mesa, cê num pagava nada não, tinha janta pro cê, cê cumi'avontade, ninguém faava [falava] "tem que pagá arguma coisa?", nada.

P- Agora hoje em dia?

E1- A renda quê que fazia cá [com a] renda, se sobrasse agum [algum] dinherim dividia pu pessoal que (a)judô (a)lí, todo mundo participava ali, sabe? Intão num levava lá pá Igreja não, aí de qual fô (hesitação) foi evoluino, foi evoluino, os pad'interferiu [padre interferiu], que viu que tava dano ũa rendinha de certo, aí o padre intreferiu [interferiu] e foi on'tá [onde está] (hesitação) (a)conteceu (a)í agora, os festero tem que juntá tudo fazê, puque que o povo num qué [quer] (a)judá mais? Puque ajuda o festero, se assobrá [sobrar] argũa [alguma] coisa fica pra ele, ele faiz o que ele quisé, não, agora cê ajuda todo mundo e o dinhero que sobrá tem que levá pra Igreja, foi aonde o povo foi afastano de (a)judá.

P- E aí a Igreja não investe aqui na comunidade esse dinheiro?

E1- Uai, tem um dinhero de lá, ma(s) diss'que vai pegá o dinhero lá ele num (hesitação), tem que vim cá, se vê precisa gasta aquilo ô num precisa, se el'vié [ele vier] cá e oi(hesitação), fazê visturia e achá que pricisa el'ibera [ele libera] o dinhero, ma(s) se el'achá que num pricisa el'num libera.

P- A comunidade não dá palpite.

E1- Não, aí o dinero é depusitado na conta dele, a rend'í [renda aí].

P- Aí, o senhor acha também que desse jeito vai acabar?

E1- Uai, eu ach'que (a)cabô, a tradição da fest'intera, né? Puque que tem estrutura de fazê ũa festa, de primero ela er'piquinininha, de primero era duzentas pessoa pá trais, cê pudia fazê, quarqué ũa casa fazi'ela, (a)gora hoj'em dia cumé que faiz a fes'Tambiocó nũa [numa] casa, cê acha que faiz? (A)rrumá ũa fazend'aqui e fá [falar] "vamu fazê a fes'qui [festa aqui]", vamo supô, cê acha que tem estrutura? Comodá [acomodar] (a)quele tant'de gente? Intão puque que foi fazeno aquele trem lá, que foi aduano [doando], duano [doando] a terra, (a)rrumô a Igreja, (a)rrumô o centro pá i(r) facilitano, quê foi aumentano a festa, né, hoj'em dia tem até o estacionamento pu povo, na verdade que o povo paga, mais tem lá pu pov'i [povo ir]. Ele chegô lá el'falô que num é pá fazê, que tava aconteceno muitas coisa lá, é maconha, é crack, prostituino, na fes'Tambiocó.

P- Ah, foi esse o argumento que ele usou?

E1- É

P - E a comunidade não...

E2- É, bibida alcoolica.

P- O problema é a bebida?

E2- É, el'tá levano p'esse la'tamém [lado também], vem pá [para] (hesitação), que bebe, traiz, vem maconha, vem. Diz'ele que nóis tá incentivano os novo a bebe e se drogá e ...

P- Incentivando?

E2- Prostitui, intão a, a, as festa da paróquia dele ...

P- E é só a dele?

E2- Diz'ele que vei ũa norma pa tod'as paróquia, obedece quem qué e diz'ele que na dele, Paróquia Mãe de Deus, que na São Francisco teve festa, Fes'do Rosár [Festa do Rosário] tem normal, tev'festa na Cumari, tev'festa nu Davinópi [Davinópolis], pau tá cumeno do memo jeito, inclusive a fest'da Custódia num é del'o terreno, intão vai tocá a festa normal.

P- Mas é da Paróquia dele?

E2- Da Paróquia dele a Igreja, a part'de religiosa, mas o terreno qu'el'é [que ela é] feita não é dele, é da associação qu'ixiste lá.

P- No Tambiocó é da Igreja e lá na Custódia não é?

E2- No Tambiocó tev'um tercer'aí [terceiro aí] que duô [doou] os trem pra ele, a parte da Igreja, intão duô [doou], é dele, assim, duô [doou] sem falá cum ninguém, se falô num é do meu cunhecimento, simplismente foi lá e duô, adquiriu o estacionamento igual o pai tava falano, o dinhero da fes'í [festa aí] que todo mundo ajudô pegô a sobrinha, foi comprô o terreno, duô pô hom(hesitação), pá Igreja.

P- Sem consultar a comunidade.

E2- É, se feiz, feiz pá ũa meia dúzia de pessoa lá, qui cumo se diz é ...

E1- Pessoas que num tem raiz lá.

E2- Intão, agora igual a festa tá no nome dum (...) e dum (...), intão num pó(hesitação) faiz, e num tem pá [para] quem passá, que ninguém, cê cunversa c'um [com um], "não se fô só a reza num quero".

P- Ah, então ninguém quer ser mais festeiro.

E2- Por'isso qu'eu falo que no ano que vem num tem.

P- Porque aí é só a reza.

E2- Entendeu?

P- Acabando com a tradição?

E2- Mes(mo) que põe ũa pessoa mais d'idade que, que gos(hesitação) que é da comunidade que frequent'a Igreja, ele, ele num quê [quer] tamém, fá [fala] "não eu ja´tô d'idade, o ano que vem se liberá eu num dô conta de fazê a festa", ôta hora el'fá'ssim [ele fala assim] "uai, puque cê que pôela ni'mim [em mim] agora que quando tinh'a festona grand'aí cêis num me deu?".

P- E vocês acham que tem chance de voltar a festa grande ou não?

E2- Não, eu ach'que tem, que o ano que ve(hesitação0, segundo o povo qu'ele vai imbora agora, né, acho qu'até em abril, el'já foi, vai p'ôta [para outra] cidade, foi. Intão se uni(r) a comunidade, chegá (hesitação), se o que vié pr'aí, um novato que chegá'í [chegar aí], aí eu acho que tem condição de vortá.

E1- Eu já acho que num tem puque a Igreja vai passá a norma pu ôto que vim, ele já vai passá, né, e o ôto que vim tem que cumpri.

P- Mesmo explicando que é uma tradição de muitos anos.

E1- É, iss'aí vai dependê do ôto, s'a vei(hesitação) se a veiz s'ele duê [doer] na consciença, né, puque el'já vai passá pu ôto o seguinte fá [falar] "ó, (a)qui num fes'religiosa na nossa num tem, na nossa Igreja", va'passá [vai passar] tudo, aí o ôto vá falá cum ôto ele fá [fala] "não eu vô [vou] segui do jei'qu'eu [jeito que eu] peguei", cê num acha?

P- E aí o pessoal da comunidade, que vive aqui muitos anos, igual ao senhor assim, todo mundo discorda da decisão do padre?

E1- Uai, os qu'eu já cunversei c'um êse, discorda.

E2- Não, tem muita gente que tá a favor, tem uns que mamava muit'aí, agor'êse perderu'm [perderam um] poco, purque êse tá concordano cum isso.

P- Mas esses não levam em conta a tradição?

E1- Mai(s) esse é só ũas [umas] quato pessoa

E2- Pois é, mai(s) êse t'aí, ué, com se(hesitação), é genro, é neto, é fi [filho] do duadô [doador], só que ninguém fala pra êse, né, que ninguém qué [quer] mexe.

E1- É puque se fô [for] falá, aveiz [às vezes],a, até má querença c'um ôto, cum's'ôto [com os outros] aí, pucaus'diss'aí [por causa disso aí], intão é onde todo mundo ficô calado, agora u, u certo era todo mundo tê ido lá o dia qu'ele vêi [veio], puque el'maicô [ele marcou] ũareunião, aí, eu falei "eu vô lá pá [para] nóis discuti a fes'Tambiocó", né, só qu'aí num foi,u,u, da moda d'ôto o mais véi daqui que fô[foi] foi só eu, que tava lá, cum'é qu'eu vô cunstetá(hesitação), é, debatê cum el'á [ele lá], eu sozim, el'ia fá [falar] "não, cadê a comunidad'aqui, é só ôc (hesitação) é só ôce? Num tô veno mai(s) ninguém aqui".

P- Um só não tem força, né?

E1- Aí el'chegô lá e bateu o martelo, fá(hesitação) “agor'vai o Tambiocó (hesitação) o Tambiocó agora é assim, assim ,assim, cêis tem direito de fazê o terço, pó [pode] rezá os nove dia, levanta a bandera aí, faz a purcissão, mai(s) num quero (hesitação), num aceito bebe nem ũa latinha de cervej'aqui”. Primero el'falô [ele falou] que num aceitava os festero vendess'as bebida, né, aí depois que passô eu falei pra ele, fá [falei] “ah, intão nói(s) pó [pode] fazê a fest'aqui, nói(s) num vendeno bebida pó [pode] fazê normal?”. Ele falô, falô (a)ssim “não, num pode purque o povo lá da cidade vem, traiz e bebe aí, intão é mió num fazê, aí faiz só o terço” , aí'gual [aí igual] nóis tá fazeno aqui,quem tomô ess'decisão de fazê o terço? Isso foi a (...), madrinha (...), que tá representano a cumunidad'aí, o pai del'aí, aí ela concordô cum padre de certo, novos festero tamém num concordaro fazê só o terço, ma'í [mas aí] ela concordô cu'ele [com ele], êse tá fazeno pá [para] num discuti cu'ela [com ela], é o que tá'conteceno aí, ó. Agora vam'vê o ano que vem, né, qual'é'titude [qual é a atitude] que vai tê, puque igual êse falô'í [falou aí], ninguém vai querê pegá do jei'que [jeito que] tá, ô[ou] tem qu'ent(hesitação), cumu se diz, de primero falav'é interrá, interrá a tradição, ô [ou] senão vortá fazê igul'era, né.

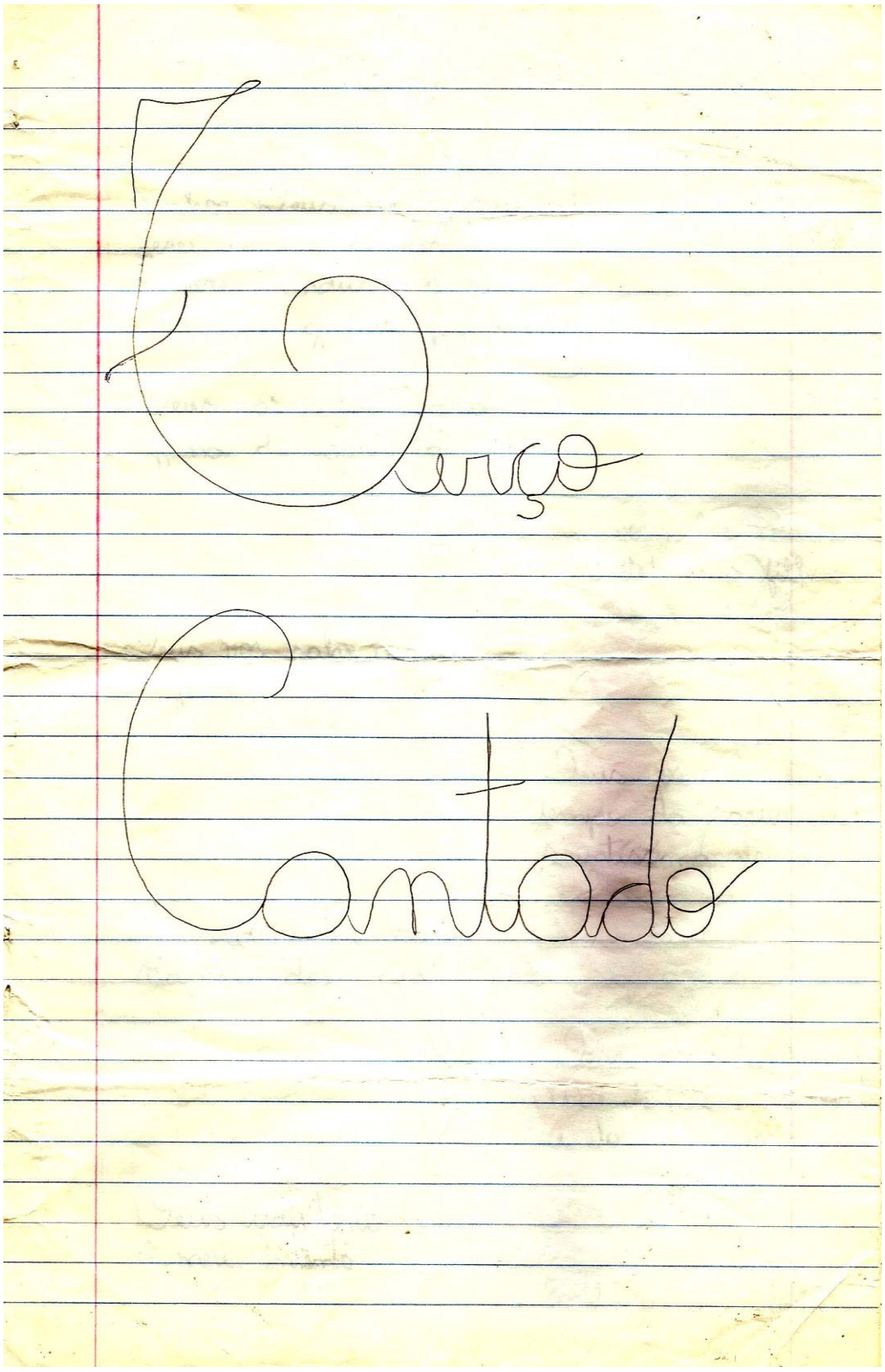
P- E o senhor acha melhor é voltar fazer igual era?

E1- Não, eu, se dependesse de mim, eu sô [sou] a favor de, de dá continuidade, puque a gente num pod'acabá cum as coisa não a gente tem que criá ôtas coisa, num é? Agô'cabá [agora acabar] c'ũa [com uma] tradição dessa de quantos ano? Num tá (hesitação), eu ach'que num tá prijudicano ninguém e ôta coisa tamém, ó, nóis aqui da roça, que mor'aqui na roça, uai, a única fes'que nóis tem pá [para] nóis divirti é essa do Tambiocó, uai, uai, (a)gora nói(s) fic'aqui na roça, (a)qui cumo se diz só trabaiano, num tem ũa[uma] divução [diverção], num tem nada, a única coisa que nói(s) riunia'qui [reunia aqui] er'época da fes [festa], riunia ũa semana antes, durante a festa, depoi'da fes'i [festa ir] lá dismanchá os trem, guardá, intão nóis tava todo mundo riunido [reunido] a comunidad'aqui, (a)gor'cabô [agora acabou], agora num vai vê uns aos ôto mais, num {risos}

P- Aí fica mais distante?

E1- É, né?

APÊNDICE I – Transcrição do terço feita pelos moradores



Terço Cantado

Senhor Deus misericórdia mi
zerei cordiai Senhor
miserei cordiai vos peço
so e sis grande pecador

Deus vos salve maria
filha de Deus Pai

Deus vos salve maria
mãe de Deus filho

Deus vos salve maria
Esposa do espírito Santo

Deus vos salve Maria
tempo da sadore da
Santíssima trindade

Deus vos salve maria
Rainha dos anjos

Deus vos salve maria
mãe de Deus advogado
e dos pecadores

Deus adijutório
ê meu intento

E de Joana e fortina

Glória ao pai - 5 vezes
Pai Nosso - 5 vezes
Ave-Maria - 5 vezes

Quêle é lenzone
" " "
Quêle é lenzone de nós
" "

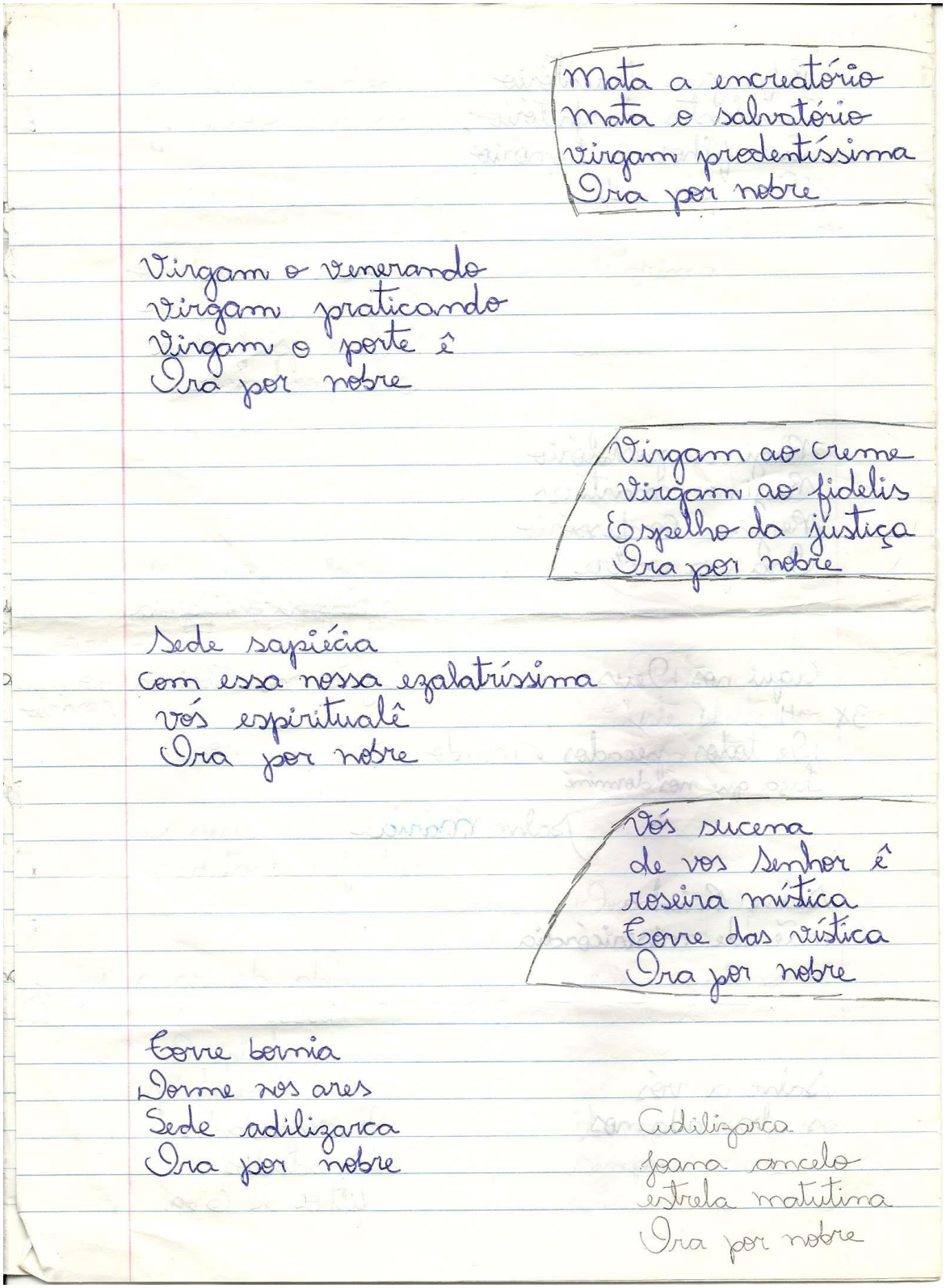
Patre de sales Deus
Redentora mãe de Deus
Espírito Santo e Deus
Hora por nobre

Sacratíssima de fones De
Santa Maria
Santa digenetrússim
Hora por nobre

Santo virgo virgo
matem em Cristo
Matem e Divina gracia
Hora por nobre

Mata a em purússim
Mata a catíssima
Mata a imviolata
Ora por nobre

Mata a entemerata
Mata em anabilis
Mata a admirabeles
Hora por nobre



Mata a encreatório
Mata o salvatório
Virgam predentíssima
Ora por nobre

Virgam o venerando
Virgam praticando
Virgam o porte ê
Ora por nobre

Virgam ao creme
Virgam ao fidelis
Espelho da justiça
Ora por nobre

Sede sapiécia
Com essa nossa ezalatríssima
Vós espiritualê
Ora por nobre

Vós sucena
De vos Senhor ê
Roseira mística
Torre das vística
Ora por nobre

Torre bornia
Dorme nos ares
Sede adilizarca
Ora por nobre

Adilizarca
Joana angelo
Estrela matutina
Ora por nobre

Refurgam fracatório
Consolastes o afritório
Cios filhos Cristionório
Ora por nobre

Regina angelório
Regina Confessório
Regina profetária
Ora por nobre

Regina postolório
Regina martires
Regina Confessório
Ora por nobre

Regina, Regina
Regina Santa no ario
Regina Sacratíssima do meu rosário
Ora por nobre

Aqui nos Deus
3x " " "
De todos pecados é mundo
Faça que nós dominé

Salve Rainha

Salve Rainha
mãe de misericórdia

Vida doçura a esperança nossa

Salve a vós
os barradamos

Os degradados
degradados
filhos de Eva

Vós suspirando
gemendo e chorando

Neste teus olhos
neste teus olhos de
lágrima.

E a pôs
advogada nossa

E o vossos olhos
misericordiosos

E a nós volve
E a nós volve a depois

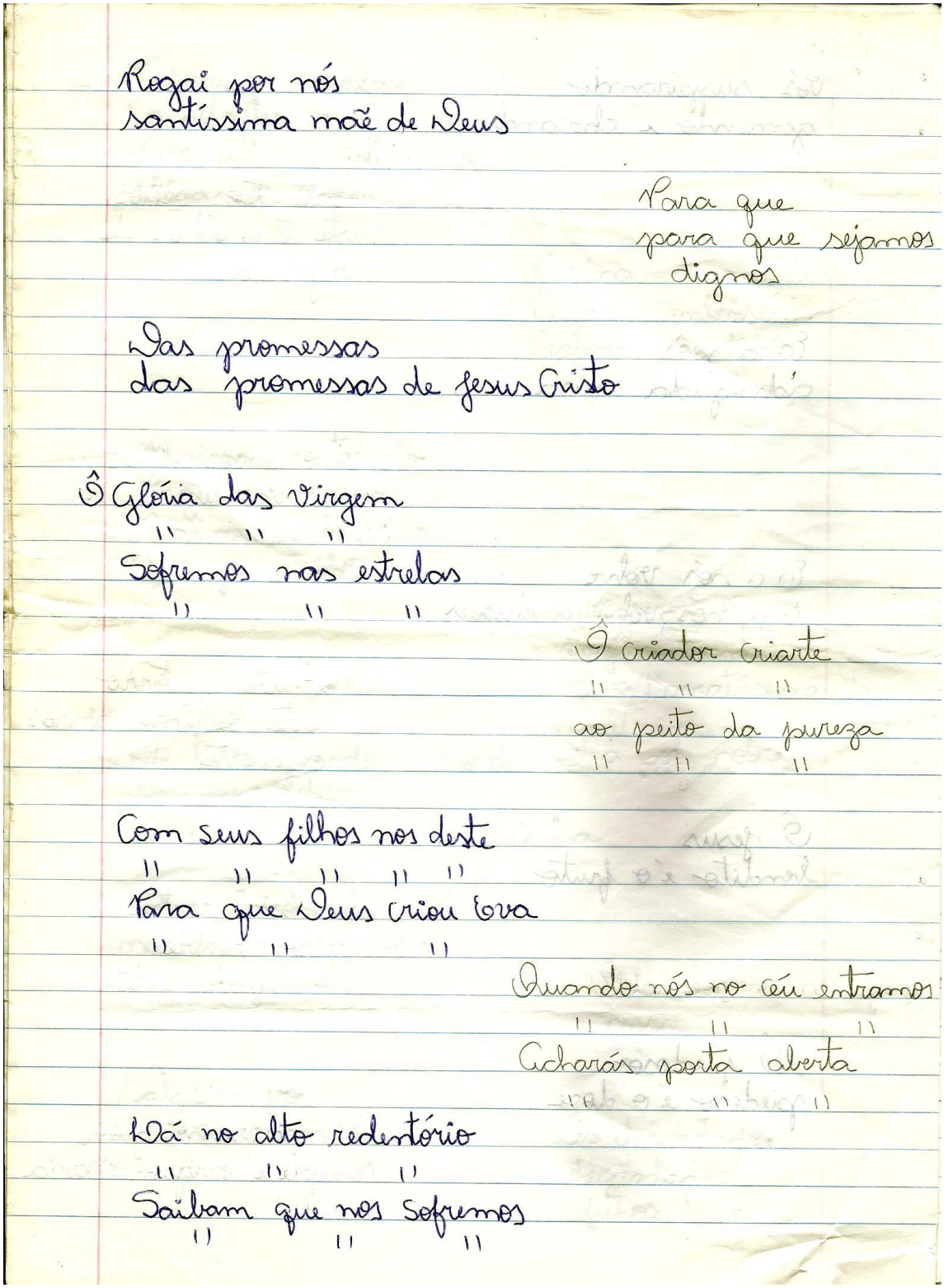
Deste desterro
deste desterro a nos
a morte

Ô Jesus
bendito é o fruto

Do vosso ventre
vosso ventre
e o quelemente

Ô piedoso
piedoso é o doce

Sempre é virgem
Sempre é virgem maria



Rogai por nós
santíssima mãe de Deus

Para que
para que sejamos
dignos

Das promessas
das promessas de Jesus Cristo

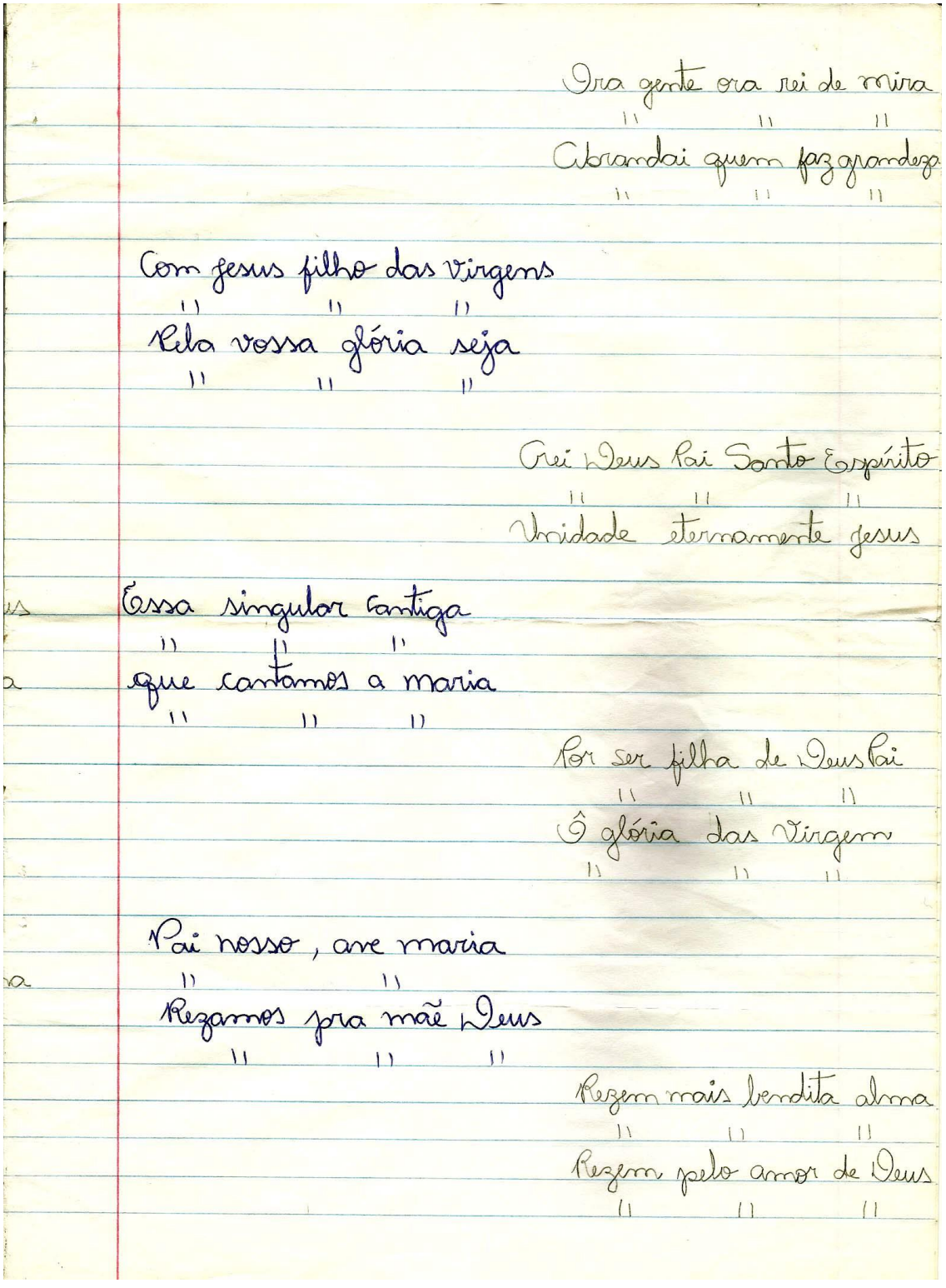
Ô Glória das Virgem
Sofremos nas estrelas

Ô criador criarte
ao peito da pureza

Com seus filhos nos deste
Para que Deus criou Eva

Quando nós no céu entramos
Acharás porta aberta

Lá no alto redentório
Saibam que nos Sofremos



Ora gente ora rei de mira
Abrandai quem faz grandeza

Com jesus filho das virgens
Pela vossa glória seja

Crei Deus Pai Santo Espírito
Unidade eternamente jesus

Essa singular cantiga
que cantamos a maria

Por ser filha de Deus Pai
Ô glória das Virgem

Pai nosso, ave maria
Rezamos pra mãe Deus

Rezem mais bendita alma
Rezem pelo amor de Deus

APÊNDICE II – Letra do cântico entoado pelos moradores para rogar a Deus que chova

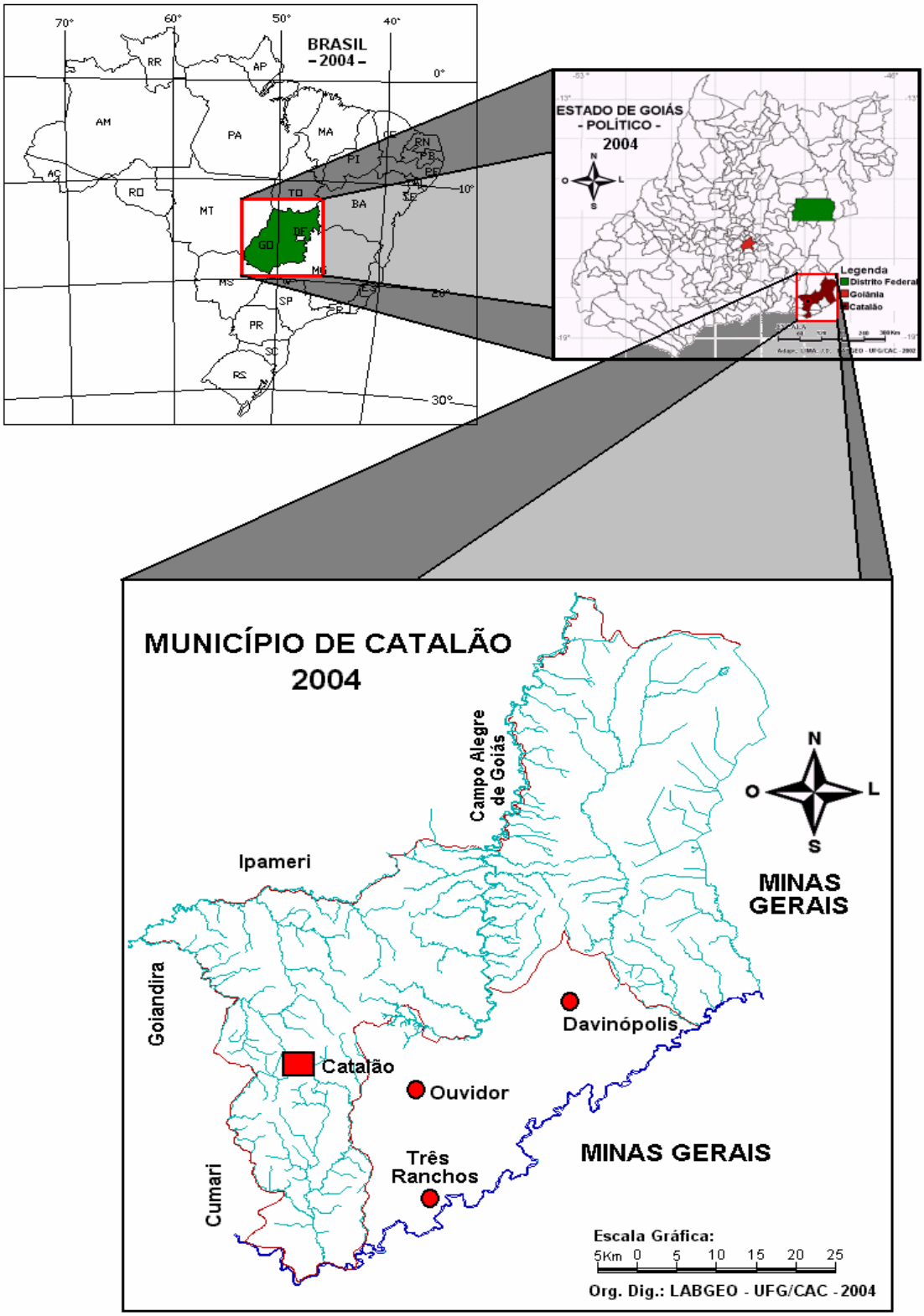
Santa Maria Madalena

Santa Maria Madalena
Pede ao senhor Deus
Que chova na Terra
Dai a chuva que nos molham
Dai o pão que nos consolam

Porque somos pecadores
Senhor Deus misericórdia

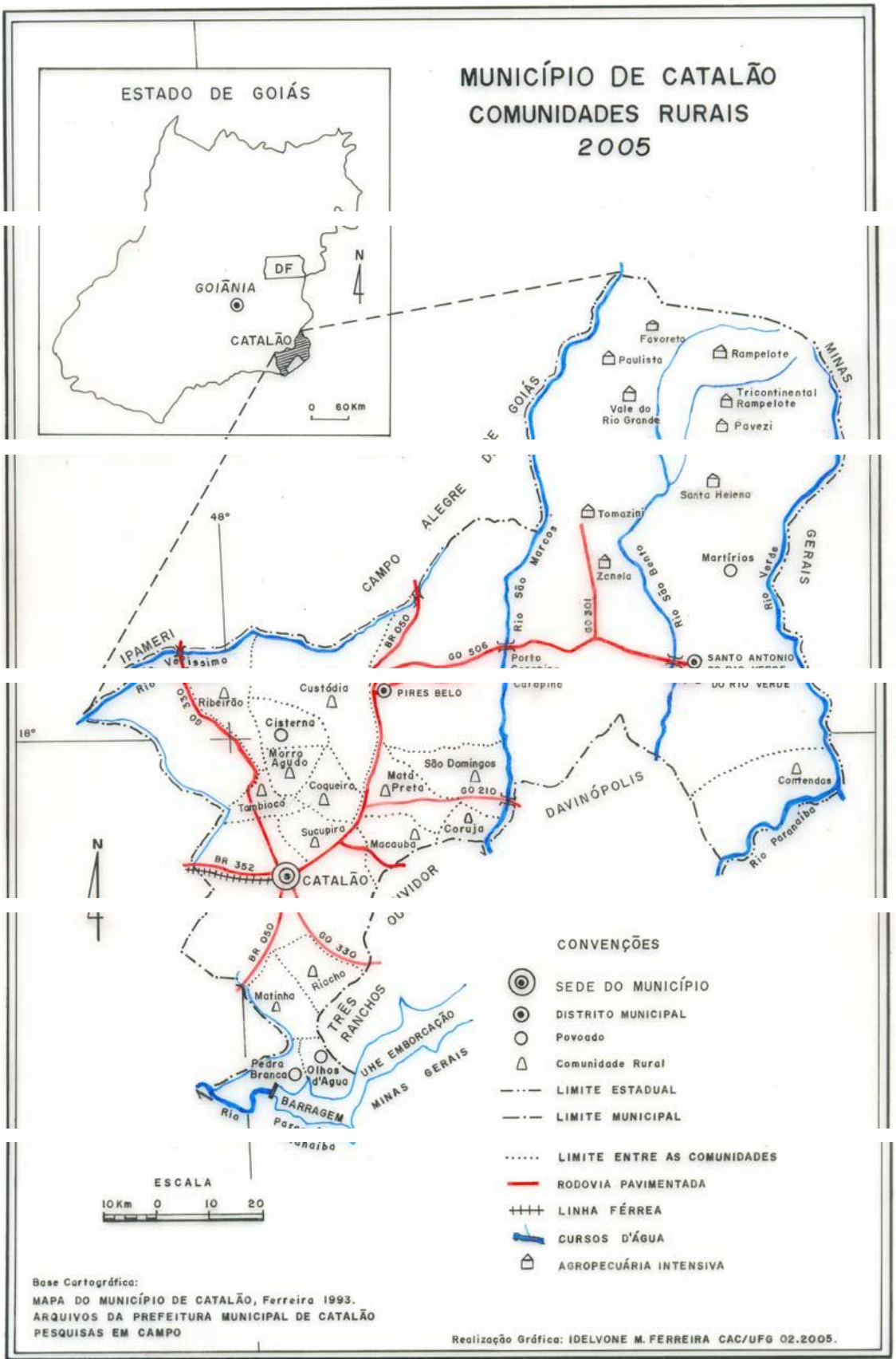
Senhor Deus misericórdia
Misericórdia senhor
Misericórdia vos peço
Porque somos pecadores

APÊNDICE III - Mapa da Localização do Município de Catalão/GO



Fonte: citado por Paula (2007)

APÊNDICE IV – Mapa das comunidades rurais de Catalão



Mapa: Localização das Comunidades Rurais em Catalão (GO)
Org. I. M. FERREIRA (2005), citado por Paula (2007)